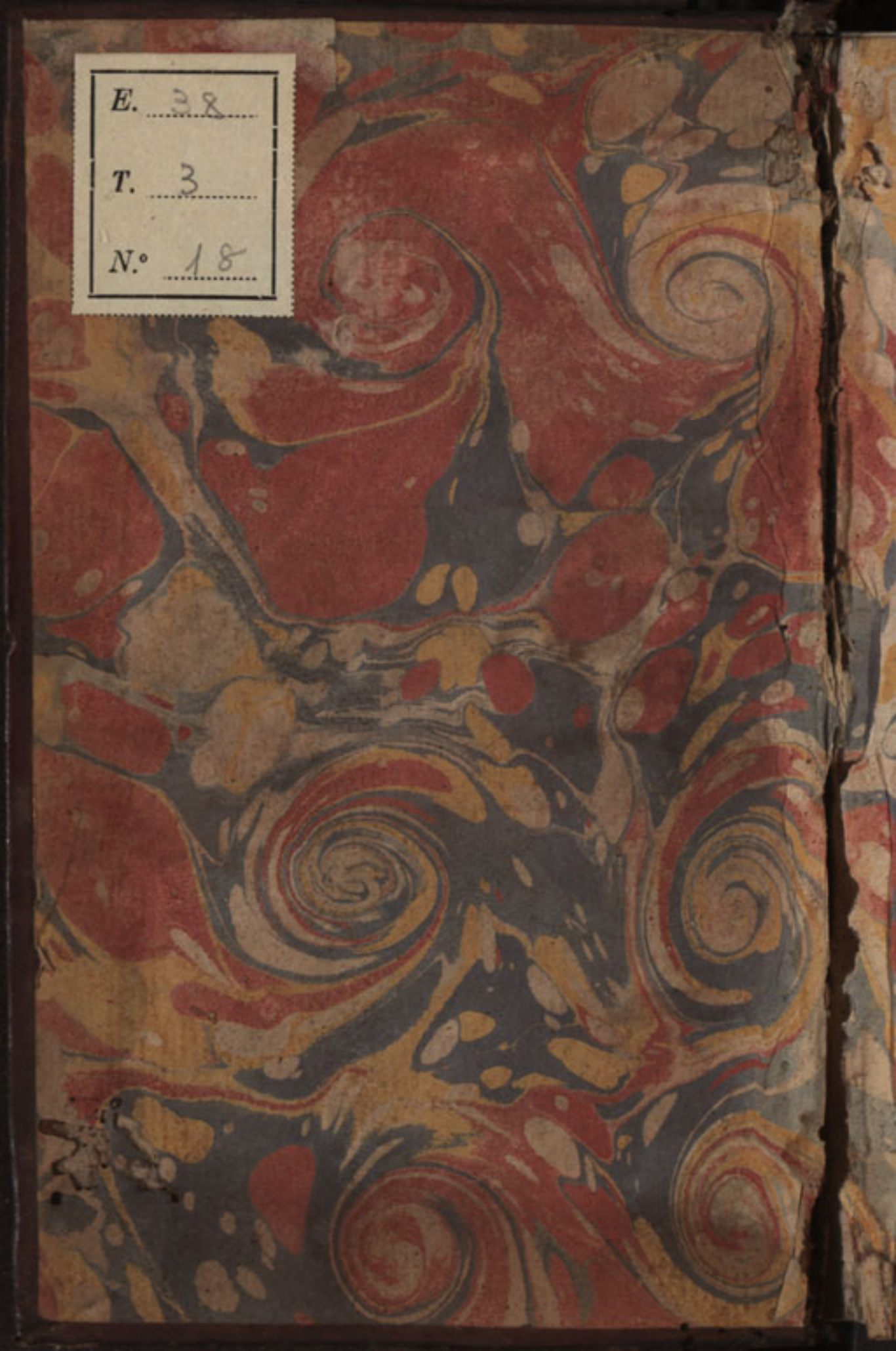
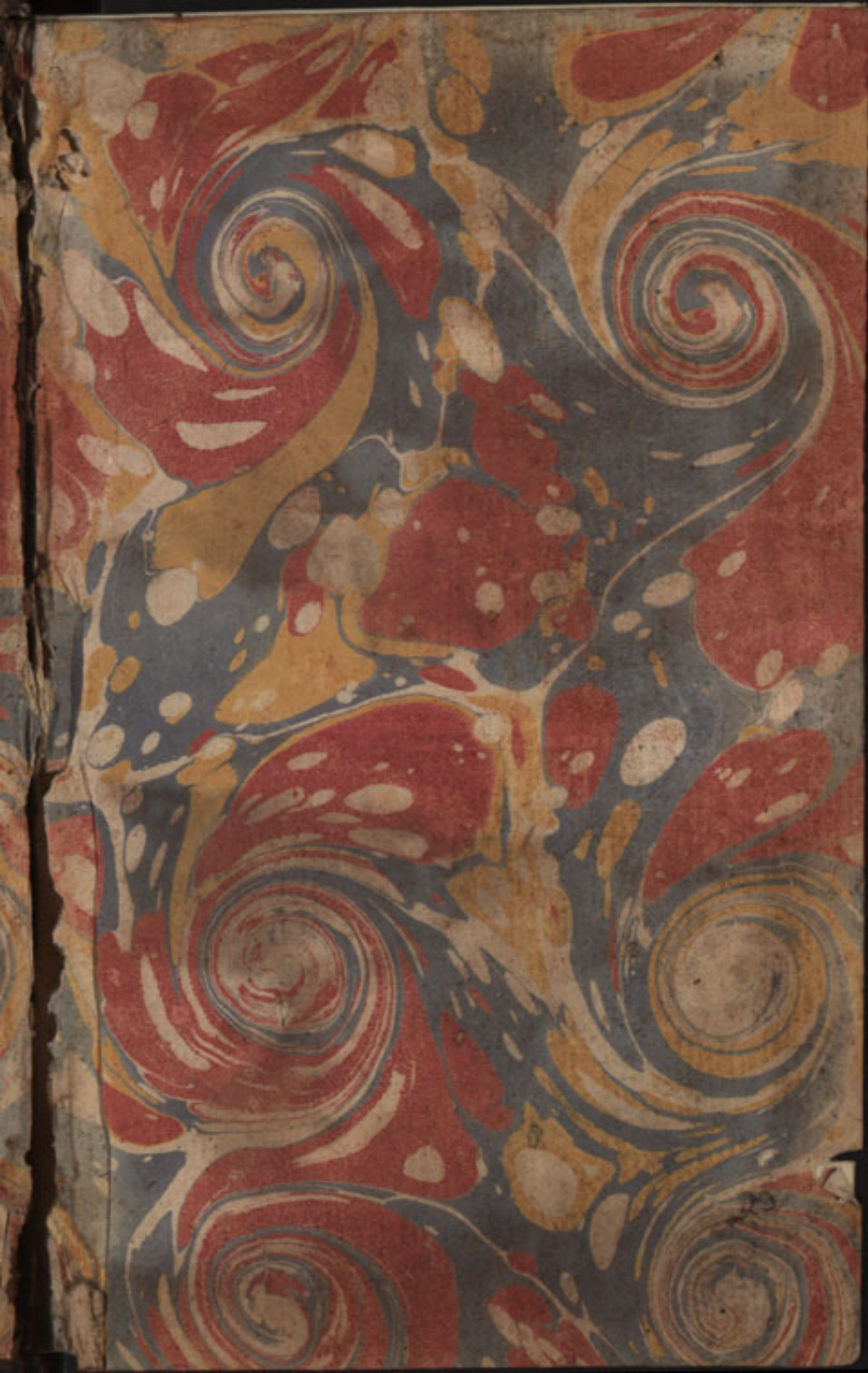


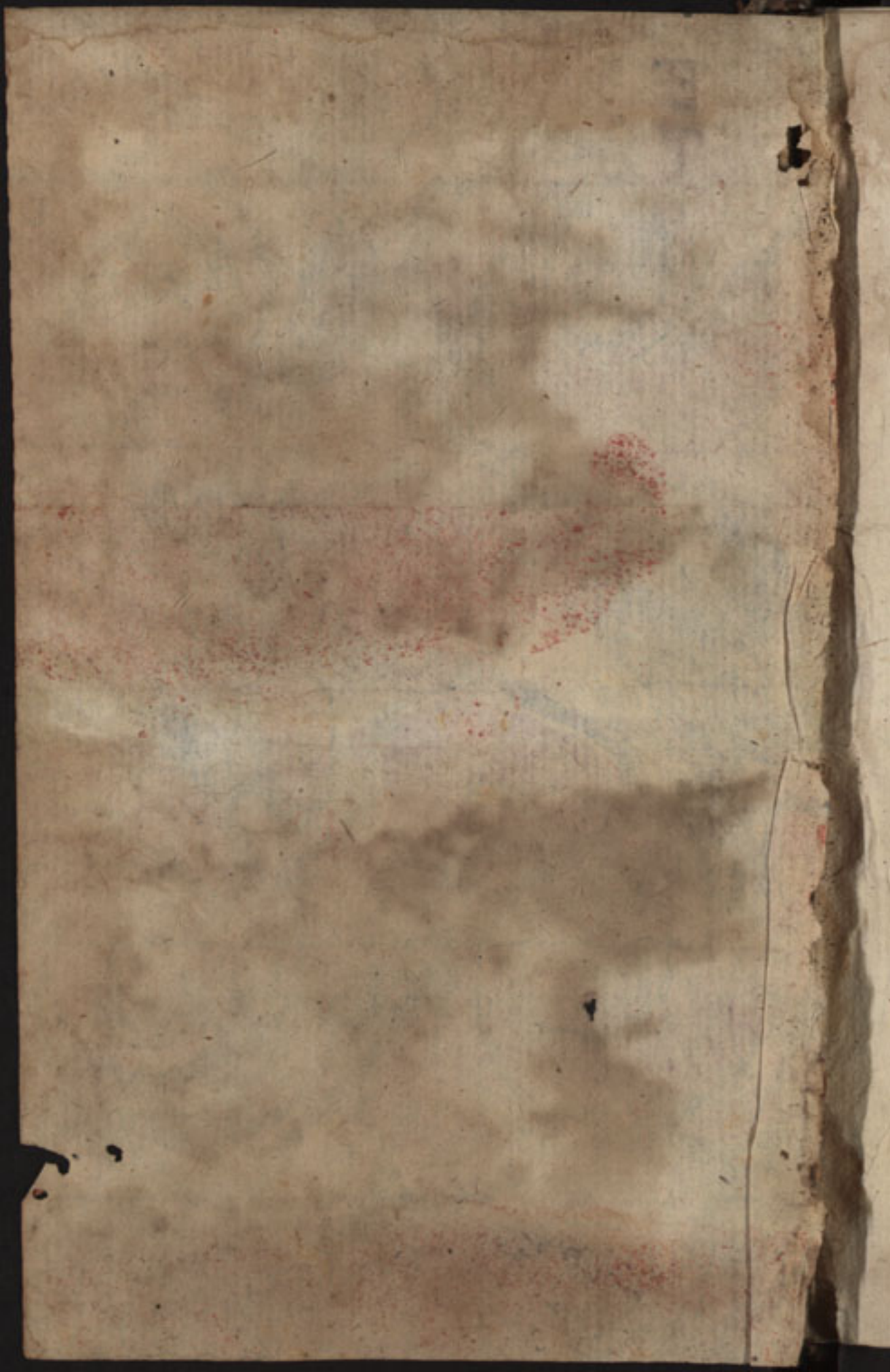
E. 38

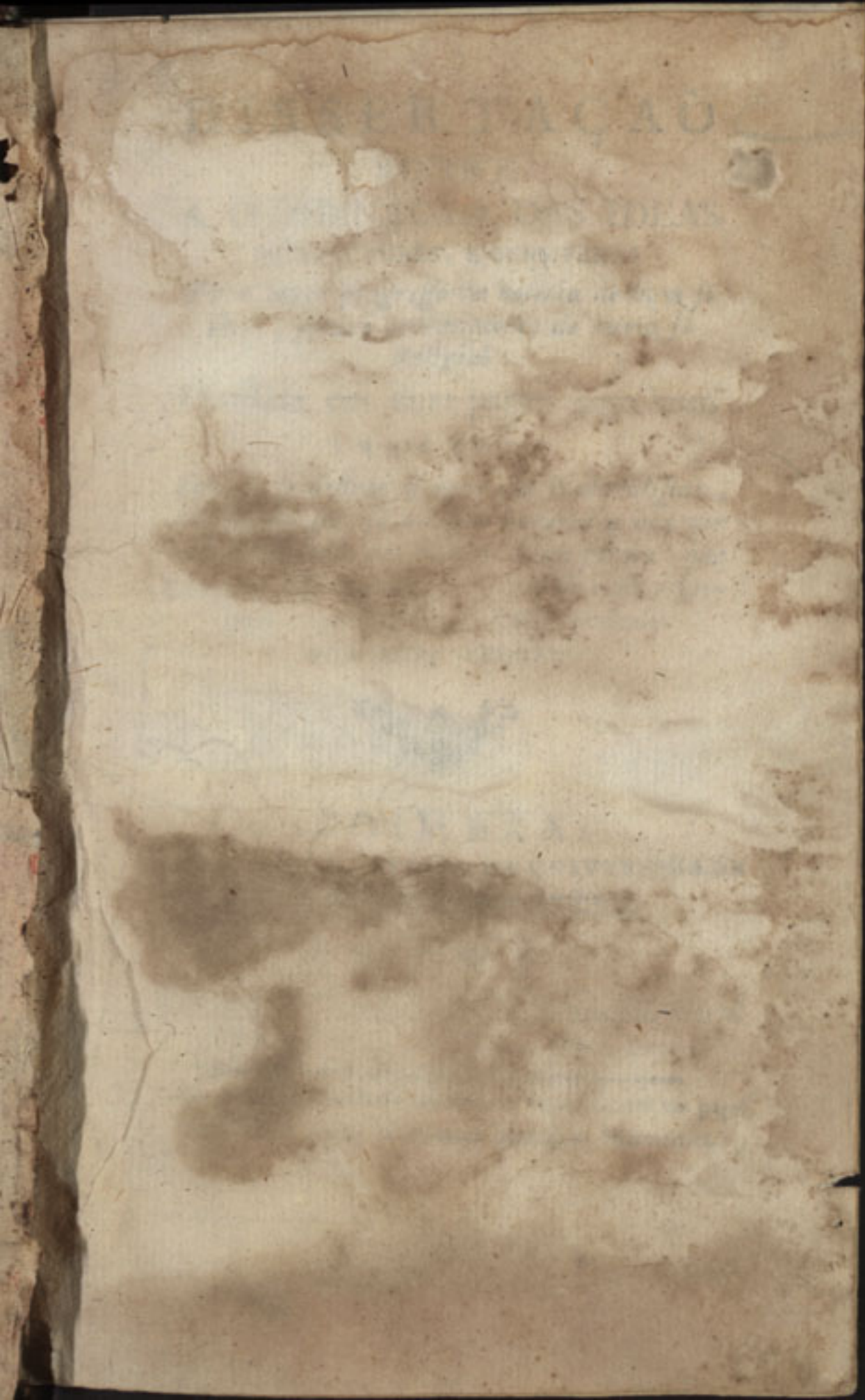
T. 3

N.º 18











DISSERTAÇÃO

SOBRE

A COMBINAÇÃO DAS IDEAS

INTELECTUAIS, E SENSIFERAS

*Para fazer progresso da noticia de hum só
Deos , para o conhecimento de huma só
Religião :*

Dividida em duas partes com hum

TRACTADO

*Em que se destroe o erro dos Naturalistas ,
que dizem ser só a razão natural a voz por
onde Deos falla aos homens , em forma que
faltando ella não ha obrigação de crer o Do-
gma , que se propõe como revelado.*

POR HUM ANONIMO



COIMBRA:

NÁ OFFICINA TYPOGR. DA UNIVERSIDADE

1 7 9 1

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral
sobre o Exame , e Censura dos Livros.*

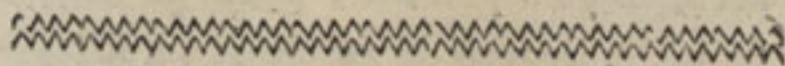
Foi taixado este Livro em trezentos e cincoenta reis em papel;
Vende-se na Logea de Antonio Rodrigues Marmelcira,





DISSERTAÇÃO

Sobre a combinação das ideas, principalmente intellectuaes, a fim de vir por hum modo natural, mas regulado, em o conhecimento do supremo ser, e seus attributos.



ADVERTÊNCIA.

S E ao entendimento, e percepção do homem subissem todos os conhecimentos de Deos com os Decretos da sua Dívina vontade, elle não só conheceria todos os possiveis, e os diversos modos de ser, mas todos os existentes: a tanto porem se não estende o conhecimento, e sciencia humana neste estado infeliz, cheio de trévas da
Part. I. A igno

ignorancia penal. Conhece com tudo este racional miseravel algumas coufas, e ignora outras, e duvida em muitas.

Devemos considerar o dito homem já em qualidade de animal terrestre, pela qual lhe competem os sentidos externos; já como espirito dotado de razão, por cujo motivo he racional.

Eu bem sei que a uniaõ d'alma com o corpo, e muito mais a fraqueza, que accresce pelo peccado, poem ao homem na triste situaçaõ de necessitar, e não poder viver sem algumas modificações, impressões, e representações sensiferas; mas querer, que desta fonte lhe venhaõ fó, tomado ainda como racional, todas as ideas, que formaõ as sciencias, he paradoxo; e mais crasso erro foi dizer, que a sua felicidade tinha daqui dependencia. O homem como animal terrestre não pode viver sem sentidos externos, sem ser vegetavel; como racional pode ter ideas, e noções sem dependencia delles.

Conheça o homem que a sua felicidade verdadeira não está na sua razão, muito menos nos seus sentidos, mas em Deus, lume do entendimento, descanso da vontade, primeiro principio, e ultimo fim, para onde se devem dirigir, e encaminhar todas as acções humanas.

Tambem conheça que nesta vida miseravel, nem se pode ver a Deus intuitivamente, nem possuir-se em perfeita felicidade. Comtudo pode ser Deus conhecido em si mesmo de alguma sorte sem interposta substancia, como já vou, e intento persuadir, principiando pela razão universal.

§. I.

Que cousa seja razão universal?

A suprema, e universal razão consiste na regra incommutavel das cousas, e suas connexões. Não são as ditas regras, e a verdade immovel das taes connexões a substancia da alma, bem como a luz do

Sol não he a substancia dos olhos ; ellas superior , immovel , e geralmente só podem residir na arte do Supremo Ente , e Soberano Artifece , donde são luminosas , e se nos communicão , não só digão as verdades da Ethica , e Moral , mas da Methaphisica , e mais sciencias. Se eu formo este discurso : „ cogito , logo sou , e existo „ he ração particular minha , mas communicada da universal , e immovel que me diz , que nenhuma cousa pode cogitar sem existir , nem existir sem ser.

Semelhantes connexões , verdades , ou principios universais , e immoveis ninguém examina para contradizer , mas segundo elles se examina , e decide tudo. Em todos os homens são os mesmos estes principios ; ninguém os fez , e ajuntou ; mas todos os achamos expostos dentro de nós mesmos , excitados nas occasiões opportunas. E supposto no tom grammatical indiquem composição , ou a não tem , ou se a tem nascem estas noções compostas de verdades , e ideas
fim-

simplices , que estão presuppõstas no nosso entendimento innatas sem a menor composiçãõ ; das quaes simplices o mesmo entendimento , pôde formar facillima , e connaturalmente essas , que chamamos principios primeiros , sendo nesse caso segundos.

§. 2.

Rasaõ particular.

Chamo Rasaõ particular ao uso bom que faz o racional das sobreditas regras : sem rasaõ , ou rasaõ particular depravada considero no máo uso dellas ; o qual quasi sempre nasce de huma ignorancia culpavel , ou do imperio dispotico , e depravado da vontade. Naõ sei como se descobre aquella rasaõ universal ao entendimento ; nesta descoberta elle conhece , ou claramente penetra ser verdade o que a mesma rasaõ manifesta, e da'hi se colhe.

Todos os homens racionaes no uso da sua raciocinaçãõ tendo em si escritas muitas daquellas regras , para ellas se
con-

convertem , e as lem , sendo por mil modos excitados em certas occasiões opportuna , e importunamente. Não ha homem , que não tenha em si escondido este theſouro.

§. 3.

Verdade incommutavel objectiva.

A verdade incommutavel tomada objectivamente he o ser increado representando as creaturas , e respeito das cousas ; he a arte do artifice soberano , a idea inconcussa das cousas factiveis ; a regra da equidade ; a soberana universal ração , que prescreve a regularidade , que poem em tudo a ordem , e a consonancia.

§. 4.

Verdade communicada , ou verdade participada.

As creaturas são esta verdade participada : ellas communicão da primeira o seu ser , e bondade proporcionadamente ;
e por

e por isso quanto este ser participado he mais ser, he mais bom, e mais vero, porque *Ente vero, e bom* tudo he o mesmo, o augmento de hum he augmento de todos, philosophicamente fallando saõ sinonimos.

§. 5.

*Verdade de percepção, ou
verdade de acto.*

Aquelle conhecimento com o qual o entendimento attinge a cousa, e seus respeitos, chamo eu verdade actual. Este acto pode dizer respeito á verdade do objecto da sua verificação por muitos modos; por conjectura, v.g. conjecturando que a idea A he applicavel ao objecto B: por crença, motivado no dito alheio; ou finalmente, e he o que faz ao caso, como tocando, e sentindo internamente na mente a verdade apprehendida com huma segurança tal, e claridade, que feita sería reflexão a quem conhece, não fica duvida prudente de ser, o que assim se
 appre-

apprehende, como se apprehende. Eu digo seguramente que esta claridade de conhecimentos intellectuais he signal certo, que me segura da verdade; de tudo quanto me for assim representado. Se não pergunto: porque sei eu que dous, e dous são quatro? Por ventura não he porque assim o vejo, e alcanço com o entendimento?

A evidencia que temos das cousas consiste no claro conhecimento, e intuito que dellas temos (salvo da evidencia intrinseca). Tudo quanto he concebido claramente, e percebido pelo entendimento não he chimera: se he entendido não pôde ser falso: diz S. Agostinho (a). Ainda aquillo, que os sentidos percebem claramente na vigilia, se elles estão sãos, e os objectos approximados, não he illusorio: mas emfim nas representações sensiferas não he tão seguro ser o objecto sentido como se sente; porque está o entendimento para poder corrigir as falacias

(a) De Genes. ad lit. L. 12. c. 14.

cias sensíferas, bem informado nas leis de representar varias, e diversas a respeito do mesmo objecto, que se sente em diversas circumstancias por differente modo. Em huma palavra se póde haver illusão em os sentidos claramente sentindo, não póde haver no entendimento claramente conhecendo: a Deos se imputaria o erro, se elle pondo no entendimento o intuito claro do objecto, falisse a tal representação manifesta, e perspicua.

§. 6.

As verdades incommutaveis quando são entendidas, são em si mesmas conhecidas sem interposta substancia, tocando nellas mental, e immediatamente o entendimento.

As sobreditas verdades vem-se em si mesmas quando são conhecidas, concebidas claramente no entendimento, pois não podendo este (como a seu tempo se dirá) ter imagens objectivas proporcionadas, em que as
pos-

possa ver, entender, e penetrar com perspicuidade; se assim se vem, forçosamente haõ de ser em si mesmo contempladas.

Nem aqui se pôde argumentar com os actos do nosso entendimento, que nos fazem ver as taes verdades na supposição de serem estes actos de conhecer imagens dos objectos conhecidos quaesquer que sejaõ, porque he falsa a supposição. Naõ saõ todos os actos imagens dos seus objectos; porque ou nenhuns saõ em si visiveis passando na sua voluvel existencia, ou se alguns podem ser vistos, e terminar como objecto outros conhecimentos, naõ haverá hum só, que possa ter em si objectivamente representadas as verdades incommutaveis, que por seu meio vio a alma contemplativa: porque semelhantes actos, e movimentos da dita alma, foraõ só meio unitivo para ella as ver: e se o entendimento pelo acto que immediatamente se dirige a contemplar outro acto, e conhecimento das verdades incommutaveis, vem no alcance dellas, naõ

naõ he porque o tal acto fosse imagem das
taes verdades , mas por excitaçaõ de ef-
pecies, passando do conhecimento de hum
termo mental para o conhecimento do
outro, do conhecimento do conhecimento
para o conhecimento do objecto delle ,
que foi ja em differente occasiaõ visto , e
conhecido, porém visto por outro meio, e
por outro modo: dado porém que esse co-
nhecimento das verdades incommutaveis
indique , e refira as taes verdades eternas,
que o primeiro vio , essa prerogativa go-
za só como uniaõ com ellas , naõ como
imagem propria , e intrinseca , indire-
cta , e naõ directamente. Nesse caso se
naõ verifica, que para o entendimento co-
nhecer com evidencia as tais verdades pe-
lo dito acto , naõ fosse preciso ter pri-
meiro outro directo a ellas immediata-
mente , e que ficasse dellas como impre-
gnado , para poder referillas , e represen-
tallas , e sem isso naõ. Em consequencia
naõ poderá nunca o nosso entendimento
formar hum cabal conceito das verdades
eter-

eternas , e incommutaveis sem primeiro tocallas em si mesmas.

§. 7

Aos nossos entendimentos em toda a parte apparecem algumas destas verdades incommutaveis , e eternas , as quaes vemos muitas vezes ainda que não queiramos

Naõ são poucas as verdades incommutaveis , e eternas , que alcançaõ todos os homens queiraõ , ou não ; O' quantas vezes se daõ ellas a conhecer , ou seja essa visãõ intellectual , ou sem visãõ por não sei , que sentimento intimo do coraçãõ ! se me perguntaõ que verdades sejaõ estas ? nomearei algumas. Quem não vê objectar-se quasi sempre diante dos nossos entendimentos hum Ente assim concebido , sem fim , nem limite algum , prerogativas só do supremo Ente. Muitas regras da Moralidade , ainda que senãõ procurem , em certas , e urgentes occasiões se propalaõ. Tambem as do

nu-

numero , e dimençaõ se fazem patentes ,
 ainda que mais a huns , que a outros en-
 genhos. Eu fallo da dimençaõ da quan-
 tidade intelligivel , para naõ confundir es-
 ta com outra quantidade existente fora da
 mente , e fora da idea : a primeira naõ
 a segunda he o genuino objecto , que se
 presenta , para contemplar o Mathema-
 tico.

§. 8.

Corollario 1.

Collige-se ser a verdade incommuta-
 vel distincta deste , e daquelle contem-
 plativo della : porque se naõ he minha
 nem tua , mas patente a todos, he distin-
 cta de todos , diz S. Agostinho l. 12.
 conf. c. 29. A cogitacão commutavel po-
 de alcançar , naõ formar huma verdade
 incommutavel.

Corollario 2.

He huma cousa positiva , pois tem pre-
 dicados positivos ; ella he boa , amavel ,
 e digna de estimaçãõ.

Co-

Corollario 3.

Ainda que o connotado , que respeita , ou representa , seja cousa creada , não o he a idea objectiva se he eterna , invariavel , immutavel ; antes do mundo ja era : ainda que não houvesse mundo seria do mesmo modo verdade tudo o que agora he verdade incommutavel objectiva. Digo incommutavel objectiva , para que ninguém se persuada quero dizer , que estas verdades *dous , e dous são quatro , hum palmo de vara he menor que toda ella ,* e outras semelhantes , são alguma cousa divina : pois semelhantes relações , e respeitos actuais nem entidade feroão diversa dos combinados , quanto mais cousa Divina (a). Quero sim dizer , que estas relações incommutaveis , e verdades eternas tem o seu assento immovel na razão in-

(a) *Sensu etiam numeros omnibus corporis sensibus , quos numeramus : sed illi alii sunt , quibus numeramus , nec imagines istorum sunt , & ideo valde sunt. Rideat me ista dicentem qui eos non videt , & ego doleam ridentem me S. Aug. conf. l. 10 .cap. 12.*

increada , na arte do supremo artifice , para que manifestada á creatura , esta possa conhecendo-as combinallas , e applicallas , servindo-lhe de guia , e direcção para o seu governo , acerto , e intelligencia.

Corollario 4.

Naõ he cousa que tenha todo o seu ser só com dependencia do entendimento creado ; pois ainda faltando este , e suspensas universalissimamente todas as operações intellectuaes creadas , as sobreditas verdades seriaõ do mesmo modo incommutaveis : e o entendimento creado naõ as fez , achou-as sem as fazer.

Corollario 5.

Naõ saõ cousa impossivel , ou chimeira ; porque saõ conformes os seus predicados , naõ tem alguma implicancia. Sendo verdades entendidas por algum entendimento saõ reaes verdades. Ninguem as poderia entender se assim naõ fossen: *Aut*

non intelligit, (falla S. Agostinho (a) do homem a cujo entendimento se objecta alguma cousa) *aut si intelligit*, *continuo verum est.*

Corollario 6.

Naõ podem ser modificações da alma ainda que dentro de si, e naõ fora, immediatamente se termine tudo quanto conhece.

Provas deste Corollario.

As modificações da alma pelo que diz respeito ao nosso conhecimento que dellas temos, saõ só sensações confusas: sentimos vivamente, mas naõ vemos, nem concebemos bem com o entendimento as relações, e predicados, que ha entre huma, e outra sensação. Tudo isto nasce de naõ conhecermos a nossa alma por virtude da sua idea archetypa; se assim fosse, naõ só teriamos huma experiencia, entenderiamos tambem as modificações que sentimos.

(a) De Genes. ad lit. L. 12. cap. 14.

timos. Pela mesma razão, que tendo idea clara da extenção perspicuamente vemos, ou podemos ver com evidencia as propriedades das diversas figuras, em que pôde terminar-se. Vemos claramente, o quadrado distincto do redondo, com as propriedades que dizem respeito a ellas, como a outras figuras diversas sem numero. Esta fecundidade de verdades donde nasce se não da idea de extenção? O contrario passa nas modificações da alma, se não as sentirmos, de nenhum modo as conhecemos; por isso o cego não sabe nada das cores, nem o surdo do sonoro. Se nunca experimentassemos a dor, o seu conhecimento não subiria de modo algum ao nosso entendimento; estas mesmas sensações vivamente sentidas não são entendidas; são logo todos os conhecimentos que nós temos a respeito das modificações da alma confusos, mais sentimos do que entendemos estas modificações. Ainda agora estou eu a ignorar o constitutivo do meu conheci-

mento , por meio do qual claramente vejo hum objecto claro. Vejo o tal objecto sem o sentir , não vejo o conhecimento , que sinto , e experimento dentro de mim. Certifico-me não ha duvida , que conheço ; pois para isso basta a experiencia intima , isto he , a consciencia da modificação , mas não entendo bem essa modificação , esse conhecimento , ignorando as relações , que ha entre esta , e outras modificações da minha alma.

O conhecimento com que alcanço as relações dos numeros põe á vista com evidencia a verdade dellas , mas não as suas delle. Tudo isto nasce , que as relações do numero , extensão , e semelhantes são conhecidas por mim na sua idea propria , mas não a natureza da alma , e suas modificações. Em huma palavra o conhecimento que temos da nossa alma he individual ; a minha conheço por consciencia , a dos outros por conjectura , e não a luz da sua geral , e especifica
idea

idea (a). Conhecendo eu logo a natureza da alma por meio diverso da idea della, devo concluir que as suas modificações me são manifestas do mesmo modo, isto he, por consciencia, sentimento intimo, e não por intelligencia.

Ora sendo isto verdade nenhuma idea clara objectiva, e intelligivel pôde ser modificação da alma. As ideas intelligiveis mostraõ, ou podem mostrar claramente os muitos respeitos que dizem, pelo contrario as modificações da alma, quando nellas tendo objectivamente nada me mostraõ com certeza, mais que huns certos sentimentos alegres, e tristes, humas certas experiencias, e poucas mais cousas que dahi se inferem, e alcançaõ, não por virtude só da tal sensação, mas pelo adjutorio, e

B 2

luz

(a) Se Mr. Descartes tem que a natureza, que melhor conhecemos he a da nossa alma, entendendo isto dá noticia particular, e individual de huma tal cousa singular, não o impugno; se entende do conhecimento da sua essência em commum, digo que melhor conhecemos a extensão figurat da materia, do que a natureza dos Espiritos incompletos.

luz de alguma idea intelligivel como já notei §. 1. e a seu tempo se repetirá §. 10. §. 25. , e na part. 2. art. 2.

Além disto ha ideas intelligiveis objectivas, que contem predicados sublimes, os quaes excedem infinitamente a alma, e suas modificações. Não são logo nestas modificações constituidas as taes ideas. Para prova basta trazer aqui á memoria a idea do infinito; ella refere hum ser interminavel, sem principio, nem fim. Não são por certo estes predicados applicaveis a quaesquer modificações da alma? Servirão as taes modificações para offerecer a phantasia pasto da imaginação tumultuaria, de nenhum modo serão termos mentaes dos intuitos intelligiveis das verdades eternas. As modificações da alma são voluveis, e não podem ser objecto constante das sciencias invariaveis. As ideas (a) que são modificações da alma, representaõ com variedade o seu objecto,

a

(a) As ideas sensiferas, que são modificações da alma;

a huns representaõ o mesmo como quadrado, a outros como redondo. Muitos homens vendo com os olhos do corpo a mesma torre, naõ a vem todos do mesmo modo, e grandeza; mas todos alcançando a relaçaõ, que ha entre dous e dous, vem do mesmo modo que saõ quatro. O Sinense, o Europeo, o Monomotapa vem estas e semelhantes verdades da mesma forte,

Ainda mais as sobreditas modificações saõ mutaveis, as ideas immutaveis: Logo se vemos com as modificações mutaveis as ideas, e cousas immutaveis, naõ as vemos nas modificações mutaveis, mas em outra cousa distincta dellas: ahi até o mesmo impio toca com o entendimento, ainda quando contradiz a verdade que sente, e della se aparta (a) *Ab illa luce avertitur, à qua tamen tangitur. Hinc est, quod etiam impii multa recte deprehendunt. . . . Quibus ea tandem regulis judicant, nisi in quibus vident? Neque*
in

(a) S. Agostinho lib. 14. de Trinit. c. 3.

in sua natura , cum eorum naturas constet esse mutabiles.

Pelo que desta verdade : *Eu sou mutavel , e todas as minhas cousas não se fegue : Logo tudo quanto vejo he mutavel : mas fegue-se ; Vejo cousas immutaveis sendo mutavel ; logo : Essas cousas , que vejo não são minhas , mas alheias , e distintas de mim.*

Que o mutavel veja o immutavel não implica , nem diz contradicção alguma ; porém he manifesta contradicção , que a mesma cousa seja , e não immutavel.

Tenho em fim concluido , que as ideas , que chamamos innatas , as quais constantemente representaó os objectos eternos , ou de verdade eterna , e incommutavel não são , nem podem ser modificações da alma.

§. 9.

Consequencias destes corollarios.

Quem não vê que as sobreditas verdades

dades são cousa distincta da alma, e do entendimento, que as contempla com suas modificações; se são ente positivo, e não chimera; se o seu ser he simples sem composição alguma, que não sendo em si creaturas eternas, se segue por legitima consequencia serem o ser exemplar na arte do supremo artifice representado, o qual deixando-se, não sei por que modo, ver da creatura racional, tanto quanto quer a fez intelligente, e illumina do modo que quer. Deos não he creatura mas contem perfeitamente todo o ser creado; conhece todas as cousas. Este conhecimento não he accidente, mas substancia, e exemplar; e por algum modo póde ser communicado á creatura racional, quando a ella se una mentalmente. Não me pertence aqui tratar do constitutivo do acto, e conhecimento de Deos, com que vê as creaturas, seja livre, ou necessario. Só digo que assim como o conhecimento Divino das creaturas diz respeito a ellas, tambem a idea archety-

pa o dirá , e sem vermos (a) a representação Divina na sua substancia , poderemos alcançar o que respeita , e representa por virtude da uniaõ mental : nem he inaudito entre os Peripateticos que a especie incognita dê a conhecer alguma cousa distincta della.

Esta uniaõ , ou amplexo mental da creatura com o Creador a eleva , e constitue na ordem de conhecer a verdade por hum intimo sentimento do coração intelligente , applicando-lhe mentalmente algumas destas verdades objectivas , para que as toque , e conceba mental , e espiritualmente, como por exemplo a rafaõ do ente sem lhe ver limite , ou contra-
 ção

(a) Não se deve reprehender o Philosopho por suster , que vendo as creaturas nas ideas , que estão em Deos , não vemos a Deos , mas as creaturas ; dizendo ao mesmo tempo , que na idea de Deos, isto he na representação dos seus predicados , vemos a Deos ; porque pôde verificar-se huma e outra verdade sem contradicção , com tanto que o conhecimento no segundo caso seja nesta vida inadquado , e obscurecido , mais abstractivo , que intuitivo.

ção alguma ; as razões do numero , extensão , e moralidade para que illustrado com taes luzes , e com o toque intimo das primeiras verdades , possa depois , fazendo attentas reflexões , e cavando nestes solidos , e seguros fundamentos , estribada nellas , adiantar os conhecimentos na Região da verdade , deduzindo das primeiras outras mais remotas , que se colhem dos primeiros principios , e das primeiras regras ; até dirigir as artes , e a norma das sciencias , ou disciplinas , concorrendo cada vez mais a verdade primeira , e increada com os esforços , estudos , e diligencia das creaturas para se lhe communicarem mais , e mais luzes , sem fazer aqui transito da ordem natural para a sobrenatural e suprema ; porque agora se não falla desta , mas da outra.

Naõ deve porém esquecer , que assim como Deos se infunde naõ poucas vezes á creatura para communicar-lhe conhecimentos , e luzes sobrenaturaes na ordem da graça , se possa tambem unir

á mesma creatura racional naturalmente para lhe communicar, como Author da natureza , algumas verdades naturaes : digo naturaes , por dizerem respeito á natureza das cousas , e não para que estas luzes sejaõ adjudicadas ao homem racional por algum direito de divida , ou jus , que nelle resida , mas por hum jus , e direito de inopia , para não ficar a obra da Arte Divina desordenada , e imperfeita, Se aqui se considera divida , he de Deos para Deos , e não de Deos para a creatura *Quis prior dedit illi , ut retribuetur ei.*

Do que temos deduzido se vem facilmente a conhecer , que Deos não só he o que allumia a todo o homem , que vem a este mundo ; mas o lume mesmo do entendimento intelligente. Assim philosopharaõ os Platonicos por isso estimados , e louvados de S. Agostinho no livro de Civitate Dei : *Lumen mentium esse dixerunt eundem ipsum Deum.* He Deos a Luz do nosso entendimento , que nos
des-

descobre para entender as mesmas verdades incómutaveis , e eternas , informando a mente racional , que não poucas vezes as contempla sem meio real absoluto ; mas não sem acto, e motu seu proprio ; porque o nosso acto de entender não he o mesmo de Deos , como impuserão alguns , que não perceberão , ou affectarão não perceber bem esta sublime Philosophia , nem a mente dos illustres Philosophos , que della tratao. Tanto assim que nem a mesma contemplação extatica dizemos ser sem conversão do contemplante para o objecto contemplado ; pois ainda que este objecto seja concebido sem meio , e phantasmas , não he sem acto , sem modificação da alma , sem conversão da creatura , e uniaó mental della com a verdade eterna , a qual ficando em si immutavel , como he por effiçencia , mudã ao contemplante formado nella.

§. 10

Tres modos de apprehender os objectos

Primeiro modo: Pela experiencia dos sentidos intimos, ou das operações internas a alma racional apprehende, e fica conscia que conhece, que ama. . . &c. sem outra alguma especie, ou imagem, sem meio algum; depois reflectindo nestas operações conhece que tem ser, e existe; mas fez este discurio, porque teve idea innata do ser, e existencia; ella ausente o não faria. He util fazer aqui esta reflexão. Segundo modo: Por muitas, e diversas imagens dos objectos corporais, que na alma, não sei quem, e como se formão, mas sei que ella nessas imagens sente os corpos de fora existentes, na conformidade de certas leis instituidas pela providencia do Creador. Estas imagens são certas modificações, ou sensações da alma unida ao corpo, que ella, ou nella se formão, e resultão na occorrença com os diferentes
movi-

movimentos , e direcção dos objectos externos , que ferem os orgãos do corpo unido ; tudo dirigido para avisar a alma do que fóra se passa ; pois sendo os objectos externos incapazes de ser em si conhecidos pelas suas trevas , opacidade , e distancia , se vem a fazer conhecíveis , e se conhecem nas ditas modificações e imagens mentais , que os representem , e fação de algum modo conhecidos , precisa a revelação Divina , ausente a idea intelligivel da cousa objectada , de cujas ideas , a respeito das cousas que se sentem , nos quiz Deos privar , não nos concedendo por este modo de as conhecer individualmente : substituiu porem para não ficarmos de todo cegos ás sensações , e modificações internas varias , e diversas dos objectos externos ; as quais são como humas revelações , que de algum modo naturalmente os representam : bem como as palavras , cuja imposição he preciso conhecer-se para não errarmos na sua applicação e uso.

O Ter-

O Terceiro modo de apprehender, he quando o entendimento humano se une naturalmente com o Divino ser, pela manifestação, e toque das verdades incommutaveis, e eternas; as quaes S. Agostinho chama Arte do Omnipotente Artifice. Deos não quiz fôssemos inspeçtores de todas as razões desta Arte, nem de todos os varios modos de as conhecer, mas dignou-se descobrir-nos algumas por algum modo, para que o nosso entendimento podesse apprehende-las, não estúpida, e sensivelmente em algum symbolo, em alguma imagem grosseira, e menos propria, mas tocando as ditas verdades em si mesmas, para contemplar com evidencia na sua beleza sem interposta substancia.

Illustração ao terceiro modo de apprehender.

Deste modo apprehendemos claramente o ente sem o limitar na mente. E que he ente illimitado se não o Supremo?

Da

Da sobredita apprehensão do Ente Supremo deduz o entendimento outras verdades inclusas nelle , se he Supremo , ha de ser forçosamente Espirito, Prudente, Bom, Optimo . . . &c. Deve logo ser venerado dos entes inferiores. Daqui vem que todas as Nações do mundo tem hum certo conhecimento de Deos , e por isso procurão render-lhe adorações , e obsequios de Religiaõ: mas porque paraõ nas primeiras luzes , e apprehensões sem reflectir , e discernir ajustadamente , porque não procurão penetrar bem as propriedades e attributos deste Supremo Ente , que ainda que não queiraõ tem diante dos olhos do entendimento , apprehendendo bem julgaõ mal , attribuem á creatura o que he proprio do Creador , erraõ torpemente os cegos cuidando ser aquelle numen , que apprehenderaõ , o Sol , a Lua , ou outra qualquer creatura , e fazem retroceder para ella os impulsos que directamente tendiaõ para o Creador. Depois deste grande erro , não he muito accrescentem

outros atrozes nos modos profanos, e indebitos de adorar, supersticiosos, e nefandos.

Da sobredita apprehensão do Ente Supremo, passo a fazer menção da do licito e honesto, quero dizer, a idea das Virtudes moraes nos seus primeiros principios: *quod tibi non vis alteri ne facias*, e outras semelhantes. Algumas destas noções, ou principios todo o homem apprehende sem poder declinar a verdade dellas na urgencia de lhe serem necessarios para a pratica, e alem de o mover forte, e suavemente para se conformar com o que ellas dictaõ na obra, tambem lhe daõ luz para que cavando, contemplando, e applicando-se mais, e mais a sua indagação, se venha no conhecimento exacto das verdades mais particulares, e se possaõ facilmente tirar conclusões já proximas, já remotas. Nestas he facil padecer engano; porque o erro aqui se introduz sem ser conhecido pela má applicação das regras geraes aos casos particu-

la-

lares ; mas se eu sou docil , e sem precipitação a mesma regra me inspirará á não julgar ; e esta forte de lição não he menos importante que a primeira.

Para cabal instrucção do homem pelo que diz ordem ao civil , e politico quiz Deos dar-lhe idea simplez do numero , e da dimensão como base , e fundamento que haviaõ ser de todas as sciencias especulativas. Apprehendendo o Mathematico a unidade a multiplica , e torna a multiplicar , tirando o producto resultante , o qual divide , reparte , e compara descobrindo nestas operações as raizes cubica , e quadrada , as proporções geometrica , e arithmetica. Da mesma forte sem deixar as luzes , que lhe descobrio a unidade , apprehendendo a extensão intelligivel a limita , prolonga , e corta até formar linhas , e figuras varias , pesquisando as propriedades dessas figuras de mil , e mais lados , e de aspectos taes , que os olhos não alcançaõ , mas sim o entendimento , que discerne bem

as suas propriedades, aproveitando-se ao mesmo tempo das ditas verdades geometricas para se fazer perfeito na Optica, na Machinaria, na Architectura. Tira do teu entendimento as luzes, que te ministra a idea da unidade apprehendida em si mesma, e da dimençao, ou quantidade, e ficarás as escuras, e apalpade-las.

Naõ nos podemos fiar no numero, e quantidade exteriores tocadas com as maõs, e com os sentidos; se o fizermos ficaremos naõ poucas vezes enganados, pois nem sempre a sua apprehençao he exacta: liguemos sim nestes symbolos externos as ideas intelligiveis internas cuja apprehençao he voluvel de si, e fugaz para que alli se firmem na mente, naõ escapem, e desapareçao; mas regulemo-nos pelas ideas, e naõ pelos symbolos. O triangulo perfeito por exemplo, que se mostra na idea, tem tres angulos iguais a dois rectos exacta, e constantemente. O triangulo formado
fora

fóra della, onde quer que seja, pôde não ter essa exação, e não ser perfeito, ainda que o pareça.

Dos tres modos sobreditos de apprehender se compoem, formam, e se deduzem algumas ideas, ou imagens mentaes da maneira, que direi a seu tempo. Agora devo primeiro declarar que cousa seja o que eu chamo idea.

§. 11.

Do que se entende por Idea objectiva.

Por Idea objectiva entendo eu o objecto immediato do nosso espirito representado dentro do entendimento, ou em si mesmo, se for ahi visivel este objecto, ou em alguma fórma, sendo elle incapaz de se conhecer em si mesmo, seja por falta de aproximação mental proporcionada, ou por sua natural opacidade. A dita forma interna chamo eu Idea objectiva, terminativo immediato do conhecimento. Esta Idea pôde ser, e he ordinariamente alguma cousa distincta

daquillo a quem se applica , e nella se conhece mediatamente.

§. 12.

Que cousa seja Idea actual , ou de Acto , a que communmente se chama Idea formal.

Por Idea actual formal entendo eu a percepção , ou acto de conhecer , o qual se dirige , e encaminha para o objecto , ou em si mesmo visto , se he luminoso , espiritual , e intimo , ou para alguma imagem do dito objecto , a qual imagem tem a alma presente , sendo absente , ou material o tal objecto conhecido , a quem chamaõ de attribuição.

§. 13.

Que cousa seja Idea simples , e Idea composta.

Por Idea simples entendo toda a que não he composta de duas cousas , ou modos distinctos , e diversos. Pelo contrario he

he composta a que consta de muitas cou-
fas, ou modos diversos.

§. 14.

*Que cousa seja Idea innata, Idea intel-
ligivel, e Idea clara.*

Idea innata, ou infusa he aquella
representação objectiva, que nem a al-
ma formou de si, nem dos objectos ex-
ternos. Tal he a idea do infinito, até
na opiniaõ de Mr. *Arnaldo Des Vrayes, et
des fausses ideês* cap. 27. n. 2. *On en peut
dire autant de l'ideê de l'infeni, ou de
l'etre parfait. On ne peut concevoir, que
nous la puissions former de nous memes, et
il faut, que nous la tenions de Dieu.* Mui-
tas vezes conhece a alma que esta idea
naõ he ella mesma, mas distincta de si,
que se excita na mente em certas occa-
siões oportunas, para haver de ser co-
nhecido aquillo que representa. Sabe o
cognoscente muitas vezes que naõ he el-
le, que conhece esta idea conhecida por-
que

que descobre nella predicados diversos dos seus , e muito mais sublimes.

Idea intelligivel (a) he aquella termina-
ção

(a) Monsieur *Arnaldo Des Vrayes, et fausses idées* Cap. XI. pag. 108. determina a palavra *intelligere* para significar propriamente aquella cousa que se conhece sem que o cognoscente forme imagem alguma corporal no cerebro, ou aonde quer que seja, para a representar. Donde as cousas materiaes singulares (segundo o seu sentimento) como hum tal cubo, hum tal celindro, não são propriamente intelligiveis, mas sim sensiveis; e de rasoão *Parce que nous n'apercevons les corps singuliers que par le moien de nos sens. Mais en general elles sont intelligibles et ne sont meme que intelligibles.* Pela qual rasoão este Philosopho diz acertadamente, que quando hum Geometra demonstra as propriedades de hum quadrado, ou triangulo, isto não he de hum tal quadrado, ou triangulo, *mais de tout triangle, et tout quarre*, não tem porem rasoão ficando na persuasão que este objecto intelligivel que dá materia constante ao Geometra, consista nas apprehensões, ou modificações da alma cognoscente frageis, inconstantes, obnubiladas... O mesmo Arnaldo quer suster que as ideias que Deos tem na sua mente sejam tambem das obras individuaes in singulari: o Padre Malebranc impugnado pelo dito Arnaldo, e D. Antonio d' Annuniação inherente a S. Agostinho, dizem que as taes ideias são só das rasões geraes, as quaes Deos vé pela simples intelligencia, e as individuaes pela visão, que supoem acto de vontade; na primeira, e não na segunda
conf-

ção objectiva mental tão perspicua, e manifesta que deixa a quem a alcança seguro da verdade, razão, ou respeito ahí contemplado, que parece quem assim entende ter entrado com o entendimento sem imagens corporeas dentro da mesma verdade, ou pelo menos que a toca mentalmente sem velame.

Toda a idea intelligivel he clara. (a)

Por

constituem formalmente a idea exemplar; porque *indentice* tudo he huma substancia: seja o que for, eu digo que as ideas que se nos communicão por intelligencia são só das razões em geral; porque as cousas existentes se conhecem pelo sentimento, que dellas temos.

(a) Descartes tem que nenhuma idea clara mostra todos os predicados do objecto, com todas as suas propriedades, o Padre Malebranc diz, que ella produz luzes para discernir todas as propriedades da cousa, o que, e não lhe convem. O primeiro não diz mal, porque idea clara, e adequada são, ou podem ser diversas ideas: o segundo não quer dizer que quem attinge por idea clara hum objecto logo percebe todas as propriedades d'elle, o que, e não lhe convem; mas que a tal idea de sua natureza he apta para produzir essas luzes, supposto que a capacidade da nossa alma seja escassa, e vagarosa para discernir tudo ao mesmo tempo sem nenhum trabalho. Por esta razão quanto mais se contempla a dita idea, e nos applicamos

Por idea clara entendo eu aquella, que por simples intuito pode mostrar evidentemente a verdade do objecto, que representa, ou logo na primeira vista, ou feita reflexão, e justo raciocinio. Os conhecimentos destas ideas huns ajudaõ aos outros no descobrimento da verdade; elles de si saõ fecundos de verdades, de luz, e claridade; mas a nossa capacidade he curta e limitada; por isso necessita de cultura, e applicação nos seus progressos.

A idea pode ser certa, bem ajustada, e verdadeira, e não ser clara, assim como o nosso conhecimento pode ser de verdade certa, sem que o seu objecto nos seja intrinsecamente evidente,

§. 25.

camos á indagação della, tantas mais verdades alcançamos por virtude das luzes que administra. Vejaõ quantas, e quam innumeraveis verdades nos não tem patenteado, e descoberto os Geometras? Pois todas tem nascido da exacta contemplação da idea de *extençãõ* figuravel, e partivel, a qual não se deve negar esteja como exemplar representada na immensidade, e essencia divina, supposto que em si seja infiguravel, e impartivel; porque isso não impede representar exemplarmente tudo aquillo que ad extra for figuravel, e partivel.

§. 15.

Formação artificioza das ideas compostas.

Enriquecida a alma com os tres sobre-ditos modos de apprehender os varios objectos que conhece , a saber pelas intimas experiencias da sua consciencia , impressões sensiferas , e pelas ideas innatas, claras , ou intelligiveis , entra a fazer os seus juizos, e os seus discursos, os quais lhe vão deixando diversas imagens , e lembranças dentro em si mesma : estas lembranças sendo excitadas , fazem que a dita alma algumas vezes as recorde, conceba , e reconheça persuadida da verdade dos objectos , que já lhe foraõ representados sem ser necessario que se recorde dos motivos , que nesse tempo teve para assentir , e segurar-se da verdade dos ditos objectos, que agora lhe vem á mente.

E porque não direi eu que estas memorias , que não podem deixar de ser humas certas modificações intimas da alma , estaõ subordinadas á vontade do Philosopho-

losofo , e que podendo escolher dellas , como o Impressor as letras , haja de designar as convenientes para formalizar hum certo artificio objectivo, ou ideas compostas , e imagens daquillo que quer figurar, persuadir , ou examinar ?

Póde ser que estas ideas compostas figuradas na mente sejaõ só directamente imagens dos primeiros actos , juizos , ou apprehensões , e indirectamente dos objectos inferidos , ou apprehendidos. Devo com tudo advertir , que estas ideas haõ de reputar-se verdadeiras , se os juizos , e actos que representaõ foraõ verdadeiros , e conformes aos seus objectos representados , ou apropriados , e por falsas , e phantasticas se o naõ forem.

Devo tambem advertir, que supposto os actos recordados todos fossem separadamente verdadeiros , e as especies , que delles ficaraõ na memoria , separadamente consideradas conformes aos seus objectos solitarios , se mentalmente se unirem intentando figurar a idea de hum ob-
jecto

jecto composto , a quem ella se refira , e accommode, será idea falsa. Por exemplo a idea de hum espirito completo , e a idea da materia organizada, ambas estas ideas , ou especies tem separadamente objecto real , a quem se refiraõ sem ficção ; porém naõ unidas em huma só idea , ou imagem para significar a essencia do Anjo. Naõ só he preciso que os extremos da liga sejaõ verdadeiros , mas que essa liga seja bem fundamentada. Ninguem dá credito ás ideas , ou imagens, que na sua mente lhe forma a imaginação tumultuaria , e vaga.

Cada hum dos homens conforme apprehende , julga , e discorre , ou está affeiçoado , forma de muitas ideas simples a idea completa do que quer figurar. O genuino Philosopho olhando naõ só a huma , mas para todas as faces , e principiando por partes a examina-las completamente , forma o seu juizo. Intentando v.g. figurar a verdadeira idea do homem , olha primeiramente para as
suas

suas intimas operações , para os seus juizos , para os seus actos internos de conhecer , e amar ; dellas infere ter no seu constitutivo hum principio espirital , e existente : da existencia dos sentidos externos vê , apalpa , e percebe constar tambem de corpo , e de corpo unido ao espirito pela admiravel correlaçã , e harmonia que observa reguladamente , e assim formalisa ultimamente a sua idea , e diz que he hum composto de corpo , e espirito , hum animal racional. Discorrendo assim discorre bem , e ajustadamente sem erro.

Pelo contrario hum Materialista pelas experiencias dos seus conhecimentos internos infere justamente que elle existe , e he cognoscente ; porém desvia-se da rectidão da verdade quando cuida não ter em si principio algum espirital , mas huma materia mais subtilizada capaz de amar , e conhecer , e outra mais crassa , que vê , e apalpa com os sentidos externos , donde miseravelmente enganado , attribuin-

buindo á materia mais do que vê incluído na sua idea simples (que he erro Philosophico) vem cega , e sophisticamente a concluir , que o homem só consta de corpo , excluído o espirito ; e figura daqui a idea humana de hum puro automato. Depois de hum tal Philosopho meter dentro de si esta patranha , passa a formaliza-la, e faze-la imprimir naquelles infelices discipulos , que cegamente o attendem como a mestre , e como a oraculo.

Por este modo he que se formão bem , ou mal as ideas compostas, coadjuvando para ser exacta a sua composição o auxilio , que com as suas luzes administra as ideas innatas , e intelligiveis ; ou pelo menos as memorias que na alma deixaraõ as apprehensões , ou juizos , que dellas se deduziraõ , pois sem estes socorros mal poderia o entendimento ajudado fomite das apprehensões , e ideas sensiferas figurar com exaçaõ , e propriedade ideas das cousas abstractas , immateriaes , e muito complexas. §. 16.

*A que causa se haõ de attribuir as ideas ,
que não são intelligíveis , mas sensiferas ,
com as imagens, e apprehensões que d'a-
hi resultaõ , e nascem.*

Os conhecimentos experimentaes, e sensiferos não são tão sublimes que não caibão na esphera da produçãõ da alma. He certo, que ella tem sua actividade pelo menos *ad intra*, pois não he pura potencia passiva. Ora sendo isto verdade, porque razão se lhe ha de negar a produçãõ das taes apprehensões, ainda fallando das primeiras, que resultaõ nos sentidos pela occurrencia, toque, ou movimento dos objectos externos communicado aos orgãos internos do corpo, e que a alma está unida? Por ventura ella não percebe, seja como for esses movimentos, e delles se affeiçoa por differentes modos de conhecer, tudo na conformidade das leis de representar, que instituiu o Autor da natureza? E se attenden-

do

do a essas leis alguém quizer attribuir só a Deos, como Legislador as primeiras modificações, e apprehensões; as segundas, os segundos actos, as reflexões sobre elles, e as diversas combinações mentaes, principalmente desordenadas bem se poderaõ attribuir tambem á creatura, e regularmente fallando assim deve ser. (a)

A alma he quem figura imagens falsas, ou phantasticas das verdadeiras,

e

(a) Não se deve negar que a vontade he mais que causa occasional do seu motu livre: quanto ao mais não disputo agora do modo com que as outras causas segundas o faõ; advirto porém que não poucas modificações pelo que diz respeito a conhecer, e imaginar, não estaõ sem algum influxo da vontade: o mesmo Malebranc. allegado por Mr. Arnaldo *Des Vrais, & fausses idées*, c. 27. fica de accordo que o espirito se pôde modificar differentemente *L'Esprit peut se modifier diversament par l'aétion que Dieu met en lui.* pag. 483. O que supposto parece ter razão Mr. Arnaldo em dizer que segundo os seus principios podia Malebranc fazer o entendimento potencia activa pela aptidaõ de formar da idea do infinito a idea do finito; assim como fez a vontade activa pela faculdade de poder determinar ao bem particular a inclinaçaõ, que Deos lhe infundio para o bem em geral.

e legitimas apprehensões ligando na phantasia o que se não pôde ligar na realidade, formando idolos puramente mentais, donde procedem os erros, e infinitos prejuizos. Além disto todas as apprehensões da alma são modificações della, e eduzidas da sua substancia, ainda mesmo as que cahem sobre as ideas architypas, e innatas. A mesma doutrina se deve applicar a respeito de todos os juizos, discursos, e aetos naturaes da alma cognoscente, com as ideas, imagens, modificações, e especies mentaes, que dahi se formão, e nascem.

O que se mostra 1. Porque não são estas ideas substanciaes, alheias. 2. Porque não são qualidades absolutas, realmente distinctas della, ja abandonadas da Philosophia. 3. Porque não podem ser modificação alguma da materia, sendo ellas cousa espiritual.

Em fim se todas as ideas universalmente como se pertende fossem creadas por Deos, ou havia de ser no principio
quan-

quando se infundio a alma no corpo , ou depois quando successivamente se vai conhecendo hum , e hum todos os objectos , e individuos : não pode ser o primeiro modo de pensar , porque sendo sem termo as cousas , que a alma vai conhecendo , e pôde conhecer , seriaõ sem termo infinitas as ideas logo ao principio creadas , ou seriaõ indefinitas , o que implica. Nem huma só idea creada por Deos serviria para representar objectivamente todas as cousas , e ser terminativo mental proprio de todos os conhecimentos , porque essa idea creada assim concebida seria infinita com infinitas perfeições diversas. Não pôde ser o segundo modo de pensar ; porque a alma pôde modificar-se por si mesma diversamente , o que não faz a materia , que não se move , mas he movida. Esta proposição he innegavel. Se pôde successivamente a alma modificar-se ; porque não poderá em taes circumstancias produzir a idea , ou apprehensão daquelle objecto , cujo co-

nhecimento lhe he entaõ connatural? O nosso modo de viver he acto de vida, naõ pôde dizer-se rigorosamente creado, nem ser existente, sem que o vivente tenha nelle a sua acção eductiva, ou productiva. Basta aqui aquelle concurso da causa universal, que he proprio, e indispensavel, sem o qual a segunda naõ pôde produzir o seu effeito; mas effeito que naõ obstante se lhe imputa, e he de algum modo produzido por ella.

O Argumento, que se forma para persuadir a necessidade de crear Deos na alma as ideas, ou imagens mentaes de todas as cousas, que ella conhece, he fundado na necessidade de ter todo o conhecimento terminativo interior: a força do dito argumento se faz mais suazi-va nos primeiros conhecimentos, que tem a alma, dos objectos materiaes, e sensiferos, que estaõ fora separados della. He certo que nem o conhecimento, nem a alma cognoscente sahe fora do corpo para se vir abraçar, ou terminar no ob-
je-

jecto exterior , que está apartado , e ás vezes bem longe: logo dentro da alma se termina o conhecimento , e sem sahir para fora se une com o objecto cognito em alguma imagem mental , que faça as suas vezes ; e esta he a idea creada por Deos antes de todo acto de conhecer ; aliás haveria acto de conhecer sem termo de conhecimento.

A este argumento se responde por muitos modos : 1. que a idea ou imagem pretendida para ser termo , como se diz , pelo menos dos primeiros conhecimentos , que formá a alma sem ser creada por Deos particularmente *ex nihilo* , pôde ser causada , ou traducta por ella , supposta a lei da occurrencia tal , e tal dos objectos exteriores , antes de se produzir , ou expressar o conhecimento ainda primeiro , pois não he esta imagem tão sublime , que não possa commensurar-se com a capacidade de hum espirito cognoscente , e se este pôde produzir o acto de conhecer , porque não

D a

pa-



poderá produzir o termo do conhecimento, sendo na verdade seu modo, e modificação natural, propria delle, não qualidade absoluta, nem substancia alhea.

Em 2.º lugar dirá alguém, que o acto sensifero bem se póde terminar na imagem material interna do objecto externo; pois como todos sabem estas imagens, e delineações são impressas natural, e internamente nos orgãos dos sentidos; o que claramente se tem averiguado na vista dos olhos, em cujas membranas se admiração pela experiencia de Cartesio deliniados os objectos externamente fronteiros. Nem embaraça, que esta imagem sendo material seja immediato terminativo do acto espirital; pois ella está internamente unida ao extremo, com quem a alma tambem se une; e se por ser material não he imagem propria, e da mesma ordem, he quanto basta para notificar á alma unida o objecto correspondente, supposta a Lei de Deos, e a ordem que poz nas causas. Com estas
duas

duas respostas se dá cabal solução a toda a duvida ; e fica manifesto não ser necessario , que Deos infunda na alma por criação as ideas , ou imagens mentaes de todas as cousas que ella haja de conhecer por qualquer modo que seja , sem , ou com dependencia dos sentidos.

§ 17.

Se as Ideas innatas intelligiveis objectivas tem causa

Estou persuadido , e já mostrei , que muitas destas ideas , se não todas , são as mesmas razões increadas das cousas creaveis , que estão na arte do supremo Artifice , melhor do que na mente do Archycto está a idea das suas obras , aonde elle as vê , e contempla primeiro que obre. Sendo isto verdade não se pôde assignar causa alguma , que o seja das ditas ideas objectivas ; pelo menos se me deve conceder que as primeiras , e primigenias , invariaveis , e incommutaveis , que raião na mente humana , são in-

incausadas: sendo as razões, que estão na arte do supremo Artífice não tem causa; mas ellas são a causa, são o exemplar, são o lume que por si mesmo fecunda o espirito, que para ellas se converte, e as contempla; são o objecto incómutavel dos primeiros conhecimentos intelligiveis, intrinsecamente evidentes, e são como outros tantos amplexos da creatura racional com o Creador, e mental uniaõ com as suas verdades, como vou a explicar do modo que me for possível.

§. 18.

União, ou amplexo de Deos com a creatura racional

Naõ será admiravel que apenas se possa explicar a presença de Deos na alma, quando apenas se pode perceber a vida da alma no corpo. A uniaõ do Creador com a creatura racional naõ só he possível, verifica-se tambem de presente no seu acto,

acto, e existencia. Todas as creaturas estão em Deos por *præsentiam*, porem as racionaes nelle vivem, nelle se movem. Esta uniaõ intellectual he maior, ou menor, segundo elle quer, e se digna communicar-se. Ora sendo Deos Luminoso, e a alma capaz de ser illuminada, que mais he necessario supposta a dignaçãõ divina, que attender ella, e voltar os olhos do entendimento para ver, e perceber nesta luz, que a banha, o Autor da Natureza, que a creou á sua imagem mesma, e ahi as regras das sciencias naturais, e da moral, que dizem respeito, e são conformes ao estado natural da dita creatura, á qual se digna unir-se, e adoptar-se o Autor da Natureza, primeiro, e ultimo fim de toda, e qualquer substancia, que raciocina?

Eu bem confidero que o homem pelo peccado original, com que se deturpou, mereceo ser despojado de todos os dotes, e prerogativas sobrenaturaes; que foi ferido nas naturaes; porém se ficou
nesta

nesta parte escurecido , não quiz a dignação Divina se reduzisse a huma cegueira total ; e quando não tenha olhos de ver , ou tendo-os seja impedido , e embaraçado pela multidão desordenada de seus tumultuarios phantasmas , para não gozar de todo o esplendor da verdade em huma serenidade limpidissima , tem com tudo os olhos abertos , tem pelo menos toques intimos , e abraços do seu Creador , e da verdade para nelles , como por experiencia , poder attingir alguma cousa do Ser Supremo , dos Divinos attributos , das razões das cousas creaveis , as quaes sendo mortas , e tenebrosas fora de Deos , na arte do Omnipotente são vida , e luz como bem notou S. Agostinho sobre aquelle texto do Evangelho de S. João : *Sine ipso factum est nihil, quod factum est: in ipso vita erat* sem que a Vulgata correcta possa prejudicar esta lição como attesta Lucas Burgense: *Consulto illud quod factum est ita est interpunctum , ut & praecedentibus jungi possit , & subsequentibus :*

o mesmo S. Agostinho em outro lugar chama ao Verbo: *Ars quædam omnipotentis, ac sapientis Dei plena omnium rationum incommutabilium, & omnes in ea unum sunt. De Trin. lib. 6. e 10.*

Naõ quero dizer que estes conhecimentos de Deos transcendaõ a esphera cõnatural das cousas naturaes, mas assim como na ordem sobrenatural os Extaticos e outros contemplativos, por hum acto, a que chamaõ mistica Theologia, e contemplaçãõ passiva, se formaõ em Deos sem o ver intuitivamente, por meio, e virtude dos toques, e amplexos sobrenaturaes (que assim lhe chamaõ estes Theologos) da mesma forte por seu modo as almas racionaes unidas segundo a ordem natural ao seu Creador, sem o verem, pela intima experiencia, pelos toques, e amplexos naturaes vem no conhecimento, e alcanse das rações ideaes das cousas naturaes immediatamente, apesar dos phantasmas, que no presente estado acompanhaõ sempre os conhecimentos-

mentos da alma unida , e agravada pelo corpo.

He maior do que se imagina o comércio , que temos com a verdade: Deos não só he o lume dos nossos conhecimentos , mas tambem o termo delles ; não de todos , dos mais sublimes , e admiraveis. Deos he o alvo a que atira o pensamento casto , he objecto primario , que se presenta para contemplar a sabedoria humana. Não estão por certo , ó Philosopho contemplativo da verdade , nos artefactos creados o que ves com os olhos , e sentidos do corpo as ideas intelligiveis da verdade , que dentro em ti contemplas , e admiras. Essas ideas residem na arte do Artifice Soberano , e nós estamos mais nellas , do que ellas em nós ; as creaturas são excitativo , que nos fazem algumas vezes recorda-las. Quem alcança a verdade incommutavel , vendo as creaturas , he porque passa de hum conhecimento , e objecto para outro objecto , e outro conhecimento ex-

cita-

citado do conhecimento das creaturas visiveis, e palpaveis, que estão fora, passa para o conhecimento dos predicados invisiveis, que contêm as mesmas creaturas na sua virtude, apprehendendo-as donde ellas são luminosas; alli vê de Deos em Deos o que os olhos, e sentidos corporaes não pôdem: *Invisibilia Dei per ea, quæ facta sunt, intellectu conspiciuntur.*

§. 19.

A alma de si, e de seus sentidos não pôde formar as primeiras ideas objectivas, e imagens de muitas cousas, que claramente conhece v.g. o infinito.

Pondo de parte as ideas da Arte do Supremo Artifece, não ficão na alma, deixe-me fallar assim, cores simples materias, com que haja de figurar as imagens de muitas cousas que conhece: o infinito, o Ente Supremo, &c. . . Em consequencia ao espirito finito não pôde occorrer a idea do infinito, sem que o mesmo infinito lha manifeste, ou lha for-

forme. A alma, ou outra qualquer creatura não contém em si os predicados, que se descobrem em semelhantes objectos, a reflexão bem apurada não pôde extrahir de si, ou do objecto, mais do que nelle estava antes de meditar: o entendimento não pôde fazer imagem do que nunca vio, da mesma forte que os Magos eraõ ineptos para interpretar a Pharaó o sonh, sem este lhe ser propallado. He logo preciso confessar, que a alma, antes de lhe mostrarem o objecto de semelhantes ideas, nam pôde conhece-lo, nem formar delle idea.

Faz-se mais patente esta verdade a respeito dos conhecimentos evidentes, e das ideas claras, e intelligiveis. Quem não sabe que o homem racional tem a sua esphera de actividade limitada não só a respeito das operações materiaes, e sensiferas, mas das mesmas modificações mentaes, que não pôde, que he inepto para exerce-las por si só, sem soccorro de outrem, que seja de ordem superior?

Sen-

Sendo isto verdade , como poderá a alma finita , mendaz , e inconstante apprehender as regras incómutaveis da verdade com tenacidade tanta , sem hesitação , com evidencia clara , sem que venha em seu soccorro , e seja fortalecida por luz mais poderosa , e efficaz , que se objecte para a elevar ao alto superior a ella ; que lhe tire a sua innata hesitação , e mobilidade effencial , que lhe ponha diante dos olhos hum objecto tão claro , e luminoso , que a faça não hesitar nada a respeito da verdade do mesmo objecto que apprehende. As sobreditas regras da verdade incommutavel longe de serem formadas pelos meos pensamentos , elles são corregidos , e formados por ellas , ainda que eu não queira sujeitar-me á sua decisão : não he logo por mim deliniada , e pelos meos cabedaes , huma tal idea muito superior a toda a minha imaginação , e pensamento ; porém sobre esta verdade ainda tratarei mais largamente. Este grande lume em idea , ou em

em exemplar está sem duvida na arte do Supremo Artifece , e ahi se descobre mentalmente , ahi se toca , e apprehende: donde se segue, que a verdade imcommutavel , e o mesmo infinito existem na realidade. (a)

§. 20.

(a) *Si ce que je apperçois est l' infini present a mon esprit , ce etre infiniment parfait est donc. Si au contrairt ce ne est que une representation de l' infini , que l' imprimt en moi , cette ressemblance de l' infini doit etre infini ; car le fini ne ressemble environ l' infini , et n' en peut etre le vraye representation. Il faut donc que ce quis represente veritablement l' infini ait quelque chose de infini pour lui ressembler , et pour le représenter. Cette image de la Divinite meme sera donc un second Dieu , semblable au premier en perfection infinie : comment serat-il reçu , et contenu dans mon esprit borné ? Fenelon Demonst , d' le exist. de Dieu cap. 10. pag. 386. Il faut donc conclure invinciblement, que c' est l' Être infiniment parfait qui se rend present a mon Esprit , quand je le conçois. Idem pag. 387.*



§. 20

Implicancia , que aparece na idea , ou imagem propria , e particular de Deos distincta delle , e por elle creada.

Se a idea objectiva intrinsecamente representativa de que se falla , e só entra em questaõ , fosse creada por Deos , ou fosse elle o seu autor , seria ajustada , propria , e não alheia do objecto representado ; devia logo iguala-lo , ou contello : donde a especie que se finge igualaria a Deos , e seus attributos , e por consequencia ou não era creada , ou continha ao Creador a creatura pela ração da continencia, e estar no mesmo gráo de imãterialidade para usar deste termo Thomistico , por cuja ração negaõ todos estes Escolasticos a possibilidade de huma especie propria , e intuitiva de Deos , e seus attributos ; e outros grandes Theologos pela mesma ração , e fundamento negaõ a possibilidade de qualquer especie ainda abstractiva propria de Deos : e na

ver-

verdade em huma , e outra questaõ militaõ os mesmos fundamentos. Tudo o que naõ he infinito, ainda que pareça muito grande , está delle infinitamente distante , e apartado para lhe ser semelhante ; sendo infinitamente desemeilhante , nada tem de semelhante.

Agora me lembra que huma das razões porque os PP. vindicaraõ a Divindade , e Consubstancialidade do Filho de Deos , era ser igual ao Pai , havendo pela boa philosophia de ser igual na supposição de ser delle naõ artificial , mas natural imagem : e se nas cousas creadas se naõ acha semelhança do Nascimento do Verbo Eterno , tambem se naõ pôde achar da sua substancia Immutabilidade, Divindade, e Magestade : diz S. Agostinho de verbis Dom. 38. *Non invenitur aliqua similitudo nativitatís ejus , quomodo non invenitur & substantiæ ejus , & immutabilitatis , & majestatis ejus* : vêm aqui nascentes as palavras de hum dos Prophetas maiores : *Cui ergo similem fecistis De-*

um : Nec Deus exprimi potest ut est in se :
 Glossou Duhamel. Daqui ninguem pô-
 de arguir contra o uso das imagens de
 Deos , porque se nenhuma ad *vivum* o
 representa , excita a sua memoria , diz
 Sanches sobre o lugar citado de Isaias
 40. 18. *Neque hinc inferri potest illicitum ;*
& otiosum esse imaginum usum ; nam licet
imago nulla ad vivum Deum representet ;
excitare tamen potest Dei vivi , & veri
memoriam in hominum animis.

Nem se diga que a continencia , que
 argue igual , ou maior perfeição a res-
 peito do contido , só he naquella cousa ,
 que tem a virtude de obrar fora do en-
 tendimento , não na mental , e intencio-
 nal , que fica dentro do espirito ; porque
 o ser mental pôde conter , e causar o
 material , e não è *contra* ; o ser mental
 he de linha mais nobre que o não men-
 tal : a operação mental he a primeira , e
 mais illustre. A produção eterna he men-
 tal , e não material. O edificio na men-
 te do architecto tambem influe na obra
Part. I. E real

real externa , não pelo contrario ; na mente do architecto tem vida , fora he totalmente morta. Não tem logo menos valor a idea mental objectiva , do que o physico instrumento , casa , ou arca material de fora ; antes he mais nobre , e superior , e por conseguinte o continente he absolutamente ou igual , ou superior ao contido.

§. 21.

Illustração da mesma materia.

Sabemos com evidencia que ha hum só Deos , e que elle he Ente perfeitissimo, infinito, eterno, omnipotente, omnisciente &c. . . tanto assim que se disputa nas escolas , em qual destes , ou outros predicados divinos , que pelo lume natural nos são conhecidos com evidencia , consista a essencia methaphysica de Deos. Sendo isto verdade não se póde negar que conhecemos , ainda que escasamente , mas com evidencia a quiddidade de Deos, pois elle não tem acciden-

tes. Isto supposto pergunta-se se conhecemos a Deos quiddativamente nelle mesmo, e no seu lume, ou em alguma cousa, que o represente? Dizem alguns que se conhece em huma idea, ou forma creada por Deos mesmo, isto he o que vou a impugnar.

I Esta idea seria o meio *in quo* se conhecia a Deos, mas isto he o que não pôde ser: como posso conhecer a substancia de Deos na tal idea sem Deos ahi estar, ou ser a mesma idea: eu não posso conhecer no A o B, sem que este B esteja naquella A, se na idea conheço a Deos quiddativamente, Deos está na idea, ou a tal idea he o mesmo Deos. Nem satisfaz o dizer que na idea está Deos *in representando*: pois a substancia de Deos não se pôde propriamente representar com cores, e cousas creadas, e a tal idea, na supposiçãõ de ser feita para representar a Deos, havia de ser ajustada, e propria para esse fim. Não ha em todas as cousas creadas semelhan-

ça propria de Deos , e seus attributos , clama ensinado da boa Philosophia , e das Santas Escripturas o grande engenho de Agostinho. (a)

2 Esta idea seria imagem natural , e Filho de Deos ; pois imagem he : *id quod proprie repræsentat illud , cujus imago est* ; ella de sua natureza representava propria , e ajustadamente a Deos. Depois disto ; filho naturalmente he aquelle , que tem a sua origem *viventis à vivente in similitudinem naturæ* : ella que se não suppoem coufa morta , mas viva tinha a origem *viventis à vivente in similitudinem naturæ* , & quidem per intellectum : que mais lhe faltava para ser filho ? Isto he absurdo , logo &c. . . Nem me digão que essa idea he acto , pois não ha acto sem objecto , e desse objecto he que fallamos , affirmando que não pôde ser visto pelo acto , se não em si mesmo.

3 Não ha nem pôde haver coufa
crea-

(a) De verb. Dom. 38.

creada que contenha , ou possa conter a Deos , ou feus attributos : a supposta idea continha os attributos de Deos , logo &c. . . . Nem basta o dizer que os continha *in representando* , como dizem , e naõ *in essendo* : sem advertirem que a continencia *in representando* he ex genere suo melhor , que a continencia só *in essendo*. Digo pois segundo os bons principios. Quem contém propriamente *in representando* contém *in essendo*. (a) Naõ fallamos aqui da representaçãõ artificial , e imaginaria por virtude de alguma

ma

(a) Esta doutrina naõ discorda da escola. Basta trazer aqui as palavras de hum curso escolastico dos melhores : *Nam species impressa alicujus objecti inserviens ad cognoscendum illud clare, ut in se est, est ejusdem essentia, & speciei cum illo, . . . seu est ipsa species quidditas rei representata.* Salmat. tr. 2 de visione Dei disp. 2. dub. 5 Nesta mesma disputaçãõ dub. 5. *Esse representativum in specie intelligibili non est aliquod esse fictum. Sed verum, & reale esse intrinsecum: ergo species intelligibilis representativa Dei est in esse representativo ejusdem nature univoco cum Deo, erit utique idem cum illo in aliquo vero esse reali, ac prainde haberet univocam, & atomam convenientiam in predicto esse reali cum illo.*

ma liga , e uniaõ mental de muitas ideias de cousas ja conhecidas: nem da representaçaõ moral , e accidentalmente adherente ; mas da representaçaõ nativa , que he a quiddidade da mesma representaçaõ , a qual representaçaõ a nossa cogitaçaõ alcança e não faz , percebe e não constitue : esta he a que contém *in essendo* o que mostra em si representando nativamente: e por conseguinte a casa na mente do architecto não he menor, do que de fora ; a imagem do objecto visto, formada dentro da potencia visiva , da mesma sorte : o filho contido no pai he igual , porque saõ da mesma substancia *in specie*. &c. . . . Não estamos nas semelhanças typicas , methaphoricas , allegoricas , e improprias , estamos nas nativas , substanciaes , de si expressivas. Esta he a ração porque Mallebranc , e Fenelon , os melhores metaphysicos do seu tempo, sem tanto circuito de palavras propozeraõ a impossibilidade da dita ideia, como cousa evidentemente demonstrada,

Pois

Pois não havendo , nem podendo haver nas creaturas cousa semelhante a Deos , induzindo-se ella como semelhante se declarava chimera. Da doutrina exposta se colligem algumas verdades.

Corollario 1.

A alma não contem tudo o que conhece ; porque muitas cousas conhece por virtude , e adjutorio distincto , superior a ella , e nesse caso quem contem não he a alma , mas o adjutorio com ella.

Corollario 2.

Não he o mesmo final , e imagem. As creaturas podem dizer-se finaes do Creador por excitação , e não por representações nativas , e proprias do Creador.

Corollario 3.

As cousas espirituaes não se conhecem propriamente pelas semelhanças das cousas materiaes , nem as Divinas
pelas

pelas creadas. He expressa doutrina de S. Thomas. 1. p. q. 12. art. 2.

Argumento contra.

Conhecemos a Deos nesta vida como por hum espelho em enigma, como diz o Apostolo, logo &c. R. Por dois modos se pode conhecer o objecto por hum espelho; ou como couza transparente, que não embaraça a vista do objecto, ainda que o offusca, e diminue, ou como por reflexão dos raios da luz, que reverberaõ do espelho para os olhos. De qualquer modo que seja, nunca o espelho, mas a especie que nelle está he a que mostra o objecto que veja. Vemos pois diz S. Paulo como por hum espelho nesta vida a Deos; não porque alguma couza creada o represente propriamente, mas porque qualquer meio, que se interponha ainda que offusca, não tira de todo a vistaõ. Desenganemo-nos que nas creaturas não está a especie de Deos, que contemplamos. A belleza de Deos
como

como reverberando das creaturas para mim, se imprime no meu entendimento, e se manifesta em si mesma disfarçadamente, enigmaticamente, escaflamente, com tudo ella não estava na creatura, estava em mim ainda quando della não cogitava: he opiniaõ de Santo Agostinho *Aliud nosce, aliud cogitare*, por isso disse hum grande Philosopho, que nos nem sempre conhecemos o que sabemos.

Se me perguntaõ porque quiz Deos que fossimos excitados das creaturas para o cogitar, estando elle dentro em nós com as regras incõmutaveis da verdade?

R. que por muitas razões pode ser. 1. Porque hindo o homem procurar as creaturas fora para ser semelhante a Deos, o mesmo Senhor quiz, que pelas creaturas de fora fosse admoestado, para que se recolheffe dentro de si, aonde só havia de achar a verdadeira semelhança de Deos, ou o mesmo Deos. 2. Para que trabalhando na indagação das verdades se occupasse honestamente. 3. Para dar lugar
ao

ao magisterio externo , e subordinaçãõ ; mas ninguem cuide que este magisterio esteja , em que o mestre produza as ideas na mente do discipulo , mas só para excita-las , e coaduna-las. Quanto aos sentidos por tres modos elles servem , ou embaraçãõ para a contemplaçãõ das verdades eternas , que estaõ impressas na alma. 1. Excitando-as regularmente, o que succede na faude , e na vigilia. 2. Offuscando as ditas verdades pelo nimio tumulto dos seus desordenados phantasmas , e succede na enfermidade , frenesi , letargo , embriaguez , e ainda no somno. 3. Pondo-se em silencio sem tumultuar , e succede no extasis, seja natural , ou sobrenatural : no primeiro caso excitaõ ; no segundo caso embaraçãõ a contemplaçãõ seguida , e attenta ; no terceiro caso se conhecem melhor as ditas verdades. Alem do extasis talvez tambem os sentidos se ponhaõ em silencio ao transito da morte. No somno naõ estaõ os sentidos sem acçãõ , porque se pode ouvir,

vir, ver, apalpar: para haver silencio dos sentidos he preciso cessem de obrar os seus phantasmas.

§. 22.

Como he o homem imagem de Deos, e das imagens, que chamaõ de Deos, o homem não he imagem de Deos por natureza, mas por participação.

Manifestando-se Deos á nossa alma pelo conhecimento, e unindo-se pelo amor, não procuremos mais para verificar o modo de sermos imagens de Deos, não imagens naturaes, mas sim participadas. Muitos Santos Padres constituindo a imagem de Deos no homem pelo conhecimento, e amor subnatural, com que foi creado, disseraõ que esta imagem perdemos pelo peccado original. Outros querem suster, se não perdeo de todo a dita imagem, mas que ficou obliterada, conservando-se ainda de algum modo nelle pelo amor, e conhecimento natural.

Em

Em huma , e outra sentença , ou sentido o homem não he de sua natureza imagem de Deos , mas por participação. Transformado o homem em Deos pelo conhecimento , e amor immediato , fica semelhante a Deos pelo mesmo Deos , que participa. Isto só se verifica no homem , e não em outros quaesquer animais cognoscitivos , que nem vem , nem conhecem a Deos , nem o podem amar , e por isso inferiores a elle , e subordinados. Seja-me licito trasladar aqui huma passagem de Thomas. de Incarn. L. 1. cap. 12. deduzida da auctoridade de S. Athanasio: *Nec enim veritas æterna intelligi a quocumque potest , nisi cujus mentem ipsa uti species substantiva , lexque intima , & vis superne aspirata irradiet. Quod hæc incommutabilis ratio , veritasque verbi ipsissima , cum sit imago Dei , ubi rationi nostræ se imprimit , illam vere ad Imaginem Dei affingit , componitque.*

Pode hum ente espiritual representar a si , e a outro da mesma , ou inferior ordem ,

dem , porque pode conte-lo ; e fendo luminoso em si mesmo representa-lo ; mas hum ente inferior mal pode representar em si exactamente outro superior , nem hum ente finito pode ser representaçãõ propria do infinito , e conseqüentemente nenhuma cousa creada he representaçãõ intima do Creador , o qual naõ obstante tem em si representadas as razões de todas as creaturas ; como he logo imagem do Creador a creatura ? Symbolica , imperfeita , e instrumental , em quanto ella pode ser cousa deputavel , a que se alligue a significaçãõ de Deos , para que o cognoscente do conhecimento do symbolo passe ao conhecimento do significado , feita a convençãõ arbitraria. Deste modo até hum triangulo com resplendores pode indicar a Santissima Trindade ; mas em tal caso precisa , e remota a deputaçãõ , cessa a significaçãõ.

Contemplamos , e representamos no entendimento o Creador vendo as creaturas , porque sabemos , que ellas saõ effei-

to

to daquella causa increada , e as suas razões , que estão na arte do Supremo Artifice expressas , e deliniadas se excitão no entendimento. Se as creaturas são copias das razões , que lhe dizem respeito , não são copias vivas , e directas do Creador. Não vemos o Creador representado nas creaturas , porem do conhecimento das creaturas dependentes do Creador se excita em nós outro conhecimento , o qual pode ver o Creador , em que estão as creaturas idealmente , do effeito vimos a conhecer a causa , mas daqui se não segue , que os finaes , e excitativos sejam tambem imagens proprias , e intimas do significado.

Sejaõ em fim as creaturas imagens do Creador , mas passivas , e não activas ; sejaõ imagens moraes , ou artificiaes , que não tenhaõ em si de seu as representações , mas emprestadas. O Verbo Eterno he Imagem propria, e natural do Pai : o Verbo creado pode ser imagem de outro verbo creado, quando o contiver intima-

ma-

mamente representado. A representação própria, e intrinseca do ser Divino, no ser creado he huma chimera ; porque o Divino ser não tem , nem pode ter fora de si imagem formal , ou exacta semelhança. Nem o acto do nosso entendimento , com que conhecemos a verdade eterna , he della imagem objectiva ; mas he huma apprehensão da dita verdade, hemeio unitive com ella , transformada a alma na verdade pela verdade , o que ficará de algum modo perceptivel com a semelhança , que para o presente caso adopta S. Cyrillo , e S. Justino do anel , que figura a cera sem a deixar , do finete que permanece fixo no que sigilla.

Por este modo ainda que admiravel seja o homem imagem de Deos , assim como he , ou pode ser filho , não filho natural , mas adoptivo pela infusão do Espirito Santo : seja tambem imagem não propria , e natural , mas participada pela communicação , intelligencia , ou sigillação da natural. Agrada-me trazer aqui

as

as palavras de S. Ambrosio lib. de Fid. Cap. 4. *Nisi per imaginem Dei ad imaginem Dei esse non potest*: e S. Bernardo de Nativ. Dom. ar. 2. *Novam ego hic facio comisturam, ubi expressius, & robustius pono sigillum, eum qui non ad imaginem factus, sed est ipsa imago, non factus, sed genitus ante sæcula*. Por isso Mario Victorino inherente a S. Epiphanio hær. 70. no livro contra Ario não disse mal quando disse: *Homo non imago Dei, sed ad eundem imaginem*: Esta he a frase da Escripura tantas vezes repetida: nem obsta S. Paulo quando chama a Adaõ *Imago, & gloria Dei*, porque falla em outro sentido muito diverso, que só a elle como varaõ convem, e não a Eva.



§. 23.

Das apprehensões , e conhecimentos das Ideas innatas , e intelligiveis se podem formar imagens mentaes , que digão respeito , a algumas verdades deduzidas dessas Ideas , com tudo muito diversas dellas .

Depois de serem apprehendidas , e conhecidas as verdades eternas pelos actos do entendimento , ficaõ ao menos impressas nelle memorias dos ditos actos , especies , ou imagens delles ; e por consequencia lembranças dos mesmos objectos , que terminaraõ os taes actos , ou em quem elles tenderaõ . O que supposto , podemos formar ideas de muitas verdades que se contêm , ou deduzem das innatas , e intelligiveis . Se servem as apprehensões sensiferas para formar especies , e modificações no uso da imaginação , porque não se dirá o mesmo a respeito dos intuitos , e conhecimentos ;

Part. I. F que

que se terminaraõ nas ideas intelligiveis , para discorrer , e para philosophar.

Se oppozerem que estas ideas objectivas naõ podem ter copias, direi que podem tellas os nossos primeiros actos que ellas terminaraõ , de cuja noticia pela sagacidade do engenho, e entendimento se formalizaraõ os segundos principios. Os objectos dos intuitos intelligiveis saõ indirectamente conhecidos pelos actos, que directamente tendem nos taes intuitos , e por isso naõ tem aquella viveza ineluctavel propria dos ditos intuitos , quando transformada por elles a alma cognoscente á face , vista , ou toque immediato dos objectos incommutaveis entende. Em huma palavra no presente caso entra a recordaçãõ em que pôde haver engano , e o termo immediato do conhecimento naõ he a idea , mas o seu intuito.

Tambem a alma se pôde enganar na lembrança , e recordaçãõ das conclusões , que o entendimento em outro tempo

po inferio de premissas , das quaes , ou se não lembra, ou se se lembra he sem penetrar de presente a connexão intrinseca dos extremos com o meio : isto ainda no caso de persuadir-se que a dita conclusão foi tirada de premissas evidentes ; por quanto ainda que assim seja por respeito do engano , a que a memoria está sujeitã pôde haver erro , e faltando a idea clara , ou pelo menos evidencia *in attestante* ; não ha nem evidencia intrinseca , nem criterio methaphisico , e fica sendo de inferior ordem a certeza que pôde haver.

Como nas presentes circumstancias se não penetra á solidez da verdade immediatamente com o intuito entrando a reminiscência ; credulidade , ou persuasão , a luz que leva o entendimento não he tão activa , que remova intrinseca , e necessariamente da alma internamente toda a reflexão formidolosa , como remove o intuito immediato das ideas intelligiveis , em que não só ha claridade de conhecimento , mas não pôde

haver medo de engano ; porque a luz das ditas ideas he taõ efficaz , que alêm de mostrar a verdade com evidencia , pôde segurar o intelligente , que essa luz , que vai seguindo , não he luz falsa , nem he phantastica , não he superflua.

Sendo isto verdade não he de admirar se experimentem tantos enganos na figuração externa das machinas , na dedução dos numeros , e contas , e de outras semelhantes produções , em que se descobrem a cada passo tantos erros , quando os agentes , sem penetrar entãõ as luzes das disciplinas, obraõ doutiva guiados somente pelas regras apontadas por outros , ou pelas lembranças das demonstrações passadas , e suppostas.

§. 24.

Da verdade das Ideas simples, e compostas.

As ideas simples , que não tem em si partes componentes não se podem chamar ideas falsas ; nem ainda mesmo as
fen-

fenfiferas , porque ja mais desfizem do que devem indicar, segundo a ordem que pôz o Autor da natureza na conformidade das disposições internas , e externas das causas segundas. Erraõ fim , e julgaõ mal os fenfientes , porque ignoraõ as leis de representar , e modos diversos , com que a alma deve ser affeçoada nas varias occurrencias do corpo unido , que pôde haver com os objectos externos. Talvez que o homem foubesse discernir estas leis em todas as circumftancias antes do peccado original , e entaõ naõ feria como agora he tantas vezes enganado pelas apprehenfões fenfiferas ; mas antes instruido por ellas , e avisado fem padecer engano. Seja o que for , as ditas apprehenfões nas suas primeiras impressões indicaõ bem, supposto que o animal racional reflectindo cegamente julgue , e discorra mal ; porque naõ sabe ler bem , e ignora a significação dos caracteres , ou hieroglyficos , que faõ as mesmas apprehenfões connaturaes ao animante , e pe-
la

la natureza se imprimem sem as poder-
mos declinar.

As ideas intelligiveis primigenias
naõ tem composiçaõ alguma de partes ,
todas saõ simples , e por isso todas con-
formes ao que representaõ , e verdadei-
ras. Estas ideas nem nos enganaõ , nem
fomos enganados com ellas pelo que res-
peita aos objectos immediatos da sua re-
presentação. Mas em fim ellas saõ gera-
es , prescindindo agora do conhecimento
que nos daõ da unidade de Deos. Quan-
to ás creaturas naõ temos idea individual
de cousa alguma , que seja intelligivel ,
e he preciso mendigar das sensiferas para
descobrir , e formar idea cabal do indi-
viduo que se quer conhecer.



§. 25.

Ainda na falta de Idea especifica da cousa para defini-la, e se vir no seu exacto conhecimento, conduzem muito as Ideas intelligiveis dos predicados geraes da mesma cousa.

Muitos laboraõ no prejuizo, que a Philosophia fundamentada nas ideas intelligiveis, de que fallamos, pertendo persuadir que tudo quanto conhecemos, o vemos em Deos, ou nas ideas que residem na arte do supremo Artifice; e he tanto pelo contrario, que dizemos ter do conhecimento das taes ideas huma piquena extensaõ, coarctada ás cousas geraes, e universaes, exclusas as outras, (a) que não são verdades incommutaveis:

(a) *Concludendum igitur* (são palavras de Maltebranc na illustraçõ ao lib. 2.) *omnia, qua sensu cognoscimus, in nobis ipsi videri*, em nós mesmos, isto he, nas modificações da alma. Logo segundo este grande philosopho não vemos tudo quanto conhecemos em Deos determinadamente, mendigando dos sentidos, e outras luzes mais escassas, muitos conhecimentos conjecturaes, e sensiferos:

veis : quanto ás particulares , nem ainda da nossa alma singular temos idea intelligivel ,

• assim quando elle diz, que tudo se vê em Deos , quer dizer, que Deos he hum ser interminavel , e que tudo está nelle representado , que primeiro he o conhecimento do interminavel , que do termo ; que primeiro he o conhecimento do perfeito , que o do imperfeito. Quanto ás figuras Geometricas , que Deos tenha todas as cousas exemplarmente na sua mente , a que Mallebranc chama extenção intelligivel infinita , não se pôde negar , e que possa fazer-nos sensiveis algumas por meio , e occasião de varias modificações da alma unida ao corpo , tambem he innegavel. E assim não deve causar admiração , que a dita alma possa pela contemplaçõ ver intellectualmente , e como *in abstracto* , aquella mesma figura , que pelos sentidos *hic* , *& nunc* se sensibiliza , segunda as leis de representar , que traçou o Autor da natureza. Outro tanto não pôde fazer aquelle pintor produzido por Mr. Arnaldo , ao qual se offereceraõ as variedades de tintas , dizendo que naquellas massas estavaõ inclusas todas as figuras , que pintasse a vera effigie de S. Agostinho , da qual elle não tinha idea alguma determinada , nem sentimento que lhe separasse , ainda que lhe fosse com outras muitas objectada ; com o que se responde ao seu argumento cap. 15. *de ver. esalf. ide.*

Pelo que respeita ao conhecimento sensivel das cousas materiaes parece que , bem entendido , não diz cousa de novo o P. Mallebranc , pois no liv. 3. c. 6. traz as seguintes clausulas : *Verum etiam si dicam nos in Deo materialia & sensibilia videre : attendendum est me non dicere nos illa in Deo sentire ; sed dico duntaxat sensum illum a deo ori-*

givel, conhecendo-a precisa a fé fomentada pelas intimas experiencias de cogitar, amar, e outros actos, que são modificações da dita alma. Não temos idea archetypa das substancias especificas creadas, nem dos individuos, que vemos com os olhos, e palpamos com os senti

vi, qui agit in nobis: logo nega abertamente que as cousas sensiveis se fiatao em Deos; donde se segue, que além das ideas claras, e archetypas admite outras adquiridas; o que percebe o seu antagonista; mas devera tambem este advir-
tir, que a extensaõ intelligivel infinita do P. Mallebranc não tem parentesco algum com aquella extensaõ infinita, que a S. Agostinho, antes de ser baptisado, se objectava; porque esta, como diz o S. nas suas confisloens, se fingia ser corporea, e porisso chimera; a outra nada tem de corpo, he puramente intelligivel: em huma palavra, quando diz Mallebranc, que os corpos se vem em Deos, ou na idea que Deos tem delles, o seu sentido he mostrar que das varias figuras em que os corpos se terminaõ, ou se podem terminar, temos clara idea, o que he notorio; aliás não seria a Geometria sciencia tão exacta. Da configuraçãõ interna, ou indole das particulas, de que se compoem os corpos, não temos idea clara, e por conseguinte não a vemos em Deos, segundo os principios de Mallebranc.

Este Philosopho foi reputado pelo maior de todos, que produzio a França. . . *Lami entret. sur la scienc. pag. 274.*

tidos. He preciso artificialmente formar de tudo isto ideas compostas , ajuntando o cabedal de diversos principios , e modos de conhecer sem nunca extinguir , havendo de ser exacta esta formaçãõ ás luzes das ideas intelligiveis acerca dos predicados geraes , que nellas , õu por ellas conhecemos , e applicamos bem , ou mal.

A idea que temos do ente sem limitação nos illustra , e guia para figurarmos a idea das coasas particulares limitando-a , na idea do Ente Supremo , e Omnipotente , que he o mesmo Ente sem limites , a qual se não aparta do nosso entendimento , vimos facilmente a conhecer a possibilidade das substancias creaveis sem numero ; porque assim se infere da Omnipotencia de Deos. Mas qual seja a idea archetypa , ou essencia , que na mente Divina corresponde a huma tal substancia creada *in specie* , não sabemos ; não vemos ahi esta idea especifica v.g. a Humana.

Bem

Bem vemos que o homem he ente limitado, mas qual seja esta limitação não determinamos cabalmente por virtude de alguma idea intelligivel. Temos idea do ente limitado, e imperfeito, como coufa emanada do illimitado, e perfeito; mas não nos descobrem estas luzes a differença especifica deste, ou daquelle ente imperfeito, e limitado; muito menos de qualquer individuo: eu vou a explicar-me com mais clareza.

O Homem conhecendo que conhece, sem difficuldade percebe ter em si hum principio espiritual diverso da materia; pois aquelle conhecimento he, e se vê excluso da idea desta: alcança tambem que existe, mas he porque tem huma idea clara de connexão necessaria entre as existencias de quem conhece, e do conhecimento. Dá o homem outro passo para se adiantar no exame do conhecimento do seu ser, vê com seus olhos, palpa com as mãos o seu corpo, e alcança facilmente ser elle huma machina bem orde-

ordenada , e disposta , que tem partes de materia extensas , e impenetraveis a outros corpos : e julga justamente que esta machina sim he corpo , mas não puro authomato , porque percebe que he animada , e a seu alvedrio se move , e defcança pella direcção , e vontade do mesmo homem. De todas estas reflexões figura ultimamente a idea de si , ou do homem composta de duas cousas diversas , e distinctas , mas unidas naturalmente , a saber corpo , e espirito.

Eis-aqui temos huma idea composta verdadeira para cuja formação concorreraõ as luzes intelligiveis quanto aos predicados genericos do ente. &c. . . As experiencias intimas de conhecer , e amar para induzir o espirito e os sentidos externos para não excluir o corpo ; a correlação , harmonia , e dependencia mutua para attingir a uniaõ de ambos. Era quanto luziraõ na mente as ideas intelligiveis se discorreo com evidencia intelligivel ; passando ás experiencias intimas
se

se discorreo com certeza ; ultimamente valendo-se o cognoscente das impressões dos sentidos externos se discorreo bem , e com verdade , faltando porém a evidencia intrinseca , notoria , clara , e patente da cousa apprehendida , e sentida tal , que o mesmo apprehendente queira , ou não , lhe haja de dar o assenso , ha entre a sociedade humana entendimentos tão grosseiros , offuscados , e malevolos que chegam a negar a dita verdade proferindo contra si mesmo huma infame sentença , dizendo sem pejo , que o seu homem não he composto de espirito , e que para as funções do discurso , e para a animação basta huma parte da materia mais subtilizada. Estes que assim fallaõ são libertinos.

Quanto ao meu intento basta só ter mostrado , como para a boa formação das ideas compostas daquillo de que não temos idea clara , ou intelligivel , conduzem muito as luzes , que se presentaõ no entendimento ácerca dos predicados gene-

ne-

nericos, que administra a idea intelligivel delles; se faltassem de todo estas luzes, ficando só as impressões dos sentidos, ficaria o homem sem soccorros pròptos para hum exacto raciocinio; ficaria quasi como hum animal estúpido que não tem intelligencia, e selecção no seu discurso, e conhecimento.

Se as ideas compostas só participassem daquellas luzes, que o entendimento mendigou dos sentidos, como quer Loke, a norma das artes, os preceitos das disciplinas, ainda mechanicas, seriaõ deterrados do entendimento, pois só nesse caso ficaria ao Mathematico, e ao Astrologo para contemplar como seu objecto, aquelle que formou a imaginação sensível, a qual sendo tão fluctuante, como vaga, não poderia ministrar ao Philosopho materia firme para o fim de deduzir as demonstrações tão evidentes, constantes, e solidas, como tira sem hesitação alguma firmado na materia, que contempla immutavel, luminosoza, verdadeira.

§. 26.

Todos os Philosophos, ainda o mesmo Locke, e outros semelhantes na formação das ideas compostas verdadeiras, attendem ás luzes de outras ideas simples, que não lhes entraraõ pelos sentidos, ainda que neguem isto mesmo, e o contradigão com a boca, falsamente persuadidos de que não tem mais Ideas, que as sensiferas.

Eu não quero negar, que as operações da alma racional neste estado de uniaõ com o corpo sejaõ acompanhadas, e misturadas com os phantasmas corporeos, e operações da dita alma sensiferas, e symbolicas; mas não são estes phantasmas as ideas intelligiveis da verdade. Sim, e não poucas vezes aquillo que as pode ligar na attençãõ para que não fujaõ, e escapem della, bem como as figuras, e letras, que forma de fora o Mathematico na carta, não são o objecto principal, que elle contempla, mas o instrumento externo a que pertende alligar as figuras in-
ter-

ternas , e numeros com o entendimento em si mesmos propria , e adequadamente perceptíveis , e com effeito alligaveis de algum modo ao symbolo externo , para que ahi como detidas as ideas objectivas não escapem , e fujaõ da mente , a quem as pertende cõtemplar ; como são em si mesmas na verdade , não symbolica , mas certa , clara , e perspicua. Isto supposto vejamos o engano , que Loke padece , e outros Philosophos na falsa persuasão a respeito das ideas que ha , e se formaõ das cousas , que se figuraõ no entendimento. Diz Loke , que o entendimento não faz os materiaes para a fabrica das ideas , mas que elle as acha feitas , e não são outras mais que as apprehensões sensiferas. O entendimento tem virtude , diz elle , para ajuntar , dividir , e formalizar artificialmente estas apprehensões , assim como o compositor faz na imprensa com as letras unindo humas a outras , e por este modo he que se figuraõ segundo Loke as ideas de todas as cousas cognosciveis ,

ain-

ainda univerfaes, até a mefma propria de Deos, e feus attributos (a).

Devera porem advertir este Philofofo, que o entendimento pelos sentidos fe pode unir, e dividir, não pode identificar, e que elles não tem vigor, e actividade para apprehender muitos predicados daquella mefma substancia, que se vé, e apalpa: quando muito poderaõ os sentidos apprehender a uniaõ das coufas materiaes, e palpaveis em que tocaõ; mas

Part. I.

G

a

(a) Eu não quero negar que pelo adjutorio dos conhecimentos sensiferos se venha no alcance de algumas verdades ainda geraes, só digo que as verdades que alcançamos por induçãõ não tem aquella certeza, e claridade, com que conhecemos v. g. que *o todo he maior que a sua parte*, e que *dois e dois são quatro*. &c. Por quanto se são pelos todos particulares que vemos, e averiguamos com os sentidos, observando constantemente este, e aquelle todo maior, e a sua parte menor viessemos no tal conhecimento geral, não nos havendo nós certificado de ter averiguado todos, não fariamos pela induçãõ cabal experiencia, e ainda que de algum modo nos segurassemos da verdade do principio universal, não seria com a mefma perspicuidade, que sem essa averiguaçãõ geralmente vemos, que *o todo he maior que sua parte*, e que *dois, e dois são quatro*. Isto he por idea não adquirida, nem composta, mas infusa, ou innata,

a identidade dos attributos substanciaes de nenhum modo : e sem esta identidade conhecida não se poderá de modo algum formar a idea adequada de huma substancia , muito menos da perfectissima : ainda que o entendimento das apprehensões , e ideas sensiferas ajunte infinitas perfeições, e as una em huma só idea composta , precisa a identidade , ella não será idea de Deos , será chymera.

Depois disto o conhecimento do perfeito he primeiro no entendimento , que o conhecimento do imperfeito ; primeiro Loke teve na mente a idea do ser perfeito , do que tivesse a idea deste , e daquelle ser menos perfeito , para o fim de fabricar de todas ellas , extrahida a imperfeição , e reservada a perfeição , a pertendida imagem do perfectissimo ser , que elle cuida ter com este seu artificio fabricada. A idea do perfeito já illustrava o entendimento de Loke antes de occorrer-lhe a idea de qualquer ser imperfeito ; estas ideas segundas , e talvez
com-

compostas são posteriores á primeira simples , e intelligivel.

Se a idea do ente sem limitação pura , unica , e simples perfeição não subira ao entendimento de Loke , primeiro daquella , que elle suppoem fabricada intencionalmente pela colleção de muitas , ou ainda infinitas perfeições particulares , não poderia elle vir no conhecimento dessa mesma , ou verdadeira , ou só imaginaria , sendo certo que o conhecimento do limitado , e imperfeito he posterior ao conhecimento do illimitado , e perfeito ; e por consequencia muitas ideas de Loke não foram fabricadas sem as luzes das ideas intelligiveis , que a vista , e conhecimento das creaturas excitaram , e não figuraram ; mas estes conhecimentos excitantes cheios de phantasmas Loke incautamente ajuntou com os intelligiveis , sem ter a estes por taes , para vir a persuadir-se que todas as suas ideas , ou apprehensões eram originadas da raiz sensifera , ou pelo menos que to-

das as cousas conhecidas pelo entendimento só eraõ figuradas , e compostas das ditas apprehensões , ou modificações da alma.

Pergunto a este Philofopho , qual foi entre os sentidos aquelle que apprehendeo alguma cousa donde o entendimento avifado podesse tirar cabedaes para formar a idea do *infinito* ? Dirá que da mesma substancia extensa , sensível , que se objecta aos sentidos externos ; vendo por exemplo huma vara comprida , dessa vista se tirou pelo entendimento a rafaõ de ente , de substancia , de extensaõ , prescindindo depois das extremidades da vara , ficou só na mente a especie de entidade extensa sem limites : assim temos figurada a idea do *infinito* na extensaõ , e por semelhante modo a da *perfeição*. Mas quero que me diga que cousa he a que corresponde da parte do objecto ao *ly* , ou termo *sem limites* ? Ainda que Loke a queira designar por negação , tal não he : he sim na verdade a cousa mais
possi-

positiva : esta realidade correspondente he a illimitação mesma , que se foi conhecer não na vara limitada aonde não estava , nem na alma finita , e imperfeita , mas na idea do *infinito* , e *illimitado* , cujo conhecimento a vara excitou , e por consequencia não só he cousa positiva , mas tal , e tão excellente , que nenhum dos sentidos pôde alcançar , e discernir com as suas mais vivas apprehensões.

Seja-me licito que torne a perguntar para maior clareza. Que objecto tem esse conhecimento da extensão sem extremos , ou interminavel ? Ha de ter algum a que se termine , pois não he puro acto reflexo em si mesmo. Não apparece senão o mesmo ser illimitado , o qual he cousa distincta , e diversa de todo , e qualquer acto reflexo , e objecto sensitivo. Vista a vara limitada excita-se no entendimento a idea do illimitado , a illimitação mesma , a qual não pôde ser formada pelo producto das sensiferas apprehensões , cuja esphera só se estende aos ac-
ci-

cidentes crassos do objecto apprehenso. Nem os mesmos sentidos apprehendem o finito como tal : pelo contrario a idea do infinito contem o ser finito na sua virtude de indicar , e por meio da sua contemplação se póde fazer cabal conceito do finito , e limitado : vindo deste modo a verificar-se , que conduzem muito as luzes , que deixaõ as ideas intelligiveis na mente humana , para a boa formação das ideas compostas , e fabricadas , e que faltando de todo as ditas ideas intelligiveis , os nossos conhecimentos seriaõ estupidos , ou timidos , ou de incerta providencia , quaes saõ os que tem os animaes puros , ainda os mais industriosos.

Nem me digaõ , que a alma não conhece o infinito em algum predicado seu proprio , mas só por negação , podendo unicamente dizer com verdade , que não he tal , ou tal ente , pedra , páo , Anjo , Homem. &c. . Por quanto a alma conhece que o *infinito* he superior , mais

nobre, e apreciavel, que o finito, e isto conhece certamente, e com evidencia; o que não pôde ser sem que pelo menos apprehenda no *infinito* com segurança algum predicado positivo, pois da pura negação, do puro nada não se verifica com evidencia aquelle juizo affirmativo, nem se pôde meter dentro no infinito aquella superioridade a todo o ente finito, a qual não pôde ter lugar sem os predicados do ser positivo *hum, vero, bom, melhor.*

A alma separada do corpo terá modo de conhecer diverso, porém unida ajuntão-se no seu entendimento as apprehensões sensiferas com os conhecimentos intellectuaes das ideas deste genero, porém estas não são formadas daquellas; os sentidos, e suas sensações são só excitativos para o entendimento, são como admoestações da natureza, que avisaão, e impellem o homem racional para que se volte de fora para contemplar dentro de si, aonde estão as ideas innatas, intel-
ligi-

ligiveis , que a alma não formou com cabedades seus proprios , mas achou formadas.

Esta mistura de apprehensões sensiferas , e intellectuaes avivada ao mesmo tempo deo occasião a Loke se enganar , attribuindo sómente aos sentidos o cabedal , ou para usar dos seus mesmos termos, todos os materiaes para a boa e exacta formação de quaesquer ideas compostas. Não teve porém razão este Philosopho , nem desculpa no seu erro ; elle bem podera ver que o *objecto* de humas apprehensões, e ideas , a saber sensiferas , era diverso , e distincto do *objecto* das outras intellectuaes , bem podia advertir , que a alma humas vezes conhece pelos sentidos , outras não , como o grande engenho de Agostinho já tinha notado a este respeito.

Para fazer mais perceptivel a sobredita divisaõ de conhecimentos exemplifica o Santo com a *verdade* , e com a *virtude* : esta não he lucida , nem colorada,

naõ

naõ odorifera , naõ he faborosa ao paladar , naõ he tactiva , ou palpavel , e com tudo he conhecida como intrinsecamente boa , digna de apreço , e louvor ; pelo contrario o vicio a ella opposto he vituperavel , torpe , e intrinsecamente máo : os sentidos naõ attingem a virtude com a sua recondita beleza , e com tudo ella he que forma a idea do virtuoso : naõ deraõ logo os sentidos grosseiros o cabedal , e materiaes necessarios para figurar huma tal idea , taõ sublime , e elevada.

Que responde Loke ? Dirá que naõ há virtude intrinsecamente tal , e que isto he virtude , e aquillo vicio porque os homens convieraõ , que assim fosse. Mas esta resposta he indigna de hum tal engenheiro. Naõ me causa com tudo admiraçaõ ; como naõ havia fallar assim este terreno philosopho , sendo os seus principios taõ errados , e inductivos de hum perjuizo taõ grosseiro contra a fé , e contra a razão ? Que homem por mais barbaro que se-

seja antes de toda a imputação , antes de toda a convenção com os outros homens , antes de todo o ensino , e instrução não vê claramente que matar o innocente , e outras cousas semelhantes de si mesmas são oppostas a razão , reprehensíveis , e indignas do homem racional , más , e abomináveis. Ainda no mesmo caso de convirem os homens nesse acordo , e de liberação de não ser reputado por máo esse vicio , nem por virtude seu contrario : ainda que a republica não castigasse , antes premiaſse ao parricida , incendiario da patria , elle seria internamente arguido , e castigado pela sua consciencia ; porque excessos semelhantes são de sua natureza intrinsecamente máos , e abomináveis , e as virtudes contrarias boas , e dignas de louvor.



§. 27.

Ainda que por virtude do entendimento se ajuntem às modificações sensíferas os conhecimentos do senso intimo, ausentes as luzes das ideas intelligiveis, que a todos illustraõ, não poderia a alma figurar muitas cousas, que conhece.

He certo que a alma não tem em si, e seus attributos, ou predicados as regras incommutaveis das verdades eternas, a infinidade, a illimitação, e outros quaesquer attributos, que excedem infinitamente a natureza, e modificações da mesma alma; com tudo o Philosopho tem claro, e certo conhecimento desses predicados: logo precisa a revelação, haõ de ser conhecidos em cousa distincta da dita alma, e por consequencia donde estaõ, e saõ visiveis. Não estaõ elles na creatura, mas no Creador; he pois necessario que em Deos, ou por Deos os veja. Nem aqui ha recurso para alguma especie propria, pois a não ha de Deos,

e seus attributos ; mas dado que a possa haver , e que o entendimento a possa formar , essa formaçãõ só poderia ser a face do objecto , de outra sorte a imagem não seria propria , e exacta ; mas tal , qual seria a que formasse o cego das cores , que nunca vio. Ora sendo isto affirm , a especie , e idea pretendida requer na sua primeira formaçãõ para ser exacta , que o entendimento que a vai delineando tenha á vista , ou pelo menos toque mentalmente o objecto exemplar. A rafaõ clara está ; o entendimento não faz arbitrariamente os primeiros objectos , mas conhece-os , nem delles pôde tirar copia antes de os conhecer , ou tocar , ou experimentar por algum acto vital cognoscitivo. Logo se o entendimento tem já em si a forma , a idea , a imagem do infinito he porque antecipadamente tem visto este objecto , ou o tem tocado mentalmente , aonde rezide , e se patentea , e assim ausentes as ideas intelligiveis , a alma não forma imagens de tudo o que conhece

conhece : estas ideas são o fundo da razão universal.

Se differem, que a alma vendo a Deos por essa vista pôde formar ideas das creaturas : logo vendo as creaturas pelas creaturas sem mais nada pôde formar idea de Deos. Respondo que não : a disparidade he manifesta, porque Deos contém as creaturas, e as creaturas não contém a Deos : as creaturas estão representadas no ser Divino, e não Deos no ser creado ; Deos em si mesmo he luminoso, sem limite, (fallo da luz mental) e as creaturas não, porque algumas são em si tenebrosas, externas, e materiaes, e não se conhecem em si mesmas fora da mente ; mas em imagens distinctas dentro della ; todas tem a sua luz limitada, e não há creatura alguma, que contenha o infinito, e illimitado : se o homem, ou Anjo conhecem intrinsecamente tão sublimes objectos, he na idea que não poderia formar sendo-lhe totalmente invisivel o tal objecto, a não tocarem ao me-
nos

nos mentalmente nelle na fonte da verdade, na luz do Verbo, que allumia a todo o homem que vem a este mundo.

Replica o arguente; se Deos he o lume dos entendimentos, e em semelhantes conjuncturas o allumia por si mesmo, deixa-lo-ha não illuminado, mas beatificado. Respondo: illuminado sim, beatificado não. A Bemaventurança não se concede constituida em qualquer conhecimento immediato de Deos, mas só no intuitivo, claro, e facial; e porisso ainda que o nosso conhecimento seja immediato deve reputar-se abstractivo, por ser obscuro, misturado, e obnubilado pelos phantasmas de outros conhecimentos, que distrahem ao mesmo tempo para differentes partes o entendimento. Em fim elle he voluvel, successivo, inadequado: *raptim*, *furtim*, *festinanter* elicito; não he limpidissimo, nem permanente quanto deve ser o beatificante.

Da inspecção das Creaturas do universo vem o nosso conhecimento na noticia
do

do Creador Supremo , não porque as creaturas sejaõ idea intrinseca de Deos , mas porque saõ obras da sua arte , da idea que dellas tem em si impressa , se as creaturas saõ copias desta idea , saõ neste sentido copias mortas sem intrinseca representaçaõ. A vista porem da obra excita o conhecimento da idea incommutavel , que só reside na arte do Supremo Artifice , e não no artefacto. Esta idea vista , ou tocada pelo entendimento humano , he a que faz de algum modo conhecer o ser Divino , e infinito pelo que diz respeito às creaturas : nesta idea viva , e não na copia morta , que se mostra aos olhos do corpo , he que ao entendimento se patenteaõ os attributos invisiveis , e sempiternos : *Intellecta conspiciuntur* : mas este conhecimento do entendimento , ainda que immediato , seja chamado abstractivo , e não intuitivo , por ser inadequado , voluvel obnubilado como já notaraõ a este respeito Berti , Collet , Tornely , Tomasino fallando de Deos , e da sua idea.

§. 28.

Se com verdade se pode afirmar do objecto todo aquelle predicado que se conhecer incluso na sua idea ?

Naõ se pode dizer absolutamente que he affirmavel do sujeito tudo aquillo que se conhecer contido na sua idea , pois sendo muitas ideas fabricadas pelo entendimento , ou pela imaginaçaõ falsas , e fantasticas , que desfizem dos objectos ideados a quem se attribuem , fica manifesto naõ terem todas as ideas compostas criterio infallivel da verdade : se a idea porem que se fabricou for verdadeira , se deve discorrer de outro modo ; e assim digo.

I As primeiras apprehensões sensíveis , que resultaõ da varia , e diversa occurencia dos objectos sensiferos tem hum certo modo de indicar os ditos objectos , ou seus accidentes , e direcções segundo as leis , que a este respeito poz o Autor da Natureza , e por isso naõ se devem cha-

chamar falsas ideas ; porem as reflexões , e juizos , que dellas , e sobre ellas forma o entendimento, sem ter esquadrinhado as ditas leis quanto baste, muitas vezes são falsas ; e consequentemente as ideas fundadas nestas falsas reflexões.

2. Huma vez supposto , que a idea composta he verdadeira , posso com verdade afirmar do sujeito o que vejo na sua idea , representado por aquelle modo , que se representa.

3. Tudo quanto se contém na idea intelligivel de qualquer objecto he affirmavel delle com verdade pelas razões ditas , e por serem todas estas ideas simples , claras , e conformes á representação objectiva. Em fim he affirmavel tudo quanto claramente se vir contido na idea clara , e evidente a quem conhece , pois he certo , que a evidencia nunca se separa da verdade.

§. 29.

Que cousa seja natureza universal?

As naturezas universaes da maneira proposta por alguns Peripateticos he huma pura chymera , se naõ digaõ-me que cousa he chimera? Por ventura naõ he suppor dois entes total , e realmente distinctos identificados ambos em hum mesmo ser real? Naõ ha duvida , pois he contra aquelle principio , *per se noto* : *Quæ sunt eadem uni tertio sunt idem inter se* : o qual valle sem disputa a respeito dos predicados positivos , e absolutos. Taes se induzem por estes Philosophos as naturezas universaes ; por quanto nos propõe a Pedro , v. g. e a Paulo , que saõ dois individuos real , e adequadamente distinctos , identificados , naõ obstante com a natureza universal commun á ambos , e de ambos predicavel realmente ; o entendimento naõ pode identificar a natureza de Pedro , e a natureza de Paulo em huma só realidade , nem dividir
em

em duas a que he realmente huma ; pode sim o entendimento considerar em qualquer dos individuos a rafaõ de natureza , e a rafaõ de differença em ordem a respeitoos differentes ; mas a realidade ; e entidade em Paulo sempre fica realmente a mesma antes ; e depois do conhecimento , e só he conhecida por differentes modos. A distincção dos predicados que tem Paulo só he da rafaõ , e dos connotados naõ de Paulo para a sua real differença ; nem de Pedro para a sua, em forma que só as differenças de ambos se distinguão realmente , e naõ a natureza ; porque na verdade toda a natureza que está em Pedro se distingue de toda a natureza que está em Paulo ; e naõ as differenças fomente.

Mas dirá o Peripatetico : nos experimentamos que vendo a muitos homens ; ou de perto , ou de longe ; prescindindo das differenças individuaes deste , e daquelle , podemos conservar o conhecimento da natureza humana commum a todos ;

e realmente predicavel de todos , porque em real verdade se diz , Pedro he homem , Paulo he homem . . . &c. existem logo na realidade , e sem ficção as taes naturezas. Respondo , quando nós fazemos isto passamos dos conhecimentos dos individuos da especie para a idea della , ou esta idea seja innata , ou composta ; e porque a dita idea he commum a todos na representação , pois a ella todos dizem respeito veridico , a todos o entendimento a póde applicar : mas esta , ou seja idea , ou especie , ou imagem da natureza universal humana , he distincta do homem que está fora. Quando affirmo que Pedro he homem , que Paulo he homem . . . &c. não quero dizer que são o mesmo homem commum , mas que ambos respondem exactamente á idea do homem , que ambos são animal racional. A idea do homem he universal a todos os individuos sem estar identificada com algum delles. A propriedade de relatos para o mesmo termo , para a mesma idea

deno-

denota exacção de semelhança seja entre individuos da mesma especie, ou entre especies do mesmo genero, seja ella essencial, ou accidental, ou propria, isto he, de predicados que digaõ respeito á essencia, propriedades, ou accidentes da tal cousa.

Tenho feito reflexaõ que todos os attributos, que se chamaõ perfeições simplesmente simpleses saõ predicaveis do ser Divino, e que todos os homens dizem sem hesitar com claro conhecimento, que Deos he Ente, que he Espirito, Infinito . . . &c. e que os mesmos homens sendo taõ tardos, e inertes na averiguação de outras verdades physicas, e mathematicas, tem naõ obstante tal promptidaõ, e facilidade para discernir se hum predicado he, ou naõ melhor que o seu contrario, que perguntados respondem logo com segurança, sim, ou naõ, conforme he verdade pela qual raso me persuado que semelhantes noções saõ outras tantas ideas innatas, que
 os

os homens achão dentro em si mesmos sem as ter figurado , estas noções sem duvida illustrão muito o nosso entendimento para formar , ajudado dellas , com acerto os juizos uniuersaes , e o conhecimento de muitas cousas particulares.

Observou o P. Mallebranc , que todos os homens tem sempre presente no entendimento a noção de ente , não deste , ou aquelle ; mas do ente sem limitação , ou determinação alguma. Se cada hum de nós fizer reflexão em si mesmo achará ser isto verdade , a qual supposta entremos em huma mais attenta averiguação do que indique , e haja de significar esta noção. Differão não poucos , que he huma abstração da natureza de todos os entes , a que chamaõ *entis in genere* , ou ente communissimo , persuadidos que a dita ração foi pelo entendimento abstrahida , ou extrahida de todos os entes Divino , e creados sem reserva. Deverão porém advertir que Deos , e seus attributos proprios não só se não podem

dem univocar com as creaturas infinitamente distantes do Ente Supremo, mas tambem que segundo os principios da sua philosophia, as naturezas universaes abstrahidas haõ de excluir as differenças, naõ transcende-las na sua rafaõ universal, aliás naõ há abstração de differenças como he preciso para se constituirem taes, attendendo aos principios da sua philosophia. Ora as differenças do ente tambem saõ ente, e por consequencia o ente communissimo naõ deve gozar o privilegio de natureza universal. Viraõ os fobreditos Philosophos a força deste argumento, e sem se desembaraçarem bem d'elle, deraõ á rafaõ de *entis in genere* o primeiro lugar entre os predicamentos; eu me persuado que melhor se philosopharia dizendo que esta noçaõ de ente naõ he só abstração nossa, mas idea innata, a qual sem a fabricar achamos brilhante para nos conduzir ao conhecimento de Deos, e depois ao que quizermos. Faça todo o homem reflexaõ, e verá que elle

mui-

muitas vezes cogita no que quer, escolhendo a materia de que quer pensar, e depois mudando o conhecimento para onde quer. E qual será a razão, sendo certo, nada he querido sem ser conhecido: *Ignoti nulla cupido?* A razão he, porque tendo nós sempre brilhante o ente sem limitação, nelle primeiro confusamente se toca mentalmente o que cada hum dos volentes quer pensar.

§. 30.

Epilogo

Concluo, que para bem exercer as funções do seu discurso, e conhecimento, todo o homem racional tem prompta a idea de Deos debaixo da noção de Ente sem limitação; tem promptas as noções de muitos attributos, ou predicados a Deos applicaveis Infinito, Perfeito, Immenso. &c . . . os quaes se mostram ao nosso entendimento com evidencia: em huma palavra, além das ideas da

mo.

moralidade, dimensão, e número, tem as noções de muitas perfeições que se dizem *simpliciter simplices*. Estas noções intelligiveis, e innatas ajudão a alma para bem conhecer individualmente as essências das cousas inferiores, que se tocaõ com os sentidos, das quaes não temos ideas intelligiveis, mas apprehensões sensíferas, ou meras conjecturas. A luz das primeiras ideas excitada pelas apprehensões sensíferas illustra a alma para regular bem os mais conhecimentos com todos os descubrimentos, que ella faz na invenção da verdade.

Isto supposto, e reconhecido sabe o homem quando, e como ha de assentir, e duvidar, sabe livrar-se melhor do erro, do engano, do prejuizo tão familiar aos sentidos, e ás suas impressões: tambem fica certo que vive por Deos, e em Deos para mais o amar, e chegar-se a elle a fim de ser illustrado: *Accedite ad eum, & illuminamini*: sabe o quanto depende, tem recebido, e está recebendo

do

do Supremo Ente , para dar-lhe incessantemente as graças , e render-lhe submissas adorações.

FIM DA PARTE PRIMEIRA.



DISSERTAÇÃO

*Sobre a combinação de algumas ideas
infusas, ou innatas, e outras acqui-
sitas, para fazer progresso pela mes-
ma razão natural da noticia de
hum só Deus, para conhecimento
de huma unica Religião.*

PARTE SEGUNDA.

DISSERTATION

PARTIE SECONDE



DISSERTAÇÃO

Sobre a combinação de algumas ideas infusas , ou innatas , e outras adquiridas , para fazer progresso pela mesma razão natural da noticia de hum só Deos para o conhecimento de huma unica Religião.

PARTE SEGUNDA.

ADVERTENCIA.

PARA se fazer mais perceptivel a noção , que o homem conserva de Deos neste estado de natureza corrupta , e saber até onde pode chegar o conhecimento , que d'elle temos naturalmente , he preciso não prescindir da infelicidade , e corrupção da mesma natureza. Ainda que o Dogma do
pec-

peccado original seja taõ abstruso , os effeitos da corrupção originaria são muito palpaveis , e manifestos. Todas as cousas tendem para o seu fim , só o homem , a creatura mais nobre , se desvia voluntariamente delle. Nada satisfaz no mundo a este miseravel homem , elle mesmo conhece , que de tudo toma enfado , e muitas vezes sem causa exterior para isso ; elle não achando nunca dentro de si o repouzo , a que continuamente anhela , foge para fora de si , e o procura nos divertimentos , e occupaõões exteriores , mas em todas ellas se lhe mistura hum certo tédio , e desafocgo continuo. Donde vem , e nasce esta dezordem ? Vem do continuo resentimento da sua miseria ; vem da faudade , para dize-lo assim , de huma certa quietação natural , e felicidade , que perdeo.

O homem pelo seu conhecimento se considera emnobrecido de hum ser espiri-
tual , de huma grande natureza ; mas ao
mesmo tempo pelas faltas , e defeitos de
mes-

mesmo conhecimento se vê miseravel. Nada mais sublime, nada mais ridiculo; grande pelo seu ser natural, baixo por seus defeitos; pode anhelar muito, conseguir pouco. O homem vê em si hum luta injusta da sua razão com a sua concupiscencia, esta, que como inferior devia estar sujeita, arrasta, e até parece que domina no homem para leva-lo a cogitar o que elle não quer, nem convem.

He na verdade o homem capaz de conhecer a Deos, mas tem para este conhecimento hum forte tédio. Procurando nós cogitar de Deos, quantas cousas nos não tentaõ, e desviaõ este cõnato, e pensamento? Desta desordem não pode ser causa o Author da natureza, mas o seu corruptor; não o Creador, mas a creatura: pode ella ser voluntariamente injusta por sua culpa, mas as obras de Deos são ordenadas, elle nellas nem he, nem pode ser injusto.

Devemos logo concluir, que o homem por sua culpa foi deprimido, que
 elle

elle se desordenou a si mesmo , que defeo para outro estado inferior áquelle em que foi creado por Deos. Não ha duvida ser este o estado da corrupção originaria em que nos vemos , e choramos , incapazes de conhecer tudo , e incapazes de ignorar tudo. Conhecemos de algum modo a verdade por hum tenue, e suave sentimento do coração , e depois pelo discurso : do primeiro modo conhecemos os seus principios , do segundo as suas conclusões ; indignos de Deos , e capazes de de Deos ; nem de todo arruinados , nem de todo irremediaveis. Isto bem entendido , em lugar de nos queixar, de que Deos se haja tanto escondido , devemos render-lhe infinitas graças , de que se digne tanto descobrir , e dar-se a conhecer.

Todas estas razões naturaes , e outras muitas cousas nos leuão como pela mão , em certo modo para rastejar, precisa a fé, o que ella propoem , e descobre dos dois estados da natureza innocente , e corrupta ; do peccado original , pena , e efeitos d'elle.

Deos

Deos creou o homem para o conhecer, o Ceo, e a terra, que o não conhecem. Adam, e Eva foram os unicos, que gozaram do feliz estado da innocencia; esta dita transfundiriaõ a seus filhos, se não peccassem, e não fossem logo exterminados com toda a sua prole.

Adam, e Eva innocentes em grande luz trataram, e conheceram a Deos; não era para elles nesse tempo, e estado Deos escondido, sem trabalho algum gozavam da sua presença; distinctamente o conheciam sem hesitação. Depois do peccado os filhos de Adam ficaram privados daquelle limpissimo conhecimento da quietação, socego, e felicidade, que dahi lhe resultava: mas não ficaram de todo cegos a este respeito; conhecem, ou podem conhecer a Deos, mas por outro modo mais remisso, e imperfeito; tudo isto foi ordenado com admiravel providencia do Creador.

Se o homem depois de peccar contra Deos o conhecesse do mesmo modo,

naõ se teria por injusto , nem arruinado ; se absolutamente o naõ conhecesse , nem podesse conhecer , naõ seria reparavel. Com admiravel economia retirou Deos logo do homem peccador o conhecimento do innocente , e temperou o mesmo conhecimento do ser Divino a respeito do homem castigado em modo , que lhe ficassem signaes , e impressões innatas da Divindade , taes , que Deos podesse ser conhecido daquelles , que o buscaõ , e escondido áquelles , que o naõ buscaõ , nem talvez querem conhecer , para que esses malevolos venhaõ a perder pela arrogante soberba aquillo mesmo , que a pura curiosidade pôde alcançar. Isto bem entendido vamos a indagar as noções da Divindade , que nos ficaraõ ainda impressas depois do peccado original.



ARTIGO I.

*Huma Idea , ou Noção da Divindade he a
felicidade.*

TODOS os filhos de Adam tem impressa na mente a noção da felicidade. Ella não pôde ser constituida em algum bem particular , e creado , pois este não poderia encher o vasio da capacidade da alma , nem taõ abundante , que repartido podesse a todos os racionaes chegar com faciedade sem faltar ; apenas ficaria no primeiro , que o alcançasse , sem sobrar para o segundo. Toda a creatura he limitada , he mendiga da *Felicidade* ; esta *Felicidade* não he attributo proprio da creatura , mas alheio della. Toda a creatura racional pôde ser feliz , mas ha de receber de outrem a mesma *Felicidade*. Bem entendido, sem mais averiguação , só Deos pôde ser a verdadeira *Felicidade* do homem ; porque só elle pôde faciar completamente a capacidade racional de todos.

Agora reconheço sem difficuldade, que todos os homens conhecem a Deos naturalmente, porque como notou, ensinado dos antigos Padres, S. Thomas com a escola dos Theologos, todos os homens tem hum appetite natural da *Felicidade*, (a melhor prova que temos da immortalidade da alma) mas esse appetite da *Felicidade* não subsiste sem conhecimento da cousa appetecida, não podendo de modo algum a vontade amar, e appetecer o que não conhece: logo todos os homens conhecemos a Deos, que appetitemos: melhor talvez direi, sentimos todos a Deos pela noção, que temos da *Felicidade*, a que sempre anhelamos; dando que erremos nos meios, que a nossa corrupta natureza toma para conseguir aquillo mesmo, que appetite; supposto seja tal a cegueira de muitos homens, que desmentem o que não podem totalmente ignorar, offuscados pela nimia afeição ás creaturas sensiveis, pela sua desordenada concupiscencia, pela grande obstinação na maldade.

Se-

Semelhantes defordens são as que fazem os filhos de Adam mais indignos, não só dos conhecimentos praticos sobrenaturaes da graça, mas também dos este-reis, especulativos da natureza. Como poderaõ semelhantes homens reparar o damno da sua cegueira, se elles fechaõ os olhos, e ingressos á luz, e não desembaraçaõ os caminhos para poderem fugir da sua miseria, desprezando os foccorros promptos, e necessarios para livrar-se della; antes cada vez se apartaõ mais da luz pelos seus feios vicios, fazendo-se de novo indignos da verdadeira *felicidade*.

Conhece já ó homem miseravel, que paradoxo tu es para ti mesmo. Humilhate fraca razaõ humana, e confessa ingenuamente a tua verdadeira, e defordenada condiçaõ. O nimio disvello em procurar divertimentos, o mesmo enojo, e desassociego, que elles causaõ, são huma prova admiravel da miseria humana, e da idea, que nos resta da *felicidade* perdida, cuja lembrança conserva o homem privado

vado della ; mas taõ superficial , e escassamente , que naõ sabe bem aonde está , ou o que ella seja. Dicta porem a rafaõ natural , que naõ podendo esta felicidade verdadeira ser cousa creada, a participaçõ de Deos creador ha de ser quem a constitua. Mas quem he este Deos , este principio que falla ? Por ventura será possivel , que o homem miseravel tenha accesso a este Numen , e *felicidade* suprema ? Fallo daquella *felicidade* por essencia , que só pode ter hum Ser Supremo , Optimo , Maximo.

Naõ he verosimil , que o Creador benevolo deixasse na sua creatura , ainda que miseravel , e injusta , a memoria , e appetite da *felicidade* verdadeira , sem que de algum modo lhe descubra o caminho , pelo qual possa conhecer o seu mal , e quem haja de ser o Medico delle , e a Medicina ; pelo que naõ deve omittir diligencia em ponto taõ importante. Deve orar , e procurar a sua instrucçõ com a maior diligencia.

O mes-

O mesmo Socrates, e Platóo nos seguraõ, e mostraõ bem a verdade de hum só, e não muitos Deoses. A Transmigração Pitagorica, e penal das almas querem suppor, e induzir alguma injustiça em a Natureza; porem por hum modo inverosimil, e arbitrario, sem provas; mas nem huns, nem outros Philosophos descobrem ao homem o modo de se livrar do mal, nem o caminho de chegar ao verdadeiro Bem, e *felicidade*. Os mais Philosophos não propoem systema algum suavel, e sociavel; a mesma ração natural abomina muitos dos seus principios, erros, e paradoxos. Para quem remetteremos logo hum homem, que está disposto para instruir-se, e para curar-se? Leia os Livros de Moyses.

Nestes Livros achará o leitor a innocencia, e sabedoria, em que foi o homem creado, a causa de a perder, e a origem da sua miseria; achará tambem o modo de recuperar outra vez taõ grande perda. Em outro lugar direi alguma coisa

fa para mostrar o credito, que merecem, ainda prescisa a Fe Divina, os sobreditos Livros de Moyfes. Agora quero só demorar-me em propor, e assignar outra noção de Deos, que ficou em todos impressa depois do peccado.

A R T I G O II.

Outra Noção, ou Idea de Deos, Infinitude.

IDEA he huma imagem interna de alguma cousa. Ora não se pôde negar, que todo o homem tem dentro de si impressa esta imagem, ou idea do infinito, porque elle claramente se representa ao entendimento humano, supposto este o não comprehenda. Na claridade de conhecer consiste toda a nossa evidencia; tudo que se conhece com evidencia he indubitavel. Ora todo o homem tem claro, e distincto conhecimento do *Infinito*; porque delle affirma sem a menor duvida o que certamente lhe convem, e delle nega pelo meïmo modo, o que lhe não

con-

convem: digaõ a qualquer homem, que o *Infinito* he triangular, par, ou impar, responderá logo sem hesitaçaõ, que tal naõ ha; porque a idea, que delle tem, lho mostra clara, e distinctamente sem limites, sem numeros, sem modificações, sem principio, nem fim, nem meio, nem partes finitas, ou infinitas assignaveis, ou indeterminadas. A sobredita idea do *Infinito* a si mesma se illustra pelo discurso. Ella he que me ajuda a philosophar do modo seguinte.

Se o *Infinito* tivesse partes, seriaõ humas limitaçoẽs das outras, e por consequente nem ellas, nem o todo, illimitado, ou *Infinito*. Tudo isto he clara, e distinctamente certo: a evidencia das sobreditas proposiçoẽs mostra naõ ser o sujeito dellas chimera; mas verdade real claramente concebida.

Pella mesma rafaõ dirá qualquer Philosopho, que usar bem das suas ideas, que o *Infinito* nem pôde ter de nada o seu *ser*, nem foi creado; porque se
fof-

fosse creado seria dependente , precedido pela sua causa em differente instante , pois todo o ser creado tem causa externa , (a não ser só emanação *ad intra*) primeiro deve existir a causa completa , depois o effeito producto : por isso não podem duas causas ser *invicem* causas no mesmo genero , e instante ; nem póde causa alguma a si mesmo causar-se : se existe sem causa he infinitamente perfeito. Os defeitos das creaturas não só mostraõ a sua limitação , e *finidade* , mas tambem , que ellas não são per si existentes ; se não são por si mesmas , são por outrem ; este ser por quem são ha de ter primazia , e não ha de ser por outro ente , para não virmos em progresso infinito , ou *infinitum*. Excita logo o ser das creaturas o conhecimento de huma causa incausada , de hum ser por si antes dellas existente. Ora o que tem per si o seu ser he eterno , e infinito ; porque elle traz sempre consigo a causa , e necessidade da sua existencia interminavel , e illimi-

ta.

tada. Nada logo se póde ajuntar á sua verdade, e á sua perfeição sem limites. He por si mesmo tudo o que póde ser: isto he existir no supremo gráo de ser, e por consequencia infinitamente perfeito.

He jogo de palavras disputar, e perguntar, se hum infinito he, ou póde ser maior, que outro. Pergunta he esta taõ inepta, como he incompetente aquella, que a respeito de huma estatua toda de ouro inquirisse a especie de páo, de que foi fabricada. Todas as vezes, que dizemos minoridade, ou composição, lançamos fora a infinidade, ella que não póde ter limites, os teria abraçando em si qualquer entidade, ou modo, com que se partisse, augmentasse, ou diminuisse.

Não he menos improprio aquelle modo de repartir o eterno em duas metades, á parte *ante*, como dizem, e á parte *post*. Estes termos suppoem hum *preterito* passado, e hum *futuro transeunte*, nada disto tem a eternidade. Estes
ter-

termos só são próprios, e medidas do tempo, e temporal, successivos, e contradictorios da eternidade permanente, e sempiterna. O que he de huma absoluta permanencia exclue essencialmente antes, e depois, mais ou menos, tarde, velho, moderno. Estes, e semelhantes termos indicaõ mudança das cousas creadas, a qual he na realidade o mesmo tempo: esta mudança diz negaçã de permanencia no ser; donde se segue, que toda a successã, ainda indifinita, he contradicçã da Eternidade, e da *Infinitude*.

A duraçã, e extençã do *Infinito*, e eterno não tem, nem pôde ter repartiçã, nem medida, ou seja a respeito do seu todo, ou de quaesquer partes. Não ha aqui se não immensidade, hum ser simples, sem partes, nem medida dellas, sem futuro, nem preterito, sempre existente, correspondendo na sua existencia simultanea, sempiterna, do mesmo modo sem distancia a todos os futuros, e preteri-

têritos, só distantes a respeito huns dos outros, mas não da eternidade, e do ser infinito, que corresponde fim ao permanente, mas não succede para corresponder: elle sempre está, o ser creado falta, quando não existe; quando existe corresponde em tempo, mas o ser infinito, é eterno não tem tempo, nem successão, nem mudança: a falta de correspondencia não he de Deos, he da creatura. Deos fica sempre permanente, e não succede, succede a creatura. O agora de Deos não he o nôssô; o nôssô tem, ou pôde ter depois; porém o agora de Deos he, e não tem antes, nem depois, isto he, fim, nem principio; porque he eterno; he infinito. Donde só elle, e não outra alguma cousa pôde ter semelhantes attributos, ou predicados.

O finito porém he limitação passiva do infinito activo; mas este ser excellentissimo, que de nada faz o que quer, não he do nada, he per si mesmo; é por isto he tudo o melhor que pôde ser,

fer , sem limitação , e com perfeita exclusão do nada , ou seja este nada respectivo fomite , ou *omnino nihil* , se he que o dito termo complexo , que acaba de referir , tenha , ou possa ter alguma concepção no entendimento. Por ventura não he o que tenho dito evidente , e perceptível ? Parece já excusado persuadir ainda mais , que todo o homem racional tenha dentro , ou junto a si exposta de algum modo claramente para poder contemplar a Idea , ou Noção do Infinito. Mas eu quero ainda demonstrar-lo por outros modos.

Se o homem em si não tivesse esta refulgente idea do *infinito* , nunca poderia vir no conhecimento do *finito* como tal. Ninguém conhece a fraqueza sem conhecer a força : ninguém conhece as trevas sem conhecer a luz : ninguém conhece o *finito* , ou na extensão , ou na perfeição sem que lhe descubra , ou attribua alguma limite , o qual he huma negação de maior extensão , e de maior perfeição , e na

rea-

realidade vem a ser a mesma privação do infinito. Ora não se pôde representar a privação do *infinito* sem que se represente a forma negada, que he o infinito mesmo.

Ser, e não ser he manifesta contradicção : nenhuma cousa pôde ser , e não ser absolutamente finita , nenhuma cousa pôde ser , e não ser absolutamente infinita. Nem aqui há recurso para os modos , e maneiras de ser ; porque se huma cousa fosse em hum sentido , e genero finita , em outro infinita , ella sempre teria limites , e por consequencia absolutamente , e com verdade finita ; porque a infinidade que nesse caso se lhe concede he abusiva , he limitada , e não verdadeira.

Eu estou ja persuadido , que tenho em mim impressa a idea do infinito , supponhamos agora que o entendimento humano he hum espelho , o qual representa só os objectos , que lhe são fronteiros , e presentes. Que objecto finito terá virtude para representar no meu entendimen-

mento o ser infinito? Nenhum a fallar sem prejuizo. Não vem logo de mim, que sou finito, nem de qualquer outra cousa finita esta imagem do infinito, que vejo em mim representada, ella só pôde imprimir-se na minha mente do infinito mesmo positivo, que me quer illustrar com a sua presença, o qual conheço; e não comprehendo.

Fazendo bem reflexão nesta imagem, que tenho diante dos olhos da alma, a qual no meio das trevas da minha ignorancia me descobre clara; e distinctamente o objecto infinito, infiro recta, e ajustadamente, que esta imagem interna do infinito, que vejo, he o *infinito* mesmo, he hum ser, ou ente *real, vero, e bom, simples, e perfeito* em todo o genero, ao qual nem se pôde acrescentar, nem diminuir cousa alguma ficando como he infinito: elle que nunca foi começado, como nunca sahio do nada, para ser o que he, he por si mesmo: fica constituido no supremo gráo de ser;

o que he : nem póde ser alterado , nem acrescentado , nem anihilado .

O' ser admiravel sem principio nem fim , por ti mesmo existente , e tudo o que és , eu te conheço mais apalpando do que vendo , espero ainda ver-te por outro modo mais distincto , e mais feliz . O' idea do infinito , tu não és idea de cousa creada , e limitada , pois és infinitamente dissemelhante (a) a todo o creado ; tu és idea de hum ser distincto do meu , não de cousa alguma , que seja parte de mim : he meu o conhecimento , não o conhecido , certamente elle não he da minha natureza , nem hierarchia : tu és superior a mim infinitamente : por ti só alcanço , que por ti sou , conheço , e existo .

Pela existencia do infinito existe todo o finito , e eu conhecendo que conheço , infiro bem que sou , e existo . Mas

Part. II.

K

que

(a) *Domine quis similis tibi: Ps. 34. ad hæc verba: unus est, & similis illi non est: Deus meus est, & omne comparatum ei nihil est.* Kemp. Soliloq. animæ. Cap. 11.

que sou? O ser infinito? Não: huma participação, e limitação delle: se em mim não estivesse impressa, e mendigada a noção do simples ser, que he o infinito, ainda que cogitasse não poderia inferir que era, ou existia: eu não faria a reflexão devida para deduzir esta verdade tão certa, que vou a propor. Cogito: logo sou, e existo. Cogito com imperfeição, e perplexidade: logo não sou ser perfeito ou infinito, do qual não obstante tenho a representação em idea.

Vendo eu bem a minha ignorancia, e pobreza, que não fei bem o que sou, nem como principiei a ser, como posso, o que posso: como considero o que considero: fico admirado, e suspenso, conhecendo cousa tão grande, e magestosa, qual he o ser infinito até perceber nelle hum sem numero de attributos distinctamente, os quaes lhe convem, ou não. Como posso conhecer cousa tão alta, tão superior á minha natureza ignorante, sem que o mesmo infinito, que apa-

po,

po, ou alcanço pela visão do meu entendimento se presente diante delle, o conforto, ajude, e eleve, para vir a ter huma taõ admiravel concepção sem hesitação, e sem duvida?

Soccorrido ja Senhor das tuas luzes confesso, e adoro a tua Soberana existencia, a tua Benevolencia tambem, e a tua Infinitude.

Confirmação.

A noção do infinito he cousa positiva; porque refere hum ente positivo sem termos. A carencia de limites he negação no tom gramatical, no significado naõ; he cousa muito positiva; assim como a negação das trevas no tom gramatical he negação, no significado verdadeira posição, ou entidade. Limite, he que diz precisamente negação, pelo contrario quem nega esta negação affirma cousa positiva; a negação dobrada he huma affirmacão: logo a negação geral de toda a negação do ser limitado he o ser infinito,

expressão a mais positiva que se pode conceber, e por conseguinte este termo infinito, illimitado, he infinitamente affirmativo, e diz ser positivo por sua expressão philosophica bem, e verdadeiramente entendida.

He logo preciso, que eu tenha estes termos infinito, e illimitado, como positivos. Em negando todo o limite, o que na mente concebo he tão positivo, e substancial, que não posso subrogar outra cousa por elle: depois de conceber mentalmente este termo, faço conceito de hum ser puramente hum ente, que o meu entendimento não limita, hum ser absoluto, e não semi-ser, a cuja classe pertence todo o ser finito particular deste, e não outro modo. Faço conceito de hum ser puro, absoluto, o qual sendo tal, e tão excellente, não pode deixar de ser infinitamente; e por consequencia sem limite algum, perfeito, e verdadeiro ser: o que he mais ente he mais *hum, vero, e bom*, o que he infinitamente ente, he infi-

infinitamente hum, vero, e bom; he optimo, he maximo, he perfejtissimo.

A medida do ser he a perfeiçãõ; a imperfeição só he carencia de alguma perfeiçãõ; a perfeiçãõ sem limites he cousa positiva: a imperfeição qualquer que seja he negaçãõ; aqui não ha ser ente, e prescindir de ser, ou não perfeiçãõ. Se he cousa sem limites no modo de ser he summa, e infinita perfeiçãõ. O nada, o mal, a falsidade não são cousa alguma positiva, e por conseguinte o mesmo he ser puro, ser simples, ser sem restricção do que ser ente infinito. Mas eu continuarei a mostrar esta mesma verdade expondo mais, e separadamente o que nos diz, e representa huma idea, que temos innata do ser, ou ente representado sem restricção a mais fecunda de todas.



ARTICULO III.

Terceira Idea , ou Nação o Ser.

EU concebo hum Ser , que he soberanamente hum , eminentemente tudo ; elle na sua summa unidade incluye toda a perfeição , exclue toda a imperfeição , porque não he restricto a alguma maneira de ser particular : ser huma tal cousa , he ser huma só determinadamente , e não todas as mais ; ser absoluta , e simplesmente he por essencia ser tudo , com perfeita exclusão do nada , e do determinada.

Quando eu digo do ser infinito , que he o *ser* , sem ajuntar mais nada , eu digo tudo : a palavra infinito ajuntada ao termo *ser* he superflua ; as palavras não se ajuntão senão para estender , ou determinar o significado das cousas. Ao termo *ser* bem entendido ajuntar he superfluo , ainda que se ajuntem as palavras mais amplas optimo , infinito , e maximo ,

ximo ; porque ellas com o termo *ser* , são palavras synonimas : quem intenta expressar o *ser maximo* pôde supprimir a segunda , e pronunciar só a primeira. Quem diz *ser* sem restringir , diz *ser* em permanencia ; sendo assim ha de ser optimo , infinito , maximo : donde parece superflua a addição da segunda palavra , só se for para quem menos entende a energia , e significação das vozes.

Quando porém a palavra , que ajuntamos ao termo *ser* , não for synonima no significado , mas que indique limitação , em tal caso a significação desse *ser* não he a mesma , he differente idea , e vem esse termo complexo a indicar , e referir outro muito differente *ser* , hum não puro , hum *ser* participado , o qual não enche a idea do absoluto , e por excellencia tal ; porque a participação do *ser* , he *semiser* , he *ser* misturado de nada , he *ser* de nada , e por conseguinte he *ser* em mutação , não permanente na sua existencia , foi e será sem fixo *ser* : seria logo degradar do entendimen-

mento a idea do ser ajuntar-lhe semelhante palavra, que restringisse o seu significado. Basta dizer, *he*, e tenho dito tudo, tenho concebido na minha mente, se bem percebo, o ser infinito, optimo, maximo. Deos he o *Ser*; (a) afim

(a) *Moyse ne dit point : celui qui est esprit me envoie vers vous : il dit celui qui est ; celui qui est dit infiniment da vantage , que celui qui est esprit : celui qui est esprit , n' est que esprit ; celui qui est par excellence est esprit , est createur , tout puissant , immuable , il' est souverainement sans etre rien difint , & particulier.* Fenelon de l' *exist. de Dieu , & de ses attrib.* He certo que Fenelon no colloquio, e disputa com o incredulo, e em outros lugares se conforma com o systema de Malebranch sobre as ideas: donde o que fez a nota ao livro, que contém a vida, e acções do dito Fenelon, não tem razão alguma em dizer o contrario; e expoem muito mal o systema de Malebranch, pois elle não quer, que se vejaõ as cousas em Deos do modo que em Deos não estaõ, mas do modo que estaõ. Este systema de Fenelon he totalmente diverso do systema de Spinosa, e seus sectarios. Estes dizem, que não ha fenaõ huma substancia, que une em si como attributos todas as cousas, sejaõ intelligiçeis, e intelligentes, boas, e más, quaesquer que sejaõ; porque todas ellas saõ affeiçoens, ou propriedades de hum ser, e substancia. Pelo contrario Fenelon diz, que o ser absolutamente permanente he soberanamente hum, e soberanamente tudo, *Il' est tout etre ; & non tous les etres.* Il

sim entendo eu aquella palavra de Moyses : *Ego sum , qui sum.*

Te-

contient ce qu'il a de reel dans tous les etres par une simplicité indivisible , e non par composition de parties. Hist. da vida de Fenelon. He perfeitoissimo , e todos os mais são realmente distinctos delle , todos , ou elles se são considerados *singulatim* , ou *collective*. O ser per si existente he sim illimitado , e contém toda a perfeição , mas por essa razão lança fora todos os mais seres limitados , e em consequencia imperfeitos : donde os seres limitados não podem ser desta substancia affeições , ou propriedades , mas sim produções distinctas realmente.

O Editor da historia da vida , e obras de Fenelon quer , que a doutrina deste grande homem não tenha nada de commum com o systema daquelles , que dizem , que Deos he não só causa das nossas sensações , mas tambem o objecto immediato. Que Fenelon se não conforme com este systema tenho por indubitavel ; mas só duvido que haja quem sustente o tal systema. Certamente elle não he de Mallebranch , porque este Philosopho abertamente protesta , e diz que nós nenhuma cousa sentimos em Deos. E se diz que em Deos vemos todas as cousas , que vemos , nunca disse , que em Deos se viao , ou podiao ver as cousas do modo que em Deos não estao , quando muito do modo que estao. Se diz que Deos he hum ser intelligivel , que contém na sua eminencia tudo , não diz que Deos he ser sensivel , ou que cousa alguma se possa sentir nelle. Antes pelo contrario l. 3. cap. 6 traz as seguintes palavras : *Verum etiam si dicam nos in Deo materialia , & sensibilia videre , me non dicere nos illa in Deo sentire.*

Temos em huma só syllaba indicado o nome de Deos effencial , e ineffavel ignorado , e conhecido da multidaõ , *Ser*. Ora tendo eu a noçaõ , e conhecimento deste purissimo ser permanente , e naõ successivo na sua existencia , só o ser infinito pôde enchella , e verificalla.

O meu Deos vós fois quem nesta idea objectada se me mostra. Vós fois o ser por excellencia , e naõ he necessario procurar mais nada , vós encheis toda a extençaõ , e energia do que diz esta voz daquillo que objecta este meu distincto conhecimento , e naõ ha mais nada nem no universo , nem no meu espirito , que possa indicar , e referir huma perfeiçaõ igual á vossa. Tudo o que naõ fois , ainda que pareça grande , he infinitamente menos que vós : tudo o que naõ fois só he do ser huma sombra. Vós fois o que fois : *Ego sum , qui sum*.

Ninguem pertenda persuadir-me naõ ter eu concebido , e conhecido distinctamente este *ser* , como tenho explicado , sei
cla-

claramente o contrario ; a claridade das minhas ideas não desmente , a evidencia não se separa da claridade dellas ; porque he innegavel que dois , e dois são quatro ? Não he porque o vejo claramente ?

Quem diz que vê o numero decimo incluso em o nono , tal cousa não vê , nem percebe : engana-se ; mas ainda quando erramos , o acto do nosso entendimento não pode ser de toda parte falto , e vazio de objecto verdadeiro. A noção do ser permanente , ou a permanencia no ser concebida no entendimento , he idea simples , não he composta , não he negativa , não he privativa , he absoluta , he positiva , e por conseguinte verdadeiro o seu intuito , ou percepção.

Dado porem que esta idea seja composta , he perceptivel , e intelligivel ; como ha logo de ser chimera , se ninguem percebe , o que esta seja , e que ente he ; mas sim que o não he , nem pode ser ? O que na chimera percebemos , ou entendemos he a discordia da liga entre duas ide-

as formaes separadamente verdadeiras , as quaes nunca unidas podem verdadeiramente referir realidade alguma , nem cousa positiva possivel , e natural prescindindo do acto , ou actos do entendimento adunante. Esta percepção sendo clara he igualmente verdadeira , nem pode ser falsa : fallo da percepção da discordia , ou concordia entre duas ideas.

Sendo isto verdade he innegavel , que o entendimento apprehendendo a simples idea do *ser* , não apprehenda alguma cousa real , em que o acto , ou intuito se termine , e se verifique. Nem o dito terminativo pode ser a ração de todos os entes abstrahida universalmente de todas as differenças ; porque ellas na supposição deverão ser exclusas da dita ração , e sendo tambem entes , não podem deixar de incluir-se , e meter-se dentro della ; e por conseguinte abstrahidas , e não abstrahidas induzindo nisto mesmo huma chimera , huma fallacia. Alem disto menos desdiz do verdadeiro homem o pintado , do que
o *ser* ,

o *ser*, e ente successivo do permanente ; a respeito deste os mais faõ como se naõ foraõ : he logo impossivel , que huma rafaõ univoca a ambos estes *seres* seja aquillo que refira a idea do *ser* sem restricçaõ , simples , permanente.

Sendo pois certo , que todo o conhecimento intellectual , principalmente de objecto simples , tem fundamento real , e verdadeiro : sendo tambem certo , que o ente sem limitaçaõ puro , e real he termo de algum conhecimento nosso intellectual , e naõ podendo ser aquelle famigerado universal communissimo , por naõ ser objecto apto para delle com evidencia se deduzirem tantas verdades , do mesmo modo que o naõ he o termo do conhecimento de hum montaõ de area , supposto em todos os grãos toque confuzamente , segue-se ser este termo couza diversa , e muito superior. He ente , e naõ determinado a algum modo de ser particular : logo he infinito , independente *a se.* &c. Fica logo innegavel ser termo do meu conhecimento

nhecimento em tal caso , coufa muito diversa daquelle pomposo , e fantastico universal ; vindo a ser diversa realidade , mas verdadeira. Que realidade he esta ?

O' permanencia no ser , ou ser simples sem mistura , tu não és chimera , ou a liga de muitas ideas discordes : em ti tudo concorda summamente. Este meu conhecimento , que de ti formo , ou em ti termino he verdadeiro , e sendo assim he consequente se haja de adoptar , ou verificar em hum ser optimo , perfeitissimo , maximo.

He bem verdade , que nem todos os homens profundaõ bem nestas , e semelhantes ideas fazendo as devidas reflexões , e discursos ; mas todos sentem as sobreditas verdades ; os rudes , ou engolfados no mundo apenas tocaõ nellas pelos sentimentos intimos da alma ; os contemplativos , e engenhosos , amantes da verdade , reflectindo sossegadamente , raciocinaõ rectamente , e deduzem as conclusões proximas , e remotas ; o que não
fa-

fariaõ sem ter concebido primeiro as ideias, e noções da verdade. Veja-se Malebranch. *De inq. ver. lib. 4. cap. II. (a)*

Porem como o dito Philosopho attesta, que nem a todos os homẽns saõ accomodadas este genero de demonstrações, podem os taes valer-se das muitas, e innumeraveis, que ha para mostrar a existencia de Deos, e do ser Supremo, escutando eu agora de o referir, e os Auctores aonde se podem ver; porque huma,

e ou-

(a) *Deum igitur existere æque evidenter patet, ac me existere mihi manifeste patet. Inde me existere colligo, quod me sentiam, nec sentiri possit nihil. Pariter concludo Deum esse infinite perfectum existere, quia eum percipio, nihilum vero percipi nequit, neque etiam infinitum in finito. Sed hactenus demonstrationes hominibus vulgo proponere inutile est; ista demonstrationes ad hominem dici possunt; quia omnes in genere homines non conveniunt, quia nimirum plerique et immo quandoque doctissimi, aut qui quamplurima legerunt argumentis metaphisicis attendere nolunt, aut non possunt, etaque vulgo summopere aspernantur. Si ipsos convincere vellet proponenda sunt demonstrationes sensibus magis accommodata; quæ sane non desunt: nulla enim veritas pluribus probatur argumentis, quam existentia Dei. Idem, Ibid.*

e outra cousa são obvias , e faceis de alcançar.

Illustração à idea do Ser na contemplação da idea da Unidade.

Eu tenho em representação , e concebo a idea da unidade sem composição , ou partição alguma ; inalteravel ella he infinitamente huma : e assim concebida só pode competir a Deos justamente , pois só elle he hum ser absoluto positivo , sem composição , ou alteração actual , e possível. Desta unidade summa , e impartivel , participa as outras unidades partiveis , e comunicadas ; as quaes não são exemplares desta , sim pelo contrario. O entendimento unido áquella primeira *unidade* se illustra para poder conceber as outras unidades , e combina-las clara , e perfeitamente (a).

Em

(a) Esta unidade , e numeros sentio S. Agostinho quando disse Conf. lib. 10. cap. 12. *Sensu etiam numeros omnibus corporis sensibus , quos numeramus : sed illi alii sunt quibus numeramus , nec imagines istorum , & ideo valde sunt. Rideat me ista dicentem , qui eos non videt , & ego doleam videntem me.*

Em huma palavra , a idea que temos da *unidade* , alem de ser muito subtil , he clara , e fecunda de infinitas verdades , della conhecemos as raizes , e proporções , e deduzimos os problemas , e demonstra-ções da Arithmetica , em quem toda ella , e as suas operações se radicaõ. Desta *unidade* combinada julgamos daquellas grandes sômas , que os sentidos naõ alcançaõ , mas só o entendimento. Ella naõ he logo , nem pôde ser o cumulo de todas as unida-des confusamente conhecidas , a sua ordem he mais sublimè , e superior á esphera sensifera. Ora a idea do ente , ou do ser absolutamente fallando , e sem limita-la naõ he menos subtil , clara , e fecunda de verdades , que tem em si inclusas , ou connexas. Naõ digaõ logo , que ella he da pobre esphera sensifera , e accumulada confusamente no entendimento : eu digo , que naõ pode deixar de ser de esphera superior idea innata , ou noção infusa.

O' Idea do ente , naõ deste , nem da-quelle limitado , mas sem limite , tu naõ

te apartas do meu conhecimento; será acaso porque não posso viver sem Deos? Tu não podes ser formada da congerie confusa de todas as ideas especiaes, pois primeiro te manifestas ao meu conhecimento, que outro qualquer particular. A idea que se forma das cousas particulares he pobre de luzes, não he tão ampla, e fecunda de verdades, e não poucas vezes engana, ou nos enganamos por ella. Tu não enganas, e as verdades que radicas, e inclues são infinitas, todas claras, e evidentes. He ente, e não lhe assignamos limite, logo he eterno, immenso, omnipotente, permanente, á se (a).

Nes-

(a) *Fieri non potest, ut (mens illa) penitus excutiat ideam illam generalem entis, quia non potest subsistere extra Deum. Idea illa entis quamvis magna, vasta, & vera sit, nobis adeo familiaris est, nosque ita parum afficit, ut eam nos non percipere pene arbitremur, ad illam animum non advertamus, ipsamque vix existere credamus, nec aliunde formari, quam ex congerie confusa omnium idearum specialium; quamvis contra in ipsa sola, & per ipsam solam omnia entia specialia percipiamus.* lib. 3. de veritate inquir. Malebranch. Idem

Nesta idea illuminado , e banhado de luzes , o entendimento sabe discernir as luzes falsas da verdadeira , sabe firmar o seu assenso vindo a concluir que o ser , ou ente sem limites só pôde competir ao *ser* Optimo. Elle he o que está luzindo , e alumando a todo o homem , que raciocina neste mundo, naõ havendo algum , por mais barbaro que seja , privado das suas illustrações , e influencias.

L 2

ART I-

Idem ibidem. Quamvis idea illa , quam percipimus per conjunctionem immediatam cum verbo Dei , nos nunquam fallat per se , ut fallere solent ideae , quas recipimus per conjunctionem cum corpore , quae res alias nobis representant , quam sunt. . Sc...



ARTICULO IV.

Prova-se a noticia de Deos innata a todos os homens a respeito dos Philosophos , que affirmão não estar destituido de todo o conhecimento de Deos quem obra bem , ou mal moralmente.

RECTAMENTE com S. Agostinho sente quem attesta , que Deos não pôde totalmente ser desconhecido ao que tem uso de razão : *Hanc esse veræ divinitatis vim, ut creaturæ rationali jam ratione utenti omnino, & penitus possit abscondi.* Devem pois todos , os que comigo rectamente sentem , convir tambem , que quem está obrando alguma acção moral , má , ou boa tem noções innatas da Divindade : elles conhecem a Deos como se suppoem ; não são porém todos socorridos de engenho , e applicação necessaria para discernir a força , que tem as provas , e demonstrações da Divindade , que se tirão das obras da natureza. Logo presci-
fas

fas estas demonstrações , segundo a forma logica por outro modo conhecem a Deos.

Eu não quero impugnar a solidez , e verdade das sobreditas provas consagradas pela Escripura , e por S. Thomaz , porém digo que nem todos os homens penetraõ , como he preciso , a sua força , e energia por falta de engenho , inapplicação , ou malignas disposições , que deturpaõ os sujeitos a quem se applicaõ , se he que se applicaõ. Com tudo Deos não he desconhecido do homem malevolo , pelo menos quando actualmente está exercitando a maldade , quando o está offendendo. Fallo daquelle homem , que nem de pai , mai , ou mestre tivesse nunca instrucção alguma da Divindade ; em semelhante caso , na falta de estar presente a demonstração pertendida , ou magisterio extrinseco , he preciso recorrer para o sentimento innato do Divino ser communicado pelas noções , que temos impressas no coração , do Ente Supremo , do prin-

principio primeiro, Creador do universo, &c. Estas, e semelhantes noções com suas luzes não só offercem objectos do ser Divino, em que se termine o nosso conhecimento, mas também dão força para discernir, e perceber a verdade do licito, e honesto, do ordenado, e desordenado; daqui vem a obrigação que tem qualquer, de amar a Deos tanto que entra no uso da razão.

Nestas ideas tem auxilio, e a ellas recorrem ainda aquelles engenhos, a quem são accessiveis as demonstrações da Logica, e Geometria: porque sendo ellas tão subtiz, e complicadas servirá o seu uso para quem as penetra quando dellas usa; passado esse tempo poderá entrar a trepidação, talvez pelo menos nos impi-os, de ter sido enganados.

Em fim nem todos os agentes racionais conhecem a Deos sempre pelas demonstrações formalizadas, e com tudo não ha homem algum bem, ou mal regulado a quem o Supremo Numen seja
total

totalmente escondido : são logo precisas as ideas innatas, ellas são de todos, e sem filogifmo formado nos fazem sentir no coração hum Ser Supremo, que nos creou, hum Juiz que nos pôde castigar, hum Senhor a quem devemos respeitar, e isto com tanta, ou maior certeza, do que aquella que tem o rustico do motu, e tempo, que sabem conhecer, sem saber definir, pela communicacão, e sentimento das sobreditas verdades, que aprendem sem ensino, nem magisterio exterior.

Ainda os mesmos que discorrem agudamente são conduzidos, e ajudado pelas luzes das ideas innatas, e intelligiveis para formar as demonstrações metaphisicas de Deos, as quaes não impugno, antes reconheço com S. Paulo nos grandes Philosophos. Em huma palavra as demonstrações da ração, e da arte são accõmodadas para quem percebe a sua força; as noções innatas são universalmente perceptíveis, ainda para quem não reflecte no que o seu conhecimento sente.

Por

Por hum e outro modo se vê a verdade com certeza, mas talvez fora daquelle ponto de vista fixo, em que deve estar, para melhor ser vista, o qual nem sempre he designavel em todas as materias scientificas, como se designa apontado na perspectiva theatral.

No grande dia de Juizo será Deos conhecido por todos mais clara, e distinctamente, então pela nimia evidencia ninguem deixará de conhecer, que Deos he Deos: antes do dito dia Deos, a respeito dos viadores corruptos pelo vicio original, pode dizer-se noto, e ignoto, conhecido, e desconhecido: porem de tal modo he com effeito cognoscivel, que todos os impios, indifferentistas, e Atheos veraõ nesse angustiado tempo a injustiça de o não confessarem, e reconhecerem agora.

A obstinação, e ignorancia pratica destes infelices he inexcusavel. Basta para convence-los especulativamente da sua cegueira, fatuidade, e imprudencia a in-

na-

nata ração , prescisa a fé , e methaphy-
fica evidencia das provas de Deos.

ARTIGO V.

*He imprudentissimo todo aquelle homem que
nega , ou não confessa a verdade de hum
só Deos.*

O meu intento não permite demorar-
me aqui expondo as provas , que a
mesma ração natural tem descoberto , e
apontado no grande livro da natureza ,
nem tão pouco as demonstrações da Phi-
losophia para convencer o entendimento ,
e persuadir o homem sobre a existencia
real de hum Deos Creador do universo ;
remetto o leitor para os sabios , cujo es-
pecial intento foi este : (a) supponho
que

(a) *Mr. Francois ; De la Religion de J. C. contra
Spinofistas 4. 1. Idem Defense de la Religion contre les diffi-
cultes. 4 1. Fenelon Demonst. de la exist. de Dieu 1, e 2.
part. Dialogo entre Theophilo , e Eugenio. Cartas de huma
May a seu filho traducção em Portuguez. S. Thomas cont.*

que os Atheos , e libertinos com quem agora fallo tem lido , e examinado estas provas. Vejamos o que dizem , e como discorrem.

Diz o libertino indifferentista : que este Deos , cuja existencia , conhecimento , e confissão solemne entra em disputa , he , ou se suppoem infinitamente distante de nós : donde não se pôde tomar o partido de nega-lo patentemente á vista das provas , nem de affirma-lo positivamente , não sendo estas provas geometricas demonstrações , mas que em lance tal se deve suspender o juizo. Porém eu digo que nada está mais perto de nós : *In quo vivimus , movemur , & summus* : digo mais , que ha outra especie de demonstração tão certa , como a demonstração mesma da Geometria. A maior parte das grandes certezas , que nós temos , são
for-

Gent. seus commentadores , e todos os Theologos que escreverão de *Deo & attrib. divin.* Tambem merece ser allegado Bergier tanto no *Deismo refutado* , como na *Apologia.* &c.

formadas sobre outros principios : algumas ha que estão estabelecidas sobre hum pequeno numero de provas , que não sendo infalveis separadamente , em certas conjuncturas se roborão de tal sorte unidas humas com outras , que só hum homem amente , ou de genio extravagante pôde meter ahi duvida ; mas este tal tambem a poderá impor na demonstração da Geometria. A esta classe pertence a certeza , que temos de Roma tão distante da nossa vista. Ora eu não quero conceder , que a existencia de Deos seja demonstrada só por este modo , he por muitos , mas hum só me basta.

Estas provas não são só moral , e physicamente certas ; muitas chegam a ser demonstrações methaphisicas : prescindindo porém agora de duas classes dellas , ponho diante dos olhos do entendimento a existencia Divina notificada como he , só por hum dos tres modos separadamente : que importa que as provas da existencia de Deos não sejam demonstrações da

da Geometria, se por outro modo mais conveniente, e accomodado ao juizo dos homens são solidas, e certas?

Delibere pois já o homem racional, e dê o seu assenso voluntario á verdade, confesse tambem com a lingua solta em vozes allegrementemente a hum Deos Creador de tudo, que de nada o fez neste mundo existente para o servir agradecido, e reconhecer como seu principio primeiro, e como seu fim ultimo. He preciso deliberar sem demora em materia tão importante em que nos vai tudo; em que podemos trocar pela morte, e supplicio extremo, a felicidade eterna, a vida verdadeira: he preciso deliberar.

O indifferentista Atheo por causa da distancia infinita do objecto, e por falta de demonstração geometrica diz, que neste lance fica indifferente sem tomar partido algum; diz que suspende aqui o seu juizo, sem negar que há Deos, nem affirmar, sem assentir, nem dissentir. Devia porém advertir, que esta suspensão vo-

lun-

luntaria , e livre he deliberaçãõ , esta duvida he julgar que naõ ha motivo solido para assentir , e por consequencia he negar illicitamente a verdade sendo as provas taõ solidas ; em fim he tomar partido imprudentissimamente , e o peor.

A ração he manifesta , porque tomar a resoluçãõ de suspender , he tomar partido , he naõ querer voluntaria , e positivamente confessar , e reconhecer a Deos , he rebelar-se contra Deos , he deixar a Deos, he sem controversia expor-se a perder irremediavelmente o unico , e verdadeiro bem , cahindo ao mesmo passo no mais profundo chaos de miseria , e infelicidade extrema , he perder tudo , pois sem Deos tudo he nada : tomando porem o partido de reconhecer , e confessar a Deos nada se perde ; porque a pretendida felicidade das creaturas he falsa , e no caso de serem ellas alguma cousa, o seu uso se pode fazer com Deos mais licito , e digno de preço.

A necessidade de escolher he manifest-

ta, e indispensavel: em assentir á existencia de Deos confessando-o, e reconhecendo-o nada se arrisca; suspender suppostos taes, e taõ relevantes motivos, e provas da verdade, he omittir livremente o assenso, e confissão, e por conseguinte he tomar voluntariamente o pior partido, cheio de precipicios irreparaveis; he arriscar tudo para ganhar nada. Pela qual razão este partidista he mais imprudente, e precipitado que hum jogador, o qual por não arriscar hum real se exposse a perder cem milhões.

Passo adiante, e precavendo a infancia de Volter advirto aqui, que eu não pertendo dizer que o interesse de reconhecer, e confessar a Deos, seja prova da sua existencia, mas digo que as provas relevantes da dita existencia juntamente com o interesse fazem com que a omissão livre, e a subtração positiva do assenso áquella verdade, seja imprudente fatuidade, perniciosa, e vituperavel: assim como o interesse do lavrador não sendo

pro-

prova para haver de lucrar, e recolher, semeando no tempo opportuno, faz que ajuntando-se a moral certeza do lucro, seja imprudencia a omiſſão voluntaria da sementeira, e eſſa inacção, fatuidade, ou pelo menos extravagancia.

Naõ estamos no caſo de negar o aſſenſo a huma queſtão de Mathematica puramente eſpeculativa, a qual naõ tenha com a pratica urgencia alguma, e que nada importe ſabe-la, ou ignora-la, em tal caſo, preſcisa a evidencia da Geometria, ſeria canon da mais rigida Philoſophia ſuſpender o juizo: naõ estamos por certo neſſe caſo, mas em hum lance apertado, e de conſciencia, no qual devemos lançar o noſſo calculo por huma, ou outra parte, eſcolher, e deliberar, (ſe bem que a evidencia das provas de Deos he tanta, que até em materia eſpeculativa puramente ſeria infractor daquelle canon quem ſubtrahiſſe o ſeu aſſenſo, quem omittiſſe, quem ſuſpendeſſe) duvidar da verdade em tal

caso he naõ menor mal , do que crer , e assentir ligeiramente sem motivo solido. Se o Divino ser me ha feito para o conhecer pela raaõ , e ideas , que de si me ha dado , e por outros mil modos , que me subministra claros e perspicuos , ferei inexcusavel se me cegar por huma duvida caprichosa, geral, e vaga, que posso enganar-me. Ainda no caso, naõ concedido , de serem só apparentes as provas de Deos eu teria escusa de as seguir praticamente , e submetter-me a ellas ; pois que cousa poderia eu fazer melhor do que servir-me fielmente de quanto ha na minha maõ em ordem a caminhar direito para a verdade , para a bondade , para a felicidade.

Naõ tenho fundamento para desconfiar , que Deos exista , e me quer fazer feliz , naõ posso licitamente subtrahir o obsequio preciso do meu assenso á vista de provas taõ solidas , só na duvida geral que posso errar , e enganar-me : aqui o assenso positivo naõ me pôde ser nocivo , nem suspeito ; mas sim a sua omissaõ teimosa.

Com

Com tudo diz o Libertino , eu me não acho movido para positivamente assentir , e he imprudência fazer violencia ao meu juizo. Ao que respondo , que em taes circumstancias não he imprudencia mandar ao juizo dê o seu assenso ; he caso em que a vontade pôde a respeito do entendimento exercitar aqui o seu imperio. Como poderá porém a vontade do Libertino mandar ao seu juizo este assenso , se ella he a que tem voluntariamente toda a culpa ? Queira elle seriamente tirar o veo que se conserva nos olhos , e logo verá a solidez dos motivos , que lhe são propostos para confessar a Deos , e perceber os sentimentos do coração , que lho dão a conhecer por experiencia : tire os obstaculos , que entrepoem as paixões desordenadas , que fomentaõ a sua elevação altiva , e soberba ; tire a nuvem grosseira das terrenas conveniencias , e busque sêria , e socegadamente a Deos , e logo o achará : *Elle apparece a quem o busca , a quem o de-*

zeja. Onde está o sabio , diz Ozeas , e elle entenderá o que eu digo ; porque os caminhos de Deos são direitos , os justos por elles andaraõ , e tropeçaraõ nelles os máos.

Quem não sente no coração , nem descobre no entendimento o primeiro principio , que antes de se escrever o Evangelho já fallava desde a creação do mundo , quem não conhece o ser Divino , bem pôde reputar-se por homem stupido , e sem discernimento , só a semelhante casta de gente poderá fazer-se imperceptivel a noção da felicidade , a noticia do Creador do universo , cuja sabedoria , e providencia se faz admirar no bichinho mais pequeno , e mais desprezivel. Todo o Ceo , e toda a terra narraõ a gloria de Deos.

Eu pasmo quando contemplo a corrupção , miseria , e cegueira humana , a qual fomenta não só o Atheismo que nega a Divindade , mas tambem induz o Polytheismo , que pretende reparti-la

por

por muitos falsos Deoses ; sendo só hum o verdadeiro evidentemente demonstrado.

ARTIGO VI.

A Idea que temos do Ser , ou Ente Supremo dá a conhecer claramente, que he só hum o verdadeiro Deos.

GRANDE por certo he a corrupção humana fomentada pela concupiscencia , que domina nos impios : elles tem consagrado por Deoses as cousas mais abominaveis , e indignas : tem formado , e abraçado religiões taõ fabulosas , e paradoxas , que o mais rude entendimento descobre nellas claramente á primeira vista a falsidade , e ridicularia. O' lastimosa cegueira humana ! Poem voluntaria , e alegremente os homens por todos os modos obstaculos , para naõ vir a conhecer hum só Deos verdadeiro , e a verdadeira religião.

*A razão natural destrõe totalmente
o Polytheismo.*

Admittir dous Deoses he não admittir nenhum ; porque não póde haver dous supremos. O Ser Supremo he per si mesmo só , e sem igual. Dous , ou tres Seres Supremos , na supposição de terem tambem per si mesmo a existencia illimitada, seriaõ, não obstante, cousa menos perfeita , que aquelle que he singular , unico , e sem igual : os dous hum se limitava pelo outro , o unico por ninguem ; a sua intelligencia he igual á sua intelligibilidade essencial , no outro caso não. Mas nós não podemos admittir semelhantes supposições , e possibilidades tendo como temos clara , e distincta idea de hum só Ser Supremo , á qual se não póde ajuntar imperfeição , nem tirar perfeição alguma , sem anihila-la , e destrui-la , ella he impartivel , he inapplicavel a muitos individuos da mesma especie : por consequencia neste particular nos vemos o-

bri-

brigados a reduzir tudo a unidade.

Eu não tenho , nem posso ter idea clara de dous seres infinitamente perfeitos , antes pelo contrario tenho conhecimento evidente de que os não ha , nem pôde haver ; porque cada hum delles admittida a supposição , seria menos apreciavel , e perfeito que hum só , e nenhum seria ilimitado , e perfeito. Tendo eu pois idea clara de hum ser ilimitado e infinito , hei de concluir haver-se verificar só em hum unico na perfeição , na superioridade , na inequalidade ; hei de excluir necessariamente a possibilidade de muitos Seres Supremos , optimos , maximos , e admittir hum unico , e verdadeiro Deos. Por outros termos mais claros.

Se fossem muitos Deoses nenhum seria supremo , ao menos não seria optimo , e perfeitissimo ente , como Deos deve ser. Sendo muitos Deoses haveria nelles igualdade , ou desigualdade , e em qualquer das supposições faltaria a hum a perfeição do outro , e por consequencia

nenhum continha toda a perfeição nenhum seria optimo , ainda no caso de ser algum delles melhor. Admittida a maioridade ficaria exclufa a Divindade dos menores , e inferiores tomados cada hum de por si ; porque de outro modo a perfeição de dous menores semi-deoses poderia equilibrar-se com a perfeição do maior ; mas então a perfeição deste ficará commensurada por duas perfeições limitadas , e imperfeitas , refundindo-se tambem nelle por esta causa a finidade , limitação , e menos potencia.

Sendo diversos eraõ encontrados , ou coarctados os poderes (a), e quem poderia reduzir á ordem tantos potentados ?
Ahi

(a) *Qu chacun de ces deux infinis pourroit produire des etres a l'infini , ou il ne le pourroit pas. S' il ne le pouvoit pas , il ne seroit pas infini contre la supposition. Si au contraire il le pouvoit independemment l'un de l'autre , le premier qui commenceroit a produire des etres , detruiroit son egal ; car cet egal ne pourroit pas produire ce que le premier auroit produit : donc sa puissance seroit borné par cette restriction. Donc il est clair que le premier des deux qui agiroit librement sans l'autre , detruiroit l'infini de son egal. Fenelon pag. 456.*

Ahi era natural , e necessaria a discordia com sua filha a inquietação ; era inevitavel a miseria exclusiva a felicidade , e a Divindade.

O Ser Divino ha de ser incomparavel , e independente , hum só por essencia sem limitação alguma , mas ao mesmo tempo sem composição de muitos. He per si mesmo simplicissimo , e tudo o que póde ser com eminencia singular. Nem póde deixar de ser summamente hum , sendo por si mesmo existente. Os mais seres , ainda que se multipliquem , não tem , nem podem ter igualdade , nem comparação com elle , e fallou bem de Deos quem fallando com elle disse : *Omnes gentes quasi non sint , sic sunt coram te* : os mais estão no arbitrio do primeiro para principiar , e continuar no que são ; e como são continuamente conservados , foram , e serão sem fixo ser ; sempre dependentes do permanente : communicão sim , e são neste contidos mas com eminencia ; porque só elle de-

ve ter , e tem actualmente tudo por hum unico , e singular modo , mas perfeitissimo , exclufa a multiplicidade das perfeições formaes da creatura , que as tem sempre limitadas , nem as pôde ter de outro modo communicadas , e emprestadas por aquelle Deos , que he por essencia , e sem limite optimo , independente , permanente , e perfeitissimo ser , Creador de tudo , que contém tudo , hum fummamente.

Sendo esta verdade taõ patente , grafou com effeito no mundo taõ monstruosamente o Polytheismo por hum modo taõ barbaro ainda na Grecia , e Roma civilizadas , por hum modo ridiculo , taõ fatuo , e abominavel , como se vê da Historia das gentes , e da Theologia dos idolatras recantada com vivas cores de Eloquencia pelos poetas Gentios , cheia de fabulas , mentiras , e embustes taes , que sendo produzidas contra Juliano Apostata , elle se vio obrigado a dizer que os seus Poetas mentiraõ : mas se mentem

os Theologos do Polytheismo, que credito merece a sua religião? A verdade he que sendo os ditos poetas homens civilizados não se atreveraõ a dizer quasi nada do muito, que he impia, e depravada a Polythea taõ abominavel, e falsa no dogma, como execravel no rito, e na liturgia. Todos os vicios, e viciosos eraõ colocados sobre as Aras: as virtudes, e seus sequazes abatidas, e profanadas.

O que tudo nos mostra bem claramente a corrupçaõ originaria da nossa natureza, e a idea da felicidade perdida, que ficou, ainda que obliterada, na mente humana. A corrupçaõ influe para o conhecimento de Deos inverso, ou para o total esquecimento. A felicidade perdida não deixa de todo apagar a memoria da Divindade; mas vencendõ a corrupçaõ pela desordenada concupiscencia faz que o homem desvie o appetite innato da felicidade fora da linha recta, e direita que leya de sua natureza. He o homem

mem natureza fim corrupta , mas reparavel , por essa causa não só a idea do Divino Ser , e da *felicidade* permanece nelle ; mas para que de todo se não possa esquecer falla Deos de fora aos sentidos aquillo mesmo , que já tinha escrito dentro do coração , para que possa mais facilmente reter , e conservar dentro , o que já se lhe vai a dizer fora.

A R T I G O VII.

A Historia da criação do mundo , e propagação do genero humano , com a serie de acontecimentos que narraõ os Livros Santos , confirma a idea , que temos de Deos , e a verdadeira corrupção originaria reparavel.

ADAM communica a seus filhos a noção da Divindade ; elles com este novo soccorro retém mais , e melhor a memoria de Deos , o conhecimento da sua miseria originaria , a lembrança do Libertador , e Messias promettido , por
cujo

cujo meio, e mediação se havia de applicar o remedio á corrupção da natureza, e meter outra vez o homem na posse da felicidade. Tal he porem a propensão da concupiscencia, que vai fazendo esquecer pouco a pouco a Tradição dos maiores, as vozes da natureza, e os sentimentos do coração. Poucos annos antes do Diluvio universal estava já o mundo bem esquecido, e todo corrupto, abolida a memoria de Deos, e do Libertador futuro, e promettido. Foi preciso castigar, e exterminar do dito mundo todo o genero humano com diluvio de agoa.

Deste naufragio só a familia de Noé foi conservada na arca, e tornando a prevalecer o culto, e memoria do verdadeiro Deos, em quanto viveo Noé, e os filhos que o imitaraõ, finalmente foi declinando pouco a pouco, até que se aboliu pela maior parte o verdadeiro rito, prevalecendo o falso de muitos Deoses, introduzido até na casa de Thare, Pai de Abraham.

Este

Este Patriarcha he chamado por Deos , para nascer da sua geraçãõ o Messias Libertador: por esta causa o enche de benções , e promessas : manda-o circumcidar, e a seus filhos , e vernaculos , segregando esta familia depositaria das Divinas promessas , de cujo gremio havia nascer o Libertador.

Pouco depois vem Moyfes para tirar os filhos de Abram do captiveiro do Egipto; escreve, e dá a luz á Historia da Creaçãõ do Mundo , da queda de Adam , das promessas do Redemptor. Recebe de Deos a Lei no Monte Sinai , e descreve os seus Ritos , a Policia Judaica , as varias alterações que havia de haver antes , e depois da vinda do Messias. O mesmo Deos de Abraham , Isaac , e Jacob , que falla a Moyfes , e o designa para taõ relevante empreza , perguntado pelo seu nome , responde , que elle he o que he : *Ego sum qui sum* : Eu sou o que sou , isto he sou o *Ser* Supremo, maximo, optimo,

Grande , e clara noticia tem aqui todos

dos os homens da magestade , unidade , e superioridade do Divino *Ser.* Os livros de Moysés são espalhados por todo o mundo. Dos livros de Moysés tiraraõ os Legisladores humanos as suas justas leis. O Autor deste livro tem todos os caracteres para ser crido ; he em certo modo contemporaneo , porque viveo com os filhos de Noé , que viveo com os filhos de Lamech , que viveo com Adam , e podia ser bem facilmente arguido se fosse mentiroso ; porque tratava de huma coufa , que quasi era a unica materia da Historia daquelle tempo , cultivada de todos , sabida de todos , comprehensivel a todos , naõ obstante o dilatado dos tempos ; pois eraõ tambem as vidas dilatadas , e poucas gerações.

Moysés he o primeiro escritor notorio , e sem preambulo algum entra a relatar a creação do mundo por modo taõ magestoso , conciso , e claro , ao mesmo tempo suafivo , que naõ tem caracter de ser puramente humano.

Moy-

Moyfés de cuja pessoa , e livros fazem menção os Auctores profanos he dotado de hum grande espirito , integridade , e mansidão , a sua vida escreveo Philo ; recusa ser filho da filha de Pharaó , e por consequencia senhor do Egypto. Depois de se haver retirado do mesmo Egypto , vem fallar a Pharaó na presença dos Magos da sua Corte , e lhe diz em alta voz , que há hum só Deos verdadeiro , que o manda fazer retirar do seu povo os filhos de Israel , para lhe sacrificarem no Deserto , ás abominaçoens do mesmo Egypto ; ameaça , e prediz pragas , e castigos horrorosos a Pharaó no caso de renitencia , e dureza do coração á voz de Deos : tudo assim acontece como prediz. Confirma a sua missão com infinidade de prodigios , nos quaes os mesmos Magos confessão estar o dedo de Deos : não foraõ algumas só poucas , e singulares testemunhas , as pessoas que presenciaraõ estes prodigios , suspeitosos , e incompetentes , em lugar occulto , mas
a mul-

a multidão mesma de ambos os povos, á luz do universo. Nenhum Egypcio ignorou as plágas, mortes de todos os primogenitos, e subversões no mar vermelho: todos os Amalecitas, e mais povos, vencidos milagrosamente pela oração de Moyses, nunca reclamaraõ contra a verdade da Historia Judaica.

Que direi dos Israelitas no espaço de quarenta annos no Deserto? Naõ saõ todos testemunhas contestas desta verdade? Nenhum ja mais contradiz a Moyses, nem o arguo de falsario nas occasiões, que tinha para o fazer, urgentes, e accõmodadas; quando eraõ os Israelitas arguidos de infraçtores por Moyses, pondo-lhe, para affear a ingratitude diante dos olhos, os Divinos beneficios, e milagres, que Deos obrou por seu respeito, numerando-os determinadamente, nada reclamaõ, todos se calaõ: quando em dois differentes tempos, e conjunturas mandou matar juntamente mais de vinte mil pessoas; quando lhe prescreve huma lei



lei taõ contraria á natureza , e taõ áspera , que naõ só impoem pena de morte aos delictos atrozes , mas ás mesmas infracções das ceremonias legaes , tudo se cala.

Parece estar Moysés feito senhor da vida , e da morte ; manda aos elementos , e he delles obedecido ; faz quando quer inverter o curso da natureza ; que outra cousa nós dizem a passagem do mar vermelho a pé enxuto ? O Maná sustento no Deserto ? A columna de fogo , e de nuvem , a incorruptibilidade do vestido , e calçado , a protentosa recepção da Lei , a especialissima providencia em todos os lances apertados , com os factos , e prodigios admiraveis , que se referem no Pentateucho ?

Por ventura este homem naõ merece ser acreditado ? Ainda que huma , e outra vez tivesse concertado com Moysés o povo Judaico a mentira , naõ poderia perseverar constantemente nella , sem haver hum só individuo em tanto tempo ,
que

que descobrisse o enredo. Nem Moysés tinha caracter de mentir, nem o povo de submeter-se a huma Lei taõ rigorosa, se não visse abertamente, que Deos era quem a dava, e solemnizava com tantos prodigios.

A evidencia da Divina palavra foi a causa da sua recepção: o mesmo motivo impelliò para que os Judeos estimassem tanto os livros da Lei: para que com o maior desvelo os guardassem, e conservassem estampados nos ritos praticos da sua observancia.

As ceremonias Legaes differentes, os diversos sacrificios, a selecção da Tribu de Levi para o Sacerdocio e culto do Templo, he huma prova viva do Livro de Moysés, que tudo isto ordena. A Urna do Manná, as Tabulas da Lei, a Vara de Araõ reposta no Sanctuario que querem dizer? O Cordeiro Paschal, os Azimos, a Festa dos Tabernáculos que trazem á memoria?

Em fim todos os diversos ministeri-

os do Sacerdocio Levitico ; todas as ceremonias dos Sacrificios , e purificações Moyfaicas ; todas as Leis , e sua observancia tem respeito ao Livro de Moysés ; se os caracteres mortos do dito Codigo se perdessem , destes vivos caracteres se poderia outra vez estampar.

A Moyses succedem outros Prophetas , que tambem fazem patentes , e dão á luz os seus vaticinios , e todos são juntos pelos Judeos ao Pentateucho. Elles predizem algumas cousas , as quaes se verificaraõ logo , para que este acontecimento veridico fosse naõ só prova da missãõ dos taes Prophetas , mas tambem de haver-se verificar do mesmo modo , e com a mesma exactidaõ , e certeza , o que respeitava tempo mais dilatado , e remotissimo. Nós se naõ vemos ainda tudo , vemos quasi tudo verificado , esperando o que respeita até o fim do mundo.

Todas estas Prophecias annunciaõ o Messias Libertador , o Salvador , e Restaurador da Natureza humana. Os Pro-
phe-

phetas designaõ as mais miudas circumstancias da vida, e morte do Messias, os milagres, a Resurreiçaõ, a mudança do Sacerdocio, a nova Lei, a sua dilataçaõ, firmeza, e existencia, a pezar do conato do inferno, e poder mundano armado de colera, e sanguinolenta ira em que haviaõ vencer pacificamente os cultores, e sequazes do Messias, até imprimir a sua doutrina, e gravar a sua divisa nos corações dos mesmos, que lhe faziaõ guerra, Sabios, Oradores, Imperadores,

He grande prodigio, he admiravel Providencia de Deos, a cuidadoza, niamamente escrupuloza, e fidelissima conservaçaõ destes Livros pelos Judeos, sem mutilaçãõ alguma naquelles lugares, que sãõ injuriosos a elles mesmos, que convencem os seus erros, propallaõ a sua infamia, e rebeldia. Como he possivel conservem os Judeos modernos, sincera e fielmente, as passagens da Escripura, em que a vinda do Messias, se mostra clara, e perspicuamente já passada? Esta reten-

ção incorrupta, he, e foi sempre hum argumento invencivel da identidade, e verdade dos sobreditos Livros de Moyfes, e mais Prophetas.

Quanto aqui tenho narrado não he por ventura, feita seria averiguação, huma demonstraçaõ moral, mas evidente da Divindade? Que ha hum Deos Omnipotente, que sabe quando quer inverter a ordem da Natureza, e dar-se a conhecer em verdade, e em Magestade? Que este Grande Senhor offendido pelo homem, ficou logo todo o genero humano sujeito á morte, corrupto, injusto, e desordenado? Que para pôr remedio a taõ grande mal virá mandado pelo grande Deos hum Libertador, e Salvador, não só do povo Judaico, mas de todo o mundo?

Em termos mais concisos.

Se houve Moyfes, e este he o Auçtor do Livro que se lhe imputa, a Religião
Judai-

Judaica , e tudo quanto prescreve he dada por Deos , e he verdade.

Está verificada a supposição pelos monumentos de huma , e outra historia , e os mais , que se referem em todo este Artigo.

Logo Deos he hum Ser perfeitissimo : o homem peccou originalmente ; foi promettido o Messias Libertador , que infalivelmente virá em tempo prefixo , para instituir novo Sacerdocio , e nova Lei : ainda mais concisamente : sejaõ quaesquer que forem os Escritores dos Livros Santos do Velho Testamento , he certo , que elles , existindo em diferentes lugares e tempos , concordaraõ sem conferir , predizendo muitos seculos antes a nova Lei , e vinda do Messias , com todos os caracteres , e circumstancias , com que veio sem faltar hum apice , como a seu tempo direi. Ora isto não podia ser humanamente , porque os futuros livres , e contingentes , são reservados só a Deos. Só Deos podia revelar hum facto taõ circumf-

cunfanciado , e totalmente inconnexo com quaesquer causas naturaes.

Resta averiguar quem seja este Libertador , e se já , e quando veio.

A R T I G O VIII.

Este Messias não he Mafoma , nem a Seita Mahometana verdadeira Religiaõ : só a boa razão basta para mostrar patentemente esta verdade.

PARA figurar-mos huma Religiaõ taõ abominavel , como he a Seita dos Mahometanos , poremos diante dos olhos hum monstro tal como Mafoma , homem summamente corrupto , e luxurioso , aleivozo , cruel , infame , demoniaco. Os caracteres da pessoa , e Alcoraõ de Mafoma , nem de longe se equivocã com o Messias verdadeiro , e sua Santa Lei. O Dogma , e Canones de Religiaõ de Mafoma , quasi todos são carnaes , e torpes : a Doutrina , e Religiaõ do Messias toda he santa , espirital , e Divina.

Nem

Nem ainda se pode jaçar Mafoma de ser descendente de Abraham ; pois o não he pela linha de Ifac , filho de Sara ; mas por Agar , Mái de Ismael repudiados. Em fim he cousa indigna permittir , que Mafoma entre em semelhante paralelo com o Messias unguido por Deos , só se for para mostrar-mos , que aquelle malvado homem he hum verdadeiro Anti-messias.

Porem a corrupção , a miseria , e a cegueira humana , chegou a hum tal ponto , e auge de malicia , que tem abraçado esta Seita tão abominavel huma multidão innumeravel de homens profanos , que o adoraõ , ou reconhecem , não como Messias dos Judeos , mas por hum Paraclete celestial mais illuminado , que os Santos Prophetas ; porque sem milagres , como confessa o impostor , nem Oradores , e directores Sabios , plantou a Mahometana Seita sobre as ruinas do Judaismo no mesmo territorio dos Christãos , e persevera ha tanto tempo , cada vez mais propagada , e
 nume-

numerofa. Que muito, digo eu, se ella em tudo he favoravel ao appetite desordenado da natureza viciada, e tanto a lizonjea! Que muito, se foi cega, e violentamente introduzida, e sustentada sem averiguação alguma! Que muito se a cegueira, e ignorancia, são os canones preliminares desta, não direi ja barbara, que he pouco, mas brutal Igreja.

Para me não desviar com tudo do rumo, que levo, he preciso ao menos de passagem mostrar pela rafaõ, como he inteiramente falsa esta torpe Seita,

Prova.

A Religiaõ, que não prescreve entre seus preceitos a caridade, e amor de Deos, que não designa sacrificio algum para protestar a sujeição, que deve a creatura ao Creador; de que se faz auctor hum homem malvado, que a propoem não obstante, sem Missaõ, ou provas, sem milagres, sem auctoridade, a Religiaõ que professa huma moral corrupta, e abomi-

minavel , que só offereçe huma bemaventurança puramente carnal , e cheia de vicios taes , que horrorizaõ a boa rafaõ , e natureza racionál , he patentemente falsa. Tal he a Religiaõ a cujo ingresso quer fazer violencia o impostor Mafoma , e seus cegos sectarios. Logo segundo todos os principios da boa rafaõ , he patentemente falsa a religiaõ Mahometana.

A Religiaõ de Mafoma tem os caracteres daquellas Seitas , que naõ subsistem se naõ por caprichos temerarios , e visões fanaticas , as quaes se naõ vaõ estabellecer , se naõ por hum apartamento da rafaõ igual áquelle , que as ha produzido. Por isso o falso Profeta fecha todo o discurso a seus sectarios, até mesmo lhe prohibir a leitura do Alcoraõ , quando vemos que a verdadeira Religiaõ patentea todos os seus Livros , e está aparelhada para dar a rafaõ da esperança , que nella ha , mostrando com a mesma rafaõ , que seus altissimos misterios saõ revellados por Deos , que elles naõ tem nada offensivo da boa rafaõ.

Dei-

Deixo as Fabulas, e intrigas do Alcoraõ, os seus paradoxos aniz, ou pueriz, e ridiculos; porque temo me estejaõ dizendo os cordatos, me naõ canse mais, nem demore em mostrar huma total evidencia. Remetto os leitores para o dito Alcoraõ, cuja leitura, o Machavel Propheta ladina, e astutamente vedou aos seus sectarios; pois basta le-lo, para o abominar. Leia tambem a vida, e acções do falso Propheta Mafoma, cuja execranda serie, eu agora me abstenho de relatar: mas naõ posso com tudo conter-me sem clamar contra a insolencia de quem nos quer persuadir, que ambas as Seitas Polythea, e Mahometana podem formar cultores agradaveis a Deos, os quaes pela pratica das taes Religiões, possaõ confeguir a salvação eterna, e retirar-se á pena da outra vida, com tanto que se conformem com as regras, que prescrevem as suas Religiões. Maior paradoxo he este, que o mesmo Polytheismo, e Mahometanismo.

A R T I-

ARTIGO VIII.

He paradoxo , e manifesta falsidade , que os cultores do Alcoraõ , Mouzoleo , e falsos Deoses , possam de modo algum ser acceptaveis ao verdadeiro Deos.

SE estas Religiões são cheias de supersticiosos , e impios canones , como he notorio , e está demonstrado , quanto mais o seu sectario se conformar com ellas na pratica , tanto mais se contamina , e corrompe , tanto será mais impio , e digno de pena ; pelo que blasfema de Deos , quem o suppoem , e induz Remunerador de taes cultores , se não he , que seja para o maior castigo , e maior pena. Figura mal , falsa , e torpemente a idea de Deos , que he a mesma Justiça , e Santidade , Remunerador dos bons para o premio , e dos máos para o castigo congruente ao seu peccado.

As ideas , que todos os homens temos de Deos , como optimo , e perfeitissimo

Ser ,

Ser, e da *Verdade*, nos dão a conhecer, que esta he sempre opposta á mentira, e que a Bondade do perfectissimo *Ser* abomina a malicia, e falsidade. Como será logo possível associar com o Divino beneplacito as sobreditas fabulozas, torpes, e falsas Religiões? Seria para isso necessario negar a Deos os seus attributos. Esta negação he o abismo da impiedade; logo nesta classe dos impios, haõ de ser repostos todos aquelles, que pretendem fazer concordes com o beneplacito de Deos semelhantes abominações. Este he o caracter da Philosophia dos Libertinos.

Jaçtaõ os sobreditos Philosophos naõ deliberar positivamente, lançando o seu calculo na urna da verdadeira Religiaõ, por naõ offender a ração, que naõ comprehende os mais reconditos dogmas, e mysterios della, dizendo ao mesmo tempo contra toda a ração, que os cultores do Alcoraõ, e falsos Deoses, tem ingresso patente á futura felicidade. Patrocinas
impio

impio Naturalista contra a mesma ração a causa defamada dos Mahometanos, e Idolatras, e defamparas, e não queres abraçar a verdadeira Religião, a qual não tendo nada, que seja contra a ração, a mesma alcança ser divina, e verdadeira pela ordem da natureza, pela verdade da Historia, pela serie da Tradição, pelos Prophetas, e Prophecias cumpridas, pela Santidade das Leis, Doutrina, e Prêgadores, pela propagação, e victorias da mesma Igreja sempre pura, e immaculada.

Huma prova da sua verdadeira fiantidade são os seus reconditos, altísimos, e sublimes Misterios. Se tudo quanto Deos manda crer na verdadeira Religião, fosse accessivel á ração humana, se tudo ella penetrasse intrinsecamente, e comprehendesse pela evidencia do raciocinio, seria suspeitoza, não teria todas as notas de Divina na presente Providencia: se propuzesse algum Dogma, que a ração demonstrasse ser falso, ella seria como

as outras feitas , não só falsa , mas ridicula. Por isso mesmo leva o caracter de verdadeira , porque , não havendo nella Dogma contra a razão demonstrado , tem Misterios , que a razão não comprehende. A Religião Christã não contem só huma Lei Santa , que purifica o coração ; mas huma crença , que submete a nossa fraca razão , assentindo ao que Deos diz , ainda que o revelado seja obscuro , e misterioso : não he preciso examinar se he conveniente , e ajustado , que Deos o revele assim , basta saber se ha , ou não revelado para submeter-me , e adorar os seus juizos sacrificando a minha razão.

Mas que razão a nossa , para comprehender as cousas sublimes , quando estamos vendo quam pouco alcança nas terrenas , e baixas ? Se não são porem os Dogmas da verdadeira Religião todos intrinsecamente demonstrados , todos são negativamente demonstraveis. Por ventura não se tem assignado a solida , e conveniente soluçãõ a quantos argumentos

a incredulidade tem excogitado contra os Dogmas da verdadeira Religião?

Muito mais, que os motivos extrinsecos da mesma Religião são moralmente evidentes. Não he evidencia Geometrica, mas he tal, que se pode comparar com ella: se não he da mesma linha, he da mesma verdade, e certeza. Depois de ser seguro por hum modo evidente, e suazivel, que Deos ha revelado o Mistério, seriaõ os homens injustos em pedir a evidencia da Geometria. Basta que a revelação esteja junta com certas verdades innegaveis, e proporcionadas ao espirito dos homens, donde são instruidos; mais conhecidas, e ainda mais suasiveis, que os axiomas Geometricos. Que mais he necessario? Fazendo-se logo ver, que a Religião está inseparavelmente ligada com estes factos, he necessario, ou submetter, ou renunciar a razão.

Os motivos de credibilidade na verdadeira Religião mostraõ evidentemente a todo mundo, que Deos foi quem revelou

lou

lou os seus Dogmas: pela qual rafaõ aquelles incredulos, que sendo evangelizados suspendem o assenso saõ inexcusaveis: *Si non venissem, nec locutus fuisset eis, peccatum non haberent, nunc autem excusationem non habent de peccato suo*: A mesma verdade he quem assim o manifesta; he o Messias quem assim falla. Este Messias he JESU CHRISTO; o que vou fazer mais patente.

A R T I G O X.

He evidente que o Messias esperado pelos antigos Judeos he JESU CHRISTO.

POR ventura desdiz alguma cousa do Novo o Testamento Velho? Quanto estava escrito nos Psalmos, Lei, e Prophetas se vé verificado em JESU CHRISTO nosso Senhor: elle tem todos os caracteres de verdadeiro Messias Salvador. He, como deve ser segundo as Escripturas, descendente de Abraham, Isac, e Jacob, da Tribu de Juda, Filho de David:

vid: subsistente a quarta Monarchia do mundo, nasce de huma Virgem admiravel em a Cidade de Belem na sexagesima sexta semana de Daniel; declinandó já apressadamente para o seu occaso o Imperio, e Sceptro Iudaico. O Presépio dos animaes he o lugar do seu nascimento, no meio delles he reconhecido, e adorado pelos Anjos, e pelos homens. Os Magos do Oriente vem de longe a tributar adorações, guiados de huma nova estrella refulgente, a mesma de Balaam.

Poucos dias nascido, vai o nosso Dominador, e Anjo do Testamento, desejado dos Antigos e Santos Patriarchas, honrar com a sua presença o Templo segundo, para o fazer mais gloriozo, que o Salomonico: nos braços de huma nuvem candida he transportado no Egypto, e dalli chamado por seu Eterno Pai outra vez para a Palestina: estabeleceo a sua habitação em Nazareth, porque estava dito haver de chamar-se Galileo. A mesma voz, que clama no deserto para a

penitencia , de que faz menção Ifaias , he o Percursor , o qual o aponta com o dedo como Messias , mandado por Deos , para tirar os peccados do mundo.

Pelo espaço de tres annos e meio evangeliza aos pobres a palavra de Deos , dá vista aos cegos , cura os enfermos ; refuscita os mortos ; e obra os mais prodigios , e factos attribuidos ao Messias por Ifaias , e por todos os Prophetas. O zelo da Casa de Deos o impelle para corrigir , e castigar os abusos introduzidos no Templo , ainda com respeito ao Sacrificio.

Em fim , he vendido pelo limitado preço de trinta dinheiros , que com effeito se empregaraõ na compra do campo daquelle Oleiro , que predisse Zacharias , para sepultura de peregrinos , e por isso campo de sangue : *Ager sanguinis* : He flagellado , cuspidado , crucificado , feito vítima dos peccados do mundo : mas com tudo não deixa logo de ser glorioso • seu Sepulchro : *Et erit Sepulchrum ejus*
glo-

gloriosum. Como outro Jonas, seu ty-
po, sahe ao terceiro dia refuscitado JESU
CHRISTO, communica com os Apосто-
los, e Discipulos, e lhes entrega o the-
souro da Tradição, as formas dos Sacra-
mentos, o Rito da nova Lei, e novo Sa-
cerdocio, que segundo os Prophetas, def-
truido o Levitico, se havia de estabelecer
pelo Messias, para durar até o fim do
mundo. Sobee aos Ceos refuscitado o Sal-
vador do Universo; manda o Espirito
Santo sobre os novos Discipulos, e Mi-
nistros do Evangelho: pasmaõ os Judeos
á vista da maravilha predicta por Joel; e
verificada na Igreja. Cheios do Divino
Espirito os Discipulos de CHRISTO
convertem, e ajuntaõ huma Igreja em
Jerusalem, a qual se espalha depois por
todo o mundo com progressos maravilho-
sos: demolidos os templos dos falsos
Deoses, e abolido o seu culto, se refor-
maõ os Genticos, e apezar das iras, e
cruéis perseguições, se convertem os Ma-
gistrados, os Militares, os Oradores, os

Philosophos , e sem a menor violencia da parte dos pobres operarios Evangelicos , cresce demasiadamente o numero dos crentes ; a Cruz de CHRISTO he adorada dos mesmos Imperadores.

Neste meio tempo se destroe totalmente para nunca mais ser erecto o Templo Judaico , he expugnada pelos Romanos a Cidade de Jerusaleem , e experimentaõ a ultima desolaçaõ todos os Judeos , as Tribus saõ confundidas , e seus moradores exterminados , e desterrados do proprio sólo : vaõ a ser espalhados por todo o universo , permanecendo com tudo a Naçaõ Hebreia , mas sem Lei , nem Monarcha , nem Templo , nem Prophetas , nem Sacerdocio ; sem Republica formada , sem poder Legislativo , sem uniaõ , fomite com a nota , e caracter de Judeos rebeldes ao seu verdadeiro Messias.

Para o dizer em huma palavra , o Testamento Velho em tudo tem summa consonancia com o Novo. Tudo quanto se disse do Messias apparece na melhor luz
veri-

verificado em CHRISTO ; elle he patente-
mente o alvo de todas as prophecias , o
termo de todas as figuras , o centro de
ambos os Testamentos. Esta he a mesma
evidencia , e com tudo os Judeos rebeldes
negaõ , e recusaõ a CHRISTO ; mas esta
negaçaõ , e repulsa he a ultima marca ,
que nos descobre a identidade da pessoa do
Messias em CHRISTO. Naõ era por ven-
tura isto mesmo o que estava predicto pe-
los Prophetas.

Sómente resta indagar a causa desta
grande cegueira contra toda a razaõ , e evi-
dencia.

Eu vou já a examina-la sinceramente.



ARTIGO XI.

Os Judeos figuravaõ mal a Idea do seu Messias , por isso negaõ, e rejeitaõ a CHRISTO ; mas esta negação he a ultima prova da verdade , que impugnaõ.

NAõ podem valer-se os Libertinos incredulos da repulsa Judaica , para daqui invadir a formalidade do culto , que confagra o Dogma , e Rito Catholico. A Religiaõ Judaica na sua substancia he a mesma Religiaõ Catholica , porque CHRISTO he o centro de ambos os Testamentos , mas a Judaica he toda figurativa , este o seu verdadeiro estado , e caracter ; por isso devia cessar apparecendo o figurado ; e nisto se completa o seu munus. Era preparativa dos animos , e como ensaio para receber a verdade , que he CHRISTO ; he o mesmo Messias. Quando este Messias por si mesmo se manifesta : *Ecce adsum* : cessaõ os preparos , e en-

fai-

faios , a verdade está já descoberta , rasgado o veo do Templo , sem uso algum para cobrir o Santuario. Não se olha já mais para o Messias , como futuro , e por conseguinte a energia , e força da Religião Judaica , acaba na presença do Messias descoberto , e manifesto. Assim aconteceu , e assim estava predicto pelos Prophetas , que nos ensinão , e dizem abertamente , que a Lei , e Sacerdocio Judaico durariaõ até a vinda do Messias , e que a Lei , e Sacerdocio do Messias durariaõ até o fim do mundo. Tambem estava predicto , que o Messias havia de ser recebido por alguns Judeos , e negado por outros : isto he o que vemos verificado.

Se todos os Judeos recebessem o Messias promettido por Deos , não seria elle o tal Messias ; porque não se verificava na supposiçaõ o que d'elle estava prophetizado , isto he , que havia de ser salvaçaõ para huns , e pedra de escandalo para outros. Os Judeos carnaes estaõ cheios de perjuizo a respeito da pessoa , e qualidades do seu Messias.

Pro-

*Propõe-se a idea, que formaraõ do seu
Messias os Judeos carnaes.*

Os Judeos puramente carnaes, e terrenos, que não receberaõ, nem querem receber a CHRISTO por seu Messias a pezar dos caracteres evidentes, que o patenteaõ, e fazem perspicuo, estavaõ persuadidos, que elle seria perpetuamente hum grande Rei temporal, conquistador do mundo, sublime em Magestade terrena, cheio de pompa, e fausto mundano, opulentissimo em cabedaes de ouro, prata, e pedras preciosas, levado em carroça triumphal, servido dos Principes, adorado de todos os povos, em Palacio magnifico, e em hum Templo ainda mais augusto, que o Salomonico.

Este erro naquella soberba, indomita, e guerreira Nação tinha origem na má intelligencia de alguns lugares da Sagrada Escripura, nos quaes se induz o Messias triumphante, dominador, Salvador, sem fazer reflexaõ em outros muitos,

tos , aonde se propoem pobre , desprezado , e perseguido do mundo , obrigado a fugir , e retirar-se da propria patria para o Egypto. Em fim prezo , flagellado , crucificado , expostos ao azar dos dados os seus vestidos , com outros semelhantes abatimentos , que basta só ler o Capitulo 53 de Isaias para mover a compaixão, Estas notas certamente não são compatíveis com a pompa , delicias, e felicidades mundanas , mas sim com o triumpho dos vicios , e do demonio , com as delicias do Espirito , com a gloria da Santidade.

He pois preciso , para figurar huma justa idea do Messias , combinar huns com outros lugares ; e advertir , que ha outro triumpho , e gloria , outra dominação, e grandeza , outra Magestade , e victoria , diversa , e separada daquella , que os homens puramente carnaes consideraõ. Os grandes Heroes tem a sua excellencia , o seu Imperio , a sua grandeza sem comércio algum com a yangloria mundana , e

çadu-

caduca ; elles são vistos fora do theatro do mundo sensível , e não com os olhos do corpo : isto he o que lhe basta. Os Santos tem o seu lustre , a sua exaltação , e excellencia , as suas victorias adquiridas na dilatada região da Caridade , e não tem necessidade de outras grandezas nem as querem , pois as tem melhores em ordem diversa , e superior. Archimedes teve a gloria de sabio sem necessitar das riquezas de Cresso ; JESU CHRISTO , e seus Santos tem na ordem superior da graça , e da caridade toda a sua grandeza , e gloria , sem ter fora comércio com a pompa mundana , com a vaidade de Philosopho , com a felicidade terrena e mentirosa.

Isto que por si mesmo he notorio , e manifesto , não sendo contemplado pelos Judeos carnaes , e soberbos , só reputarão feria do primeiro modo a gloria do seu Messias ; e ainda agora teimaõ ; e arguidos , e convencidos pelos mesmo lugares da Escripura tão patentes , não sahem do
seu

seu erro , e querem antes obstinadamente , sem algum solido fundamento , esperar hum Messias pomposo , soberbo , e cheio de vangloria , do que reconhece-lo verdadeiramente glorioso , como se não fosse a primeira miseravel felicidade , e a segunda solida , Divina , e verdadeira. O' abominavel gloria , e felicidade terrena , que tanto cegas ! O' Gloria espiritual , e Divina , que só és a sublime , verdadeira , e gloriosa felicidade.

Eu convenho que figurem os Judeos o seu Messias triumphante e glorioso , não no mundo , mas do mundo , pelo desprezo das suas grandezas , e das suas pompas : Conquistador dos Principes , e Potestades , mas infernaes , e tenebrosas ; as quaes antes da sua vinda tanto tinhaõ tiranizado. Veio sim o Messias trazer guerra , mas contra os vicios , para plantar virtudes ; resuscitado subirá aos Ceos , mas pouco antes ha de ser cruelmente flagellado , e morto pelos peccados alheios feito victima delles.

En-

Entrando em semelhantes pensamentos os Judeos , e buscando em JESU CHRISTO esta grandeza , acharaõ sem difficuldade , que naõ houve homem no mundo que tivesse tanta ; e por este modo , corrigindo o seu pensamento e prejuizo , conhecerãõ , que elle he o Messias annunciado pelos Patriarchas , e Prophetas , desejado de todas as gentes , que o adoraõ , fervem , e reconhecem , representado em todas as figuras , e Ritos do Testamento Velho.

Attendaõ á Doutrina , e experimentarãõ , que he taõ efficaz a sua palavra , que ferindo vivamente o coração o illustra , e sanctifica ; affugenta os Demonios , e faz mudar , e inverter a ordem da Natureza. Vejaõ como elle he filho de huma Virgem admiravel ; que os Anjos no seu nascimento cantaõ a gloria de Deos , e paz aos homens : sem fallar no Presépio , já sentiaõ os Reis Magos no seu coração o effeito da sua palavra ainda muda , e lhe tributavaõ offertas como a Rei,

e como a Deos. Aprendaõ os Judeos dos seus mesmos infantes innocentes , que acclamaõ a CHRISTO triumphante do mundo em Jerufalem ; se naõ querem aprender das vozes de CHRISTO , aprendaõ dos seus milagres : vejaõ no Jordaõ , quando se humilha a ser baptizado , os Ceos abertos , resonando clara , e distinctamente a voz do Pai Celestial , que o chama seu Unigenito : *Hic est filius meus dilectus , in quo mihi bene complacui , ipsum audite* : se naõ querem ouvir a falla de Deos , como já em outro tempo protestaraõ a Moyfes , ouçaõ o som dos tremores da terra na sua morte : vejaõ o Sol obscurecido , tenebroso a Lua. Todo o Universo cheio de horror na morte de CHRISTO o acclama por Senhor Supremo. Os mesmos mortos sahem dos seus sepulchros para fazer-lhe companhia refuscitados com elle.

Contemplando tudo isto , os Judeos naõ preocupados vem logo a reconhecer , que JESU CHRISTO tem todos os caracteres de Messias verdadeiro : nelle se tem
veri-

verificado até as mais pequenas circumstancias predictas, as quaes me abstenho de referir pela facilidade de as alcançar.

Aqui tens, ó Judeo errante, a idea do teu Messias verdadeiro, glorioso, poderoso, forte, mas pobre, desprezado, crucificado, tal que quando se lamenta por Isaias: *Ego sum vermis, & non homo*: nelle mesmo se verificaõ os epitetos gloriosos, com os quaes he caracterizado pelo sobredito Propheta: *Admirabilis, consiliarius, Deus, fortis, Pater futuri seculi, Princeps pacis*. Corrige pois Hebreo o teu erro, e recebe a CHRISTO; mas eu sei que não he ainda tempo, em que toda a Nação Hebraica reconheça, e receba a verdade; he preciso ainda que pela sua incredulidade dé á verdade, que nega o testemunho; e seja elle bem notorio a todo o mundo pelos Livros do Testamento Velho, que o Judeos dispersos guardem consigo, e levem para serem por elles convencidos, e nelles a todo o mundo notoria, e certa a vinda do Messias.

Isto

Isto he o que estava predicto, que os Judeos dispersos depois da morte de CHRISTO, que aconteceu no meio da ultima semana de Daniel, abolido totalmente o Sceptro Judaico, haviaõ de subsistir sem Nação, nem Lei; sem Rei, nem templo, procurando a salvação, e o Salvador sem jámais o acharem, se naõ for lá perto do dia de Juizo nos fins do mundo: entaõ todos os Judeos convencidos pasmaráõ á vista do seu crasso erro, e cegueira, associados já os Fieis sequeuzes do Messias, que crucificaraõ seus pais, refundindo-se nelles a maldição em pena daquelle o mais atroz, e abominavel delicto.

Fica logo o erro dos Judeos taõ longe de offuscar a verdade da nossa Fé, que antes mais a realça, e clarifica. O' admiravel providencia! Quatro centos annos antes da vinda do Messias foraõ os Judeos dispersos pelos Reinos do mundo, e levando comfigo os Livros Santos, foi accessivel a sua lição aos Gentios, e nella
inf-

instruidos das Prophecias , e caracteres da vinda , e pessoa do Messias. Logo depois da morte do mesmo Messias , tornão os Judeos a ser espalhados por todo o Orbe , levando consigo , e conservando a mesma veneração aos Livros Sagrados , sem os rasgar , nem corromper , não obstante inferir-se claramente da sua lição a infamia , pertinacia , e aleivosia da gente Judaica. Por este modo os Judeos , sem o intentarem , sem o quererem , dão testemunho , e ingresso á verdade mesma , que contradizem com a palavra , sendo a cegueira do seu entendimento testemunho da sua impiedade , e do seu prejuizo.

Os Judeos em outro tempo tão propensos para a Idolatria , já para ella não conservaõ inclinação alguma ; por toda a parte clamaõ , que não ha muitos Deoses , que só he hum Principio Creador do Ceo , e terra , aquelle mesmo Supremo Ser , que fallou a Moyfé s , e que prometteo aos antigos Patriarchas mandar ao mundo hum Salvador de todos os homens ,

mens , ainda dos mesmos Gentios , os quaes o haõ de reconhecer , e adorar. Em tudo isto dizem bem , mas allucinaõ-se em naõ ver que JESU CHRISTO he este Messias , este Salvador , este novo Legis-lador : deste erro , e prejuizo se segue praticarem de presente hum Rito , e Lei toda figurativa de hum futuro Messias , Salvador , protestando nesta pratica , que ainda estaõ esperando o que já veio.

O Rito da Religiaõ Judaica , que antes era verdadeiro hoje he falso , e supersticioso : os antigos cultores deste Rito naõ pertenciaõ a outra Igreja , e Religiaõ que a Catholica ; porque em fim a Igreja só he huma em seus differentes estados. Hoje he falso , e mortifero o Rito da Lei de Moysés ; porque o tempo legitimo da sua observancia era o tempo antes da vinda do Messias ; este já veio ; logo a pratica legal entre os Judeos só serve de argumento , e prova da Religiaõ Catholica , e verdade das Prophecias. Sendo pois certo , que a Religiaõ verda-

Part. II. P deira

deira no mundo só he huma , he idea falsa outra qualquer supposiçaõ imaginaria. Huma só he a Religiãõ verdadeira, as mais Seitas todas são falsas. Isto mostra-o a mesma rafaõ.

A R T I G O XII.

A Religiãõ verdadeira he só huma. A boa rafaõ mostra esta verdade.

E U não sei se todo o homem tem huma noçaõ innata , de que a Religiãõ verdadeira he huma unica ; mas sei que pode inferir esta verdade de huma noçaõ innata , que lhe indica hum só Deos verdadeiro. A rafaõ natural mostra , que Deos he hum só ; deve logo ser só huma a verdadeira Religiãõ. Se fossem dous , ou mais Deoses , seriaõ duas , ou mais Religiões ; mas sendo manifesto , que não ha , nem pode haver senão hum só Deos verdadeiro , fica plano , que he impossivel haver mais que huma legitima Religiãõ :

Ne-

Nemo potest duobus dominis servire. Non potestis Deo servire, & mammonæ.

A mutua communicacão Religiosa entre diversas, e contrarias Seitas he consolação de miseraveis, para ter muitos companheiros. Sendo alem das balizas, e termos prescritos por CHRISTO, e pela Igreja, he hum erro palliado, e por huma certa especie de Religião não negar toda a falsidade, he fazer gente para invadir a verdade, mas ao mesmo tempo he offender a Deos, primeira verdade, que deve regular todas. A Religião verdadeira ha de ser huma Sociedade perfeita, e por isso ainda que seja dilatada em muitas partes do mundo, ha de ser huma só Republica com huma só cabeça; o que não tira que haja outras potestades, com tanto que todos estejão subordinados a hum só centro da Unidade.

Ha de ser corpo perfeito, que não tenha se não huma cabeça, não duas, ou tres como tem o monstro. Ha de ser arvore, cujos ramos vivaõ de huma só raiz, ha

de ser a sua moral pura , e livre de corrupção , o seu Rito substancial , inalteravel , e prescripto pelo poder Divino ; por que sendo infinita a distancia entre Deos , e o homem , ainda que conheça este que deve venerar a Deos , que o creou , não sabe o modo , que lhe agrada mais , e he preciso levantar pela oração os olhos ao Ceo , para que o mesmo Senhor do alto se digne indicar-lhe como quer , e deve ser d'elle adorado e servido. Nem Deos , que principiou a sua obra ha de deixala , para que fique incompleta , e perdida. Mas todo aquelle , que se desviar deste Dogma , e Rito na verdadeira Religião por Deos Divinamente revelado , não terá parte com elle , não será reputado por membro do mystico corpo do seu feliz e ditoso Congresso.

Os peccadores , que conservaõ a fé da Religião , mas não se conformaõ com ella nas obras , são membros amortecidos daquelle corpo : os hereges , que pela sua pertinacia negaõ algum artigo proposto
pela

pela Igreja, são membros cortados, já não pertencem a ella; porque emfim a Religião verdadeira, em quanto hé militante na terra, não exclue da sua corporação todos os máos, mas só repelle a todos os hereges, e incredulos. Os primeiros tem uniaõ com aquelle corpo pela fé, que conservaõ sujeitos á correcção pela penitencia; os segundos não tem uniaõ alguma; ainda que fossem em outro tempo soldados daquella milicia religiosa, e conservem as armas, e insignias della, são soldados desertores, e inimigos declarados: *Qui non est mecum contra me est, & qui non colligit mecum dispergit.*

A Igreja de Deos ha de ter Santos, e justos em todo o tempo, e em todos os estados, membros, que vivaõ na cabeça, de outra forte seria hum cadaver, e corpo sem animaçoõ, fétido, e abominavel. Ha de ter fieis observantes, que testifiquem na pratica, que não são impossiveis os seus canones, e os seus preccitos. Ha de

de ter Prophetas, sabios, verdadeiros Pastores, e Doutores; Hierarchia Ecclesiastica que conserve a tradição, governe, e presida na conformidade das Leis, com auctoridade para cohibir os abusos, castigar os culpados; separar, e excluir os incredulos, e incorrigiveis. Ha de ter sempre prompta huma assistencia taõ efficaz do seu supremo Monarcha, em tal forma, que fique sempre incontrastavel a todo o poder do mundo, e do inferno, para que nem affagos, e caricias, nem terrores, e asperezas, nem a ficção, e rhetorica mais astuta a possaõ corromper, destruir, e anniquilar.

Finalmente ha de ser Cidade posta sobre o monte, naõ só visivel, mas que tenha notas taes, e taõ perspicuas que a manifestem verdadeira a quantos seriamente, e sem paixão a observarem de fora. Sendo Deos nosso Senhor o seu autor, ha de ser taõ antiga como o mundo, principiando a sua epoca, ou no primeiro homem, ou no primeiro justo.

Ora

Ora eu confidero no mundo muitas religioens ; a Polythea dos Babilonios , Romanos , e Egypcios ; a Religiaõ dos Chaldeos , dos Chinas , dos Mahometanos ; mas em nenhuma dellas vejo as notas , caracteres , e signaes , que se devem descubrir na verdadeira religiaõ: lançando porém os olhos para a Catholica , eu a vejo elevada nos fundamentos da verdade , sobre todos os montes , com todos os caracteres , e marcas de santa , e verdadeira Igreja ; ella he a primeira , e mais antiga , revelada por Deos a nosso primeiro Pai Adaõ ; he cultivada , e continuada pelos primeiros Santos , e Patriarchas nos seus sacrificios acceptaveis a Deos , como o de Abel martyr , e justo : Henoch he pregoeiro da mesma Religiaõ , elle está guardado por Deos para vir outra vez ao mundo completar com o proprio sangue o seu testemunho. Noe , e seus filhos são cultores do Messias , elles annunciaõ , e representaõ nos sacrificios a sua memoria , eternisaõ pela tradiçaõ a sua

sua fé. He esta fé mais avivada em Abrahaõ abençoado por Melchisedech. Na semente daquelle Patriarcha foraõ bemditas todas as gentes , porque delle havia de nascer o Messias Salvador do mundo. Este he o que morrendo esperava Jacob , neto de Abrahaõ: *Salutare tuum expectabo Domine.*

Apparece Moyfés por ordem, e revelação Divina a prescrever todos os ritos da Lei antiga , suas ceremonias , e sacerdo- cio ; Lei que havia de durar até a vinda do Messias. No tempo prefixo veio CHRISTO com todos os caracteres designados na Lei e Prophetas , como já disse; sobe aos Ceos ; manda o Espirito Santo, vai-se estabelecendo a Igreja sem deficiencia a pezar de todas as difficuldades, e contradicções dos grandes , senhores , e Philosophos do mundo, por huns pobres e desvalidos pescadores , os quaes sem a menor violencia da sua parte trazem a seu partido os Philosophos , os Oradores , os Imperadores. Estes pobres Operarios sem
ha-

haverem nunca cultivado as letras se admiram ornados da mais alta sabedoria, com o dom de linguas, e discrição de espiritos, cheios de fortaleza, e magnanimidade, esclarecidos em milagres, desprezadores das riquezas, humildes de coração, caritativos, pios, e religiosos verdadeiros; cuja doutrina he sem nota, racional, santa, suavisiva, a qual se vê manifestamente frutificar com admiração, espalhada por todo o mundo, perseverando na Religião Catholica sempre a mesma, sempre universal, sempre Apostolica.

Naõ será preciso transcrever aqui a prova das verdades, e factos sobreditos, remetto-me aos nossos controversistas, a onde tudo se manifesta; os factos contestados, os mesmos lugares da Escripura, que pareciaõ discordes, concordes, ficando o dogma, ou facto mais roborado por aquella parte, que parecia fraqueza, ou dissonancia.

Por ventura naõ dá hoje a Religião Catholica sabia, e solida ração de tudo
quan-

quanto crê , e espera ? Que se infundab ainda hoje nos fieis com as graças *gratis datas* os dons do Espirito Santo manifestaõ as lendas veridicas dos Santos , que em todos os tempos florecem , e formoseaõ a Igreja , e a fazem prodigiosa , e conspicua. Se os milagres se naõ obraõ com tanta frequencia como no principio , he porque entaõ naõ estavaõ de todo cumpridas as Prophecias , esperando o feu complemento o tempo futuro. Chegou esse tempo , cessa aquella necessidade : naõ saõ ja necessarios os meios extraordinarios , estabelecida a Igreja , completos os vaticinios , testificada e roborada a verdade com o sangue de tantos , e taõ illustres Martyres. Ficaõ com tudo aquellas graças extraordinarias nos grandes Santos para formosura da Igreja , para recompensa do maior trabalho , para confusaõ do mundo , para gloria do Christianismo.

As duvidas , que podem occorrer na Igreja Catholica , naõ se escondem , mas
 se

se solvem , e desembaração. Os vícios , os peccados ainda dos mesmos ministros ecclesiasticos , os quaes os hereges tanto accrescentaõ , sendo publicos e verdadeiros , não se desmentem , mas suppostos , e concedidos se declara com evidencia , que elles em nada fazem desvanecer nem a verdade , e santidade , nem a doutrina da Igreja , a qual reprova , e castiga hum tal modo de proceder. Nós nem accrescentamos , nem diminuimos , nem fingimos , porque a verdade não necessita destas falsas cores para ser verdade , e para ser crida. Não fazem assim os heterodoxos. Quem não vê a prolixa , e nimia pesquisa que tem feito para descobrir os vícios pessoas de alguns Papas ? Os nossos escriptores os revelaõ como na verdade foraõ ; mas os hereges accrescentaõ , e exaltaõ a seu modo : porrem calaõ , e deixaõ em silencio as virtudes , e santidade innegavel de hum sem numero de Summos Pontifices em todos os seculos : nos tres , ou quatro primei-
ros

ros todos forão Santos , canonizados , e quasi todos Martyres ; nos subseqüentes não ha seculo algum em que não florecessem homens veneraveis por Santidade , e com effeito venerados , e reconhecidos por taes , precedendo hum exame exacto , e fidelissimo , ou do seu immemorial culto , ou dos milagres , e das suas virtudes em gráo heroico. Como será logo esta serie de homens pela maior parte santos , sabios , e zelosos do Divino culto , aquelle homem do peccado , filho da perdição , que se ha de levantar contra Deos , e contra CHRISTO ? O mesmo herege que o acaba de escrever no seu livro lhe não da assenso no entendimento.

Nesta conjunctura me está vindo á imaginação o que me occorre lendo alguns escriptores heterodoxos , ainda de profissão , e em materia historica , ou philosophica , quando os vejo meter atreçoadamente algum, seja dogma , seja rito da nossa Religião , mutilado , truncado ,

cado , e desviado do seu assento , e circumstancias para invadir huma verdade , ou com cores de verdade induzir huma mentira nos leitores , hum embuste , huma falsidade , de modo que possa ser offuscada a crença , e costumes Catholicos , lembra-me logo que passa no coração de semelhantes homens o mesmo , que sentia Volter no seu coração quando hia a escrever algumas cousas , que offendiaõ a religião em que fora creado , diz elle , ou o fazem dizer no seu testamento , que percebia lá no coração huma voz baixa que lhe dizia , obrava mal , mas com tudo continuava escrevendo para dizer alguma cousa de novo , expectavel. Estas vozes em silencio ouvem os aventureiros de semelhantes obras , e não obstante continuaõ escrevendo , enganando , e pervertendo a mocidade incauta , a qual engodada na doce alegria , e curiosidade da lição , fica preza , e enganada , tendo por verdade o que o herege disse com manha , não por assim o entender , mas
para

para não fazer entendida a verdade da religião, a qual elle pertende infamar por não querer seguir.

Para crer como convem, não basta só entender o dogma especulativamente, he precisa a graça de Deos que meva o coração; mas como alcançará esta graça semelhante gente, que a ella cada vez poem maiores obstaculos? Como alcançará a graça da conversão o que só cuida em perverter a mocidade, e ridiculifar a religião? Que a pesar das vozes que ferem o seu coração, finge para ferir, mutila para perverter, blasfemando do que não entende, ainda que entenda que Deos he quem o diz? Que levanta a duvida apparente sem proseguir ao menos historicamente, referindo a respectiva, e congruente solucção?

Mas em fim convem que haja incredulos, schismas, e heresias, as quaes não prevalecendo nunca contra a verdadeira Igreja, a deixaõ provada, e gloriosa. As heresias são muitas, e todas
ellas

ellas corporaçoes diversas , e separadas da Catholica ; porque a sua fé , que ja-ctão os hereges , respeitando alguns dogmas e misterios , não he sobrenatural , e divina por falta de motivo proporcionado. O motivo que tem só he humano , devendo ser a revelação Divina proposta pela Igreja , que admoesta para a crença : e he tanta esta força , que não duvidou dizer o sublime engenho de Agostinho , que elle não creera o Evangelho se não fosse commovido pela auctoridade da Igreja.

Os hereges separados da cabeça ; ramos cortados da arvore da vida ; soldados desertores da milicia Catholica não tem caridade , e se tem algumas virtudes , essas são estereis ; as obras todas são mortas , e sem merecimento de vida eterna : por esta causa naquellas Provincias , em que floreceraõ com a verdadeira religião tantos Santos , introduzida a heresia , não se admirou ja mais hum só ; em nenhuma parte se notou algum se-
cta-

ctario , que se possa chamar justo e santo ; com a pratica de algumas boas obras naturaes fomentaõ vicios , e peccados graves : se se refguardaõ da torrente da ambiçaõ , saõ deixados captivar dos gostos voluptuosos : porque em fim fora do abrigo da religiaõ , rota a caridade , suspiraráõ sempre pelo descanso , e socego de que fogem , e daraõ as costas á felicidade , que procuraõ.

Pelo contrario na Igreja Catholica com effes homens máos e escandalozos , que suppoem os hereges , e a Igreja tolera , esperando pela correçaõ a emenda , se achaõ , e foraõ vistos de todas as idades , e sexos , em todos os tempos pessoas conspicuas , cheias de dons Celestiaes , cujas virtudes heroicas provadas com o mais rigoroso exame , e averiguaçaõ se admiraõ , e fazem innegaveis : naõ saõ todos os Catholicos santos , porque em fim a Igreja militante he comparada ao lugar , em que o trigo se alimpa da palha ; mas o fruto he innegavel , he cer-

to, he copioso : nos hereges porém tudo he palha , tudo he fizia , tudo he esteril. Se o ministro heterodoxo pelo seu caracter frutifica , nada he para si , e para os seus , tudo he nosso a beneficio da Igreja. Os infantes innocentes , que baptiza , e que por virtude do baptismo recebem a graça , fé , e virtudes infusas , são membros da verdadeira Igreja , em quanto pela Apostasia voluntaria a não deixarem por sua culpa.

Os hereges deste tempo pertendem entrar na sociedade da nossa Igreja , sem elles deixarem a sua crença ; (a) queixão-

Part. II

Q

xaõ-

(a) Como a tolerancia tem seus grãos , pode-se tolerar mais , e menos dentro dos ditos grãos conforme a caridade , e circumstancias pedem ; dahi por diante não. Nós não podemos administrar os Sacramentos aos que estão indispostos : *Non est dandum Sanctum canibus*. Da mesa da communhão se devem evitar aquelles , que manda S. Paulo. Nós encomendamos todos a Deos , principalmente aos Magistrados , *ut quietam vitam agant* , a todos temos por proximos , e os amamos , amigos , inimigos , Judeos , hereges , Mahometanos. Os Canones dos Apostolos , e da noi-

xaõ-se de os naõ admittirmos á participaçãõ dos nossos Sacramentos , e mysterios ; mas isto he o mesmo que pedirnos sejamos administradores sacrilegos , máos , e infieis servos , ou querer nos façamos como elles herejes. Allegaõ que saõ baptizados , e que reconhecem por Deos o Messias verdadeiro JESUS CHRISTO ; que esta sincera verdade propugnaõ contra os Judeos com todo o genero de argumentos. Huma , e outra cousa saõ precisas para ser admittido na corporaçãõ Catholica ; mas isso só naõ basta. Naõ deixa de ser herege aquelle que, confessando algum dogma , nega os outros. He preciso que o Ariano , que diz crer a Divindade da primeira Pessoa , tambem crea na segunda ; porque nem honra , nem conhece ao Pai aquelle que ne-
ga

nossa Igreja mandaõ pagar aos Reis os tributos , obedecer aos superiores , e senhores , mas em quanto naõ mandaõ contra Deos , porque entãõ , *oportet magis obedire Deo , quam hominibus.*

ga ao Filho. He preciso que o Calvinista, e Lutherano admitta com o baptismo os mais Sacramentos, porque todos os sette, segundo a tradição Catholica, foram instituidos por CHRISTO, e mandados conservar na sua Igreja para remedio dos peccados, para conformar a Hierarchia Ecclesiastica, fortalecer os soldados da sua milicia, e conduzi-los seguros dos assaltos do demonio ao lugar do eterno descanso.

Se todos os Protestantes entre si com as mais Seitas Orientaes novas, e antigas, que crem, e reconhecem a CHRISTO, formassem huma só Igreja, debalde ferião tecidos pelos Santos Padres os Catalogos das heresias; debalde se vibraõ os Anathemas; de balde se cançaraõ nesta averiguação os Santos Concilios. Para que manda S. Paulo depois de huma, e outra admoestação sem fructo evitar o homem herege? Nem podem dizer Calvino, e Lutero, que este herege evitando só ha de ser aquelle,

Q 2

que

que erra nos artigos fundamentaes , se a designação , e averiguação delles na opinião destes homens , e seus sequazes se devolve não á Igreja Catholica , mas a qualquer dos particulares ; porque sendo na verdade tantos , e tão diversos os hereges , e heresias capitaes , que esperança pôde haver da uniaõ nos sentimentos sobre os ditos artigos ? A verdade he, que qualquer artigo proposto pela Igreja Catholica he substancial em ordem á salvação dos crentes. E vem aqui para o intento a regra de S. Thiago : *Qui deliquit in uno factus est omnium reus.*

As opinioens que se ventilaõ de huma , e outra parte entre os Catholicos , que não offendem o Dogma revelado , e proposto pela Igreja , dentro dos limites da caridade , sem levantar altar contra altar , são permittidas , e toleradas , são pontos adiaphoros , não são artigos de fé definidos como taes pela mesma Igreja , a qual não faz novas revelações , mas declara , conhecendo da Tradição , e

in

interpretando as Escripturas , o que Deos tem revelado , e dito. Em chegando aqui , tudo para : não ha mais questaõ : ficaõ os animos quietos , e conformes ; porque á vista de taõ relevante testemunho descanca o entendimento , que de ante maõ tem discernido bem a evidencia dos motivos da nossa credibilidade , a infallibilidade da nossa Igreja , incontrastavel ás portas do inferno ; as promessas de CHRISTO a este respeito com o impulso da verdade que he efficaz , e obra divinamente nos animos dos fieis , e amigos de Deos.

A Igreja columna , e firmamento da verdade tem especial assistencia do Espirito Santo para não errar no Dogma , e na Doutrina , que manifesta : ella he figurada na columna de nuvem , que guiava os Israelitas para a terra da promissaõ , a sombra desta columna de dia , e com os reflexos dos seus raios de noute , suave , e seguramente guiados caminhamos todos os Catholicos seguros , e des-

can-

cançados, ao mesmo tempo, que os hereges, pondo nella ao revez os olhos, se cegaõ, e se confundem, correndo á redea solta, como os Egypcios, para o abismo da sua perdição.

Que cousa mais sem rafaõ, que querer o homem particular interpretar a feu arbitrio as Escripturas, como fazem, e dizem os hereges? Elles querem que Deos deixasse sem providencia viva a militante Igreja. Que cousa mais racional, e certa, que receber a Escriptura interpretrada pela Tradição dos Santos Doutores, e primeiros Padres, pela comunidade dos Bispos congregados em hum legitimo Concilio com o Supremo Pastor? Como faltará aqui a assistencia do Espirito Santo promettida á Igreja, para ir buscar hum homem particular, a quem nada disto se prometteo, e dizer-lhe, ou inspirar-lhe que errou a Igreja Universal, e elle acerta? Semelhante paradoxo he hum puro fanatismo, hum verdadeiro enthusiasmo,

A R-

ARTIGO XIII.

A Revelação descobrio á Philosophia campo, e materia para discorrer mais, e muito melhor no descobrimento da verdade.

O Meu intento só foi fallar como Philosopho ; mas se entrei de passagem na provincia Theologica , não me deve ser estranhado , porque a revelação Divina fez já patente ao Philosopho nova materia e descoberta , em que possa estender mais , e melhor o exercicio da sua raciocinação. Não he errado axioma: *Que a Fé nos fez Philosophos.* Antes de serem por admiravel providencia , e dignação Divina , revelados os misterios da Santissima Trindade , e Encarnação , Eucharistia e outros , não se sabia bem que cousa era Pessoa , não vinha á mente a noção da uniaõ Hipostatica , a possibilidade da ubicação definitiva da materia , e outras mais cousas. Nem antes da revelação fez o entendimento as devidas

vidas reflexoens sobre varias , e diferentes questoes connexas , e que dizem respeito ás noçoens das sobreditas verdades , e seus objectos , não só por falta de luz para discernir propostas ao entendimento , mas por mera inattingencia dellas , as quaes nunca virião á mente humana , precisa a revelação Divina de alguns misterios.

Agora vê o entendimento , que pôde ser enganado no que teve por certo , e sem questaõ , vê a falta da mesma evidencia : a nova descoberta , que occasionou a revelação , lhe faz ver o seu antigo juizo tido entãõ por certo , agora ou inevidente , ou duvidoso , ou falso. Esta reforma de conhecimentos causaraõ as noções , que lhe não vinhaõ á mente , e agora vem illustrando a alma para melhor philosophar , para depor prejuizos , para reformar conhecimentos , para não precipitar o engenho ; porque em fim he indisputavel , que não hayemos conseguir a intelligencia , e sciencia das causas

fas se não tivermos primeiro attingido os objectos , e ideas , que são para isso necessarias : sendo certo , serem muitas , e innumeraveis as que só a revelação fez subir ao nosso entendimento. E assim vemos verificado á letra o que no livro das suas prophcias deixou escrito hum dos Prophetas maiores : *Nisi credideritis non intelligetis.* (a)

O Philosopho , que não ajusta bem as suas decisões com a regra da verdade já conhecida por Divina revelação , e diz alguma cousa que a desmente , ou não póde ter com ella consonancia , não deixa de ser reprehensivel por tomar a cautela dizendo , que elle falla só em qualidade de Philosopho , não como Christão. Póde por ventura huma cousa ser verdade na boca de hum Christão , e falsa na boca do mesmo homem tomado como Philosopho ? Paradoxo por certo
he

(a) Isai. 7. segundo a lição dos 70 , *sic extant.*
S. Aug. Chrsost. Cyprian.

he este. Nem a razão he contraria á nossa fé , nem as nossas demonstrações aos nossos misterios.

O Philosopho deve fundar-se quanto pôde ser em principios certos , e delles inferir bem , e com certeza. Nenhuma cousa pôde ser verdadeira , nem ter principios certos , se contradiz a verdade revelada por Deos ; porque o objecto da revelação Divina pôde ser visto sobre a razão , mas nunca contra ella. O homem por ser Philosopho não fica inhabil para ler os Livros Sagrados , e perceber a força que elles tem para inferir a verdade , nem ficou impedido para reconhecer , que os milagres por exemplo , são contra o curso natural das cousas , que a sciencia dos futuros contingentes , dos segredos do coração , he reservada só a Deos , para daqui pezar a força das prophcias , da authoridade de Deos.

O Philosopho não tem energia , e Logica fomite para formar demonstrações na ordem geometrica , e phisica
das

das cousas , mas tambem na suaforia , e moral ; elle póde ajustar as provas de todas as disciplinas com o criterio da verdade. Deve conhecer , e confessar , que a sua actividade não alcança tudo ; que as verdades , que lhe escapão , são em maior numero. Deve philosophar com critica , mas regulada e justa , humas vezes suspendendo , outras deixando assentir o juizo , e segura-lo aonde acha motivo solido , e demonstração por qualquer modo , e maneira que ella seja evidente. Se conhece certamente que Deos he quem o disse , e quem o leva , guia , e ensina , não tem mais que deliberar para ir seguro da verdade no seu acerto , o raciocinio.

O Testemunho da verdade não mente : a auctoridade de Deos he infallivel. Que melhor mestre póde ter o homem de si mendaz , e ignorante ! olhando só para o terreno não achará o Philosopho , sem guia nas suas averiguações, quasi nada do que procura. Ainda mesmo nos cegamos
na-

naquellas cousas , que Deos nos objecta diante dos olhos , e entrega á nossa disputa.

Quem inhabilitou o Philosopho para que lendo todos os systemas da creação do mundo julgue por melhor , e unicamente suafivel o que ha proposto Moyses ? Que os mais que deste se desviao fao , ou hum abismo de confusaõ , ou hum cahos de fatuidade.

Fique determinado finalmente , que todo aquelle homem que differ fer Christaõ , e accommeter os Dogmas , e principios do Christianismo com o frivolo pretexto , de que falla só em qualidade de Philosopho , que elle naõ he huma , nem outra cousa ; e para que naõ pareça que eu fallo sem fundamento menos ajustadamente , seja-me licito perguntar a estes senhores se pertendem elles, ou naõ , persuadir o que dizem aos seus Leitores ? Se naõ o querem persuadir , naõ faõ Philosophos ; se querem persuadi-lo , naõ faõ Christãos.

COM-

C O M P L E M E N T O

Da Dissertação precedente sobre a combinação das Ideas. . . &c. ou Traetado em que se destroe o erro dos Naturalistas, que dizem ser só a ração natural a voz por onde Deos falla aos homens, em forma, que faltando ella não ha obrigação de crer o Dogma, que se propõe como revelado.

DEOS me ha dado a ração para segui-la, e não para a contradizer. Esta he a base em que pertendem estes spiritos, mais arrogantes que fortes, estabelecer o seu systema: e seria esta base fundamento solido, prova adequada para inferir daqui, que só devo crer aquillo, que for evidente á ração Geometrica, e intrinseca? Não certamente. Sem essa evidencia eu devo acreditar tudo aquillo; que for moralmente certo. Esta regra he fundada nos mesmos principios da boa ração. Por ventura esta ração regula só
 • que

o que alcança por principios intrinsecamente evidentes ? Não : mas tambem o que descobre por outros motivos , e meios , que sendo taõ certos se fazem mais accommodados a todo o genero de pessoas : daqui se segue.

Primeiro; que devemos assentir aquillo , que he demonstrado verdadeiro , seja por principios intrinsecos , ou por provas externas. Quem duvida serem necessarias razões para submetter a minha razão ?

Em segundo lugar se segue ser falso o que disse *Roussseau* ao seu *Emilio* , e vem a ser : que nós não podemos crer , nem Deos nos póde obrigar a prestar assenso ao que he incomprehenfivel. Por ventura esse incomprehenfivel não poderá chegar ao nosso coração , e entendimento de algum modo por alguma face ? Que cousa mais incomprehenfivel que Deos mesmo ? Acafo ninguem o conhece ? Eu não me comprehendo a mim mesmo ; logo não me conheço ? Que paradoxo !

Dizemos em terceiro lugar : que he
fal-

falso não possa revelar Deos, ou não tenha revelado aquillo, que apparentemente repugne a razão, e pareça contradize-la. Póde nesse supposto não haver contradição alguma, a nossa fraca, e limitada razão he que se engana: e he muito mais facil assegurar-nos, que hum Dogma he revelado, do que ver intrinsecamente se elle he falso, ou verdadeiro em si mesmo.

Huma vez demonstrado que Deos he livre, e immutavel, devemos concluir, que a impossibilidade de conciliar estes dois attributos Divinos vem da fraqueza da nossa razão, e não da natureza do objecto. Tendo nós demonstrado a revelação do misterio da Sanctissima Trindade, devemos concluir que a difficuldade de conciliar estes dois attributos *Trino*, e *Uno*, vem da nossa limitada comprehensão, e não de outra cousa; sem subir tão alto, ainda fallando humanamente. Zenaõ produz argumentos contra o *motu*, taes, que até agora se não achou

cabal solução , com tudo ninguem he taõ fatuo que o negue , capacitado mais da evidencia constante dos sentidos , que das demonstrações do Philosopho ; e se isto se observa naquellas cousas que se fingem , e só dizem respeito á ordem puramente natural , que será quando fahirmos desta para outra superior ?

Em fim contradizer a rafaõ pôde ter dous sentidos , ou contradizer a rafaõ em geral , incluindo todos os principios della , ou contradizer a rafaõ em particular , tomando hum só principio ; os misterios que Deos revela não saõ , nem podem ser contra a rafaõ em geral ; porque não podem ser contra este principio , he mais seguro fiar sobre a palavra Divina , que sobre todas as nossas luzes , e forças.

Poderaõ ser aparentemente os misterios revelados contra algum principio da rafaõ em particular , v.g. o todo he maior que sua parte : não contradiz na verdade este principio o misterio da Sagrada Eucharistia , ainda que isto se re-
pre-

presente a algum menos advertido : pois só deve alludir ao modo natural das cousas meramente naturaes ; porque a nossa razão natural por si só não conhece os respeitos , que podem dizer as cousas naturaes para a ordem sobrenatural. Nós não julgamos das cousas senão segundo as ideas , que dellas temos ; se tivéssemos ideas claras dos objectos naturaes segundo todos os respeitos , e modos de existir sobrenaturalmente , veriamos sem contradição alguma , que a materia pôde existir de outro modo , que agora não tem ; isto he sem a innata extensão circumscriptiva , de que goza segundo as leis da natureza. O mesmo direi de outros principios , que parece serem oppostos a outros misterios.

Convimos que os nossos juizos não podem deixar de ser certos , quando as nossas ideas são claras : mas devemos confessar , que as nossas ideas naturaes não são claras, mas sim obscuras a respeito de tudo , que excede a esfera natural.

He logo preciso recorrer a outra regra para julgar com acerto sobre a verdade de hum Dogma sobrenatural , ou incomprehensivel ; he necessario recorrer ao juizo de reflexaõ , que a mesma rafaõ natural nos ensina a formar. E assim Deos , que naõ pôde nem quer lançar-nos no erro , o misterio que revela , ainda que pareça contra a rafaõ , he mera apparencia : donde a fé dos nossos misterios , ainda que seja obscura , he accommodada á rafaõ , pois em taes casos , e circumstancias a mesma rafaõ nos dita esta submissaõ como prudente , e acertada , como racional , e discreta.

Ninguem dirá que he imprudente o assenso , que presta o cego á verdade da pintura , e architettura , a pesar das ideas , que tem alcançado do plano , e do profundo adquiridas pelo sentido do tacto. Conformando o cego o seu juizo com o testemunho de todos os que vem , assenta que no plano que está apalpando sem rugas , nem cavidades estaõ viva , e express-

preffamente patentes á noſſa viſta arvoredos, caſas, montes, e valles concavidades profundas, &c. . . Nós não podemos affirmar contradicção manifeſta, ſe não tivermos duas ideas claras claramente oppoſtas, e repugnantes huma á outra, as quaes certamente não temos quando ſe trata de dar aſſenſo aos noſſos miſterios.

Não merecem o nome de Philoſophos os que dizem com *Rouſſeau* a ſeu *Emilio*; que affirmar huma couſa ſem a comprehender, he não affirmar nada. Que dirá de ſi meſmo quando affirmar que existe, e com tudo não ſe comprehende? Erra o dito naturaliſta intentando perſuadir, que baſta a reaſão, e bom ſenſo para conhecer, e julgar da verdade, ou falſidade de todas as propoſições. Que dirá elle quando lhe pedirmos, julgue ſegundo eſte principio ſolitario, ſe houve *Preadamitas*, ou algum diluvio de agoa, em que ſó ficaffe ſalva huma familia em huma arca nautica?

Esta incapacidade da ração natural para conhecer todas as cousas , nos inculcaõ sabiamente os mesmos Naturalistas. Por ventura naõ asseveraõ elles com *Rousséau* , que a nossa ração nos engana ? p. 43. Que ella naõ he capaz de estabelecer a virtude , e regras ? p. 45. Que o livro da natureza naõ basta a todos, e que a Philosophia ha substituido o erro a ignorancia ? p. 46. Que a nossa ração he limitada , e naõ conhece senaõ com trabalho as verdades que lhe importa saber. p. 57. ? Melhor discorreo logo Plataõ : este para o bom exito , e fim racional diz ser necessaria a revelaçã Divina , quando o famigerado mestre de Emilio contra toda a ração nega a necessidade della.

Quem naõ descobre as grandes vantagens , e utilidades , que meteu no mundo a revelaçã ? Ella tornou as verdades mais claras , e extensas , mais commuas , e efficazes : ella nos ensina a conduzir em todos os lances pelo que
ref-

respeita a Deos , a nós mesmos , e a nossos proximos : os seus objectos são interessantes , não propoem fenaõ aquillo que illustra o nosso espirito , e reforma o coração. Une os bons em sociedade , regra o culto , promove a sobordinação , e poem tudo em boa ordem: Confola-nos nos trabalhos , modera-nos na prosperidade. Ella dá a conhecer ao simples fiel as verdades sublimes , que nem Plataõ , nem Socrates alcançaraõ.

No tempo da Lei antiga , ou natural , em quanto com a dita Lei se ajuntou a revelação , houve Santos e justos, Abel , Henoch &c. . . Esquecida a memoria do que Deos tinha revelado , logo se corrompeo todo o mundo : *Omnis caro corrumpet viam suam*. Depois do diluvio , em quanto Noé , e seus filhos protestaraõ a fé , e esperança das Divinas promessas , floreceo a piedade : abolida esta memoria , e deixada esta fé com o ingresso , e progresso da idolatria , entraraõ sem freio algum violentamente a dominar os vici-

os. Era frequente não só o homicidio , mas o suicidio , o espectáculo dos gladiadores , e outros semelhantes eraõ o divertimento ordinario , e universal. Os Magos , e incantadores não eraõ perseguidos , mas venerados , e applaudidos : o peccado da carne tinha chegado ao maior auge : as penas eraõ impostas não aos excessos da luxuria , mas as virtudes , que dicta , e aconselha o celibato , a viuvez , &c. . . As mães sacrificavaõ os filhos , estes defamparavaõ , ou matavaõ aos pais invalidos. Esta desordem se extendia , e grassava mais , ou menos , segundo a verdadeira fé era mais , ou menos ignorada , e esquecida.

Eu não saberia pintar isto com taõ bellas cores de elegancia , como fez o mesmo *Rouffseau* , que a si mesmo contrario , e incoherente nos impugna. A Philosophia pela rafaõ natural não bastava a conter os homens nos seus deveres : veio CHRISTO derramar a sua luz , e se dissiparaõ as trevas : a arvore da caridade ,
e de

e de todas as virtudes entrou a florescer , e fructificar abundantemente. Esta verdade sendo patente , e applaudida por *Roussseau* naõ obstante, elle como esquecido , ou charlataõ entra a impugnar a revelaçãõ , e sua necessidade , pretendendo suster , que a rafaõ natural nos basta , e que na falta da evidencia intrinseca do misterio pela dita rafaõ natural , Deos naõ obriga a crer nenhum dogma , porque a unica vóz , por onde Deos falla aos homens nesta vida , he só a rafaõ natural , nem quer fallar de outro modo. Diz elle :

Mas quem he este homemsinho a respeito de Deos , este ninguem para saber a conducta que Deos leva , ou determinou prescrever-se a nosso respeito ? Os homens por mais sabios , e illustrados que sejaõ naõ devem , nem podem determinar a conducta de Deos sobre os seus raciocinios arbitrarios , antes pelo contrario devem firmar a sua propria conducta pelas determinações do Altissimo ,
que

que se digna ensinar-nos , e prescrever-nos o modo , pelo qual ha de ser de nós servido , e adorado. Não se deve tractar aqui do que Deos devia , ou podia fazer , mas do que com effeito fez.

Se Deos ha revelado , ou não , he hum facto , que se não resolve só pela razão natural solitaria , mas por testemunhos , e averiguações externas , de que ella se valle , e tem aqui lugar os sentidos. Para que diz logo *Rouffseau* , que Deos , só lhe revela aquillo , aonde elle conhece o Espirito Divino? Se não pergunto. Qual he o final característico aonde conhece este Philosopho o Espirito Divino? Será a voz de Deos , que alcança a razão ajudada dos testemunhos , e factos externos , Prophecias , Milagres , &c. . . . e outros motivos de crer? Não ; diz elle fallando em tom de Mestre a seu discipulo Emilio : a interna , e pura razão natural só he a voz , e palavra divina. Porem devera advertir o nosso enthuasiasta , que o Phanatismo não he outra cousa.

Na

Na verdade a Fé, e conhecimento de CHRISTO entrou no mundo pela pregação do Evangelho: *Fides ex auditu*: CHRISTO prova a sua missão pela Santidade da Doutrina, que annuncia, e *Rouffeau* tanto exalta, chegando a confessar não ser puramente humana. Pelos milagres, e obras que faz: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.*

Sendo isto verdade, não são por ventura necessarios sentidos para ouvir a doutrina, e perceber as obras maravilhosas? Não cuide *Rouffeau*, que as provas dos milagres de CHRISTO, são como as que se referem de alguns impostores, sem testemunhas oculares, e contemporaneas; nem se persuada, que as provas dos milagres, que refere Tito Livio, são de outro genero, pois o mesmo Cicero lhe chama commenticios. As provas dos milagres de CHRISTO são de testemunhas oculares ou contemporaneas, segundo todas as regras da critica innegaveis. A' vista desta verdade nenhuma força faz o argumentar

tar dos milagres , que refere Tito Livio , para illudir a prova tirada dos milagres de CHRISTO.

Ufando porem elle de outro meio termo , intenta persuadir-nos , que as provas moraes , e naturaes , só servem para os negocios da vida presente. Debalde trabalha , e sem fundamento. Se servem para os negocios da vida , porque se haõ de abandonar , quando se trata do negocio da salvaçaõ , quando se trata dos negocios da eternidade ? Quem pode duvidar conduzem muito para contestar os milagres ?

Se eu vejo agora hum cego de nascimento sem vista , e pouco depois o admiro ver clara , e distinctamente só pela oraçaõ , e mandato de hum homem em nome de Deos : por ventura os sentidos , e averiguações moraes , e naturaes , não tem aqui as suas partes ? Ninguem o pode com rafaõ duvidar. Neste lance com a certeza do facto não venho no conhecimento do milagre ? Debalde logo se affadiga o Philosopho em persuadir , que os
sen-

fentidos , e factos naturaes não administrem meios , e provas para se deduzirem , e averiguarem aquellas cousas , que dizem respeito á ordem sobrenatural. Nem he preciso no prodigio patente , e manifesto , como quer Rousseau , averiguar analyticamente até onde chegaõ as forças do demonio ; porque Deos até agora nunca permittio , nem ha de permittir elle engane com prodigios , e maravilhas , que são sobre as Leis ordinarias , e conhecidas da natureza , ou com factos taes , que feito maduro exame , se não possa perceber o engano , e distinguir entre a obra divina , e a operação diabolica : neste caso ficaria o erro do falso dogma inevitavel.

Devo logo sujeitar a minha ração a toda a verdade com prodigios evangelizada , á toda a doutrina Evangelica , e revelada , a qual o nosso contrario tanto admira , confessando não saber dar cabal solução aos argumentos , com que se prova , ficando não obstante , como elle confessa , no seu Scepticismo involuntario , inerte ,
e sem

e sem resolução para crer , ainda que veja a quarta parte do mundo confessar a CHRISTO. O' monstrozidade ! Mas se os seus erros são mais de vontade , que do entendimento , não he para admirar , nem tão pouco tenha a audacia para proferir , que se CHRISTO fosse Embaixador de todo o mundo mandado por Deos , não só a quarta parte , mas o mundo inteiro se havia de converter a elle.

Devera na verdade advertir este declamador , que Deos não tem necessidade dos homens , e assim não veio CHRISTO a fazer soldados violentos , mas voluntarios : quer derramar as suas misericordias , e graças ; mas ao mesmo tempo manifestar os seus attributos : quer attrahir-nos , não violentar-nos. Chama forte , e suavemente a todos , huns ouvem a sua voz , e o seguem , outros ouvem , e não seguem , e esta he a razão de se convertirem , e salvarem huns , e outros não ; estes não querem caminhar pelos caminhos de CHRISTO , não querem negar-se a si
mes-

mesmos , não querem crer para se livrar do freio , que os preceitos da verdadeira Religião põem ás suas dezordenadas paixões , e porisso se perdem ; quizerão ser bons se não fosse necessario para isso fazer aquella violencia , que he precisa para arrebatár o Reino dos Ceos.

O Evangelho em toda a parte do mundo ou foi , ou he , ou ha de ser prégado com taes provas , que sirvaõ para convencer não só aos grandes Philosophos , mas a todo o povo , a quem se possaõ fazer palpaveis , e suaves , que facilmente se possaõ penetrar dos mesmos illiterados. Quem não pode apprender pela Dialectica , e pela Philosophia artificial , aprenda pela revelação Divina proposta , e manifesta ; de outra sorte fica inexcuzavel. O esplendor da Igreja Christã não he invível , por si mesmo illustra , e deixa a verdade descoberta ; mas não violenta a liberdade.

O' que Deos quer o culto interno , e de coração , diz *Roussseau* , nos tambem
di ze-

dizemos o mesmo ; queremos , e promovemos este culto interior , mas com elle ajuntamos o exterior : o primeiro só he para os Anjos , o segundo só he para os hypocritas ; o exterior que nasce do interior he para todos os homêns fieis , e submissos a Deos que quer , e prescreve sacrificios , e Sacramentos , quer Igreja em que se ajustem , e unaõ os fieis sujeitos aos seus Pastores , e Prelados legitimos , e verdadeiros , segundo a successão ordinaria , e inalteravel Tradição.

Os Apostolos por mandado de CHRISTO instituirão , e ordenarão Pastores que lhe houvessem succeder no seu mesmo poder , e auctoridade. Estes Pastores instituidos pelos Apostolos successivamente designarão , e consagraraõ outros. Todo este corpo successivo goza da mesma jurisdicção , e auctoridade : a todos o Senhor prometteo a sua assistencia ; donde o mesmo privilegio , que CHRISTO concedeo aos primeiros persevera nos subsequentes.

Sendo isto verdade ha de haver constante-

tantemente quem governe , e firme segundo a Tradição as regras de crer , e a doutrina de obrar. Nem CHRISTO havia de deixar a sua Igreja sem esta providencia necessaria , para que nem o orgulho perturbasse pela rafaõ solitaria o Dogma , nem a corrupção das paixões inficionasse o moral.

Tudo isto não são factos , e congruencias faceis de alcançar pela mesma rafaõ , sem ser preciso recorrer a provas ulteriores para conhecer a verdade ? Oxalá que os Libertinos consultassem a rafaõ , e não a offuscassem ; na verdade a sua Philosophia nasce da rafaõ perturbada , e da sem rafaõ , e por isso delira ; não he por ventura sem rafaõ , ou dezamparo della abandonar huma Religiaõ , que offenta claramente todos os sinaes de ser revelada por Deos , com o frivolo pretexto de que ha , e tem havido no mundo muitas falsas revelações ? Não seria nescio o que lançasse de si todo o dinheiro por se ter batido , e estar batendo muito falso ?

fo? Exaqui a necessidade de semelhantes homens. Elles ajuntaõ collectivamente o Talmud, Alcoraõ, e Evangelho, e entraõ com diãterios, e ridicularias a impugnar toda a revelaçãõ. Naõ deveriaõ porem elles separar das mais a Religiaõ Catholica, e ver como está conjuncta com hum complexo de Phenomenos, para o dizer affim, de notas, de circumstancias, e finaes, que a mostraõ evidentemente connexa com Deos revelante, e feu auctor?

Nem de outra fonte poderia vir o complemento de taõ patentes, e claras prophecias, que estaõ desde o principio do mundo a designar hum Libertador, que em fim ha de nascer no meio das semanas de Daniel, na declinaçaõ do Imperio, e Sceptro Judaico, erecto ja o templo segundo, na Cidade de Belem &c. . . Aqui naõ se trata do acontecimento de hum só Oraculo ambiguo, faz-se mençaõ de huma serie de homens, succedendo huns aos outros em differentes idades,

tem-

tempos , e lugares , com caracteres muito diversos , pronunciando separadamente varios acontecimentos livres , e contingentes , unicamente pendentés da vontade , e poder de Deos ; que descobrem os tempos , lugares , mutações , e circumstancias ainda minimas daquillo , que predizem , e não obstante se ajunta tudo simultaneamente para convir adequadamente no que muito antes se intentava manifestar.

Não são deste caracter (contenhaõ-se aqui os Libertinos) os oraculos dos Gentios ambiguos , e com dois sentidos , que parecem contrarios , mas verificaveis ambos em qualquer lance , em algum sentido exótico para dar lugar ao engano. Os nossos oraculos se tem muitos sentidos todos são verificaveis , e verificados nativamente. He fecundidade da Divina palavra para instruir , e não manha , e astucia para enganar.

Não pode tambem vir de outra fonte a propagação accelerada , e a perma-

nencia constante da dita Religião em tantos seculos evangelizada por hums pobres, e desvallidos homens, que não cultivarão letras, nem manejarão armas, por virtude de hums meios quanto ao humano tão fracos, como vemos, a pezar de todas as declamações dos Philosophos, Porfirios, Maximos, e outros Oradores affamados, a pezar das perseguições, e horrorozos castigos, com que os poderozos magistrados pertenderão embaraçar, affogar, e abolir a nascente Igreja. Que não fez hum Nero, hum Diocleciano, hum Phocas, hum Honorico, e outros crudelissimos, e poderozissimos tyranos?

Naõ foi por certo a palavra humana, a que fez esta grande obra; foi a protecção Divina promettida, e revelada tantas vezes antes. Se os Canones da dita Religião fossem favoraveis á natureza, não era tanto para admirar huma tal mudança tão universal, tão prompta; mas sendo elles austeros como sabemos, só o braço de Deos podia aqui prevalecer

con-

contra a soberba , preocupação , e delicadeza humana.

O Valor , e constancia admiravel dos Martyres tantos , e tão illustres , pacifica , e gostozamente soffrendo com a perda dos Pais , filhos , fazenda , e dignidades os tormentos mais crueis , que pode excogitar a raiva , e malicia humana , não tem menos força. Não são os nossos Martyres insignificantes , só homens pobres , e desvalidos , que não podessem fazer figura no mundo : são sujeitos mais doccis , e bem morigerados , as mulheres , e filhos dos mesmos Imperadores , os mesmos Principes , e familiares das suas casas , Consules ; Generaes , os Sabios , os Philosophos , os Oradores ; até em fim os mesmos algozes , e perseguidores ; e espectadores. Quanto aos milagres elles não são obscuros , dubios , ou suppostos ; são patentês , segundo todas as regras de critica innegaveis. A Resurreição de CHRISTO he o mais memoravel : e maior milagre seria , se sem milagres fosse institui-

da huma Religiaõ , e Igreja , que manda amar inimigos , abnegar a propria vontade , desprezar todas as delicias da carne , e fangue , crucificar-se a si mesmo.

Que direi da moral , e doutrina taõ pura , e santa em tudo quanto prescreve a Igreja revelada ? . . . Mas para que me canço em numerar as mais notas della , quando huma só basta para mostrar , que Deos he o seu Author , e a sua veracidade ; e se huma só basta , que será o cumulo de todas.

Naõ he logo menos certo á boa razão , e raciocinio a existencia da Igreja Catholica , e revelada , do que a existencia de huma Republica Venesiana. Tudo isto naõ saõ factos , e congruencias faceis de alcançar , sem ser preciso para a moral evidencia recorrer a outras fontes mais profundas , e jornadas dilatadissimas , a exames das lingoas exoticas , ou perigrinas , como quer *Rouffseau* ? Mas duas palavras só bastaõ para desbaratar o seu taõ pompozo , e vasto , como frivolo argu-

mento. Devera elle advertir, e saber, que ha verdades de *facto*, e de *direito*, as quaes bem, e evidentemente se alcançaõ com huma seria, e exacta applicaçãõ; fim, mas sem ser preciso para isso revolver as Livrarias mais famosas do mundo, sem perigrinar para ouvir os pareceres, e sentimentos de todos, e quaesquer partidistas contrarios &c.

Nesta classe de verdades deve ser posta a Religiaõ revelada: examinando-se desinteressadamente as notas da dita Igreja, que deixo assignadas, não he verdade, que ella logo se ostenta, e manifesta com toda a clareza, como a Cidade sobre o monte? Ninguem o pode com sinceridade contradizer sem se cegar. Não ha necessidade entãõ de mais averiguações. O entendimento fica logo socegado, e terá por paralogismo, e sofisma qualquer argumento contrario.

As provas certas, e perspicuas da revelaçãõ são superiores ás nimias, e morosas averiguações, que com muita plata-
for-

forma, e folhagem de eloquencia, mas sem fructo salutifero, propoem *Rouffeau*. Esta revelação pode ser averiguada, e conhecida indubitavelmente, não quero dizer, que sem competente exame; mas sem o methodo, e vagares excusados, e superfluos, que quer persuadir o impugnador, sem aquella prolixidade, e nimia pesquisa, que inculca com o seu argumento: elle poderá ter lugar em hum entendimento fraco, mas não em qualquer homem cordato, e prudente: não obstante para credito da verdade, e deshonra do inimigo podemos dizer com todo o animo, e sinceridade, que feitas todas essas averiguações assignadas pelo Naturalista se achou, e achará em fim sempre, que tudo na verdade concorda para confirmar mais a verdade da Igreja Catholica, e a certeza da revelação Divina.

Nas mais corporações, em que não ha criterio certo, vivo, e permanente, he que poderia valer alguma cousa o argumento de *Rouffeau*, mas não na nossa.

Nós

Nós não mandamos para systemas Philosophicos , peregrinos , não mandamos só para livros , e linguas mortas , mandamos para a Tradição oral apostolica , para hum Juiz vivo , e subsistente ha 17 seculos na posse de julgar , e ser obedecido com a mais fiel , e reverente submissão , a pèzar de todos os esforços da herezia , que nunca prevalaceo.

Confessa *Rouffeau* , que elle não pode impugnar as provas , que persuadem a Religião revelada , mas não sabe solver os argumentos contra ella. Nós pelo contrario impugnamos todos os argumentos contra a revelação , e sòlvemos as duvidas com tal força , e evidencia , que nada fica sem resposta ajustada , suavisiva , perceptivel , sincera , de maneira que o todo destas soluções vem a ser hum argumento solido da verdade , que persuadem , e da falsidade , que impugnaõ ; ella he que convenceo tantos , e taõ illustres Philosophos , que vindos da Gentilidade , ou herezia fizeram apologias a favor da Igreja ;

a tantos Santos Padres, Doutores, Bispos, e Confessores, que abandonaraõ o mundo, e suas delicias: a tantas mulheres delicadas, e senhoras heroínas, as quaes com a divina graça perseveraraõ constantemente até a morte em huma completa victoria das paixões, e vida sem nota na maior segurança da Religiaõ, que abraçaraõ, e cultivaraõ. Na verdade he esta huma prova irrefragavel da nossa Religiaõ. A arvore má não pode dar fructos bons. Que haja na Igreja Catholica, Santos heroica, e incontrastavelmente taes, não he preciso recorrer a antiguidade, basta só examinar os processos das beatificações modernas para tirar toda a duvida.

Aqui tem logo a soluçaõ a outro argumento os Libertinos. Os filhos dos Catholicos não podem vir aqui em paralelo, como elles querem, com os filhos dos acatholicos; porque os primeiros não achando na sua Religiaõ cousa alguma manifestamente contra a rafaõ, observando a santidade, e formosura da sua doutrina, guiando-

ando-se , e conformando-se com ella , cada vez mais se firmaõ na verdade , e assim a não podem , nem devem licitamente desfamparar , nella se educaraõ , e nella seguramente se salvaõ. Pelo contrario , os que tiveraõ a infelicidade de nascerem , e se educarem em outra Religiaõ , a quem o Evangelho não foi annunciado , não serão condemnados por não assentir a elle ; *quomodo &c.* . . . mas serão arguidos , e condenados pelos peccados , que cõmetteraõ contra a Lei natural , e por praticarem , e seguirem os ritos torpes , e canones abominaveis das suas Seitas repugnantes á natureza : nem basta ter nascido , e ser criado nas taes Religiões , por que em tal materia se deve seguir o mais seguro , e se vejo que a outra Religiaõ he segura , a minha duvidoza devo deixa-la , se não sou inexcusavel.

Sendo porem isto verdade , Deos não obstante se mostrará mais remisso , e indulgente com todos estes miseraveis , que tem a infelicidade de nascer , e educar-se
desde

desde a primeira infancia nos Paizes dos infieis , do que com R. V. e o Marquez de Argens , e outros semelhantes, a quem o Evangelho está patente , e que contra toda a razão ridiculizaõ , resistindo abertamente á graça , fechando os olhos á luz, cegos voluntarios , e guias de cegos. O' que grande ira de Deos experimentaraõ estes miseraveis , e naõ só lhe seraõ imputados os peccados , que cõmetterãõ contra a Lei natural , mas com Judas seraõ precipitados , e condemnados como traidores , rebeldes , apostatas. Quem duvida , que melhor lhe fora naõ haver nascido , que haver vendido a verdade do Evangelho ? Poderaõ conseguir estes declamadores , e enganadores , que alguns menos cautos larguem a Fé , desamparem a Igreja ; mas sempre permanecerá hum grande povo Catholico , e catholicamente numeroso de Fieis constantes , e constantemente unidos aos seus Pastores. Tudo isto he o que está predicto , e assim o vamos vendo verificado cada vez mais.

Este

Este esquadraõ as portas do Inferno nunca poderaõ destruir, Poderá Deos permittir, que os perseguidores exterminem, e martyrizem Christãos, mas o fangue destes será semente para reviverem outros. A retirada de hum Judas dará ingresso á entrada de hum Mathias,

Esta milagrosa perseverança, e estabelecimento da Igreja com perseguições univérfaes, com milagres, martyrios, Prophecias cumpridas, e com outros factos notorios, obvios, e suafivos, forma hum motivo solido para firmar o assenso, e a Fé de qualquer homem racional, ainda illiterato, sem que elle se meta na particular averiguação deste, e daquelle Dogma especial, certo e seguro na solidéz, e evidencia dos motivos univérfaes da credulidade, taõ faceis de alcançar, e penetrar, como efficazes para persuadir a qualquer homem naõ preocupado.

Seja Fé de çarvoeiro, como para illudir dizem os nossos adversarios, mas prudente, meritoria, solidamente fundada,

da. CHRISTO quiz estebelecer a sua Igreja em tal forma , que podesse ser accessivel a todos os homens , não só literatos , mas illiteratos , com tanto , que penetrados os motivos de erer prestem voluntaria , e racionavelmente o seu assenso. Nas mais corporações se manda erer ou totalmente ás cegas por violencia , como fazem os Mahometanos ; ou discutindo primeiro a doutrina de qualquer dogma , que se ha de abraçar ; e como poderaõ cumprir os illiteratos com este canon ? Daqui vem , que até os mesmos sabios entre elles não firmaõ coufa certa , e segura ; divididos nos pareceres , ficaõ no fim das disputas taõ discordes como d' antes. A vista do que está claro , que o Parochiano ignorante entre os Protestantes não pode ter Fé irrefragavel , nem segurar-se no que lhe diz o seu ministro sem uniaõ , ou missaõ legitima , sem successaõ Apostolica , nem revelaçã Divina. A experiencia dos nossos , que com elles confinaõ , bem o mostra ; e assim morre como vive , sempre

pre incerto, duvidoso, temerozo, angustiado. A ração he clara, se o Parocho Catholico se descuidasse na doutrina universal, e legitima, teria logo contra si mil linguas, que o accusassem ao Bispo; e se o Bispo entregasse ao Parocho Cathecismo corrupto seria reclamado de novador pelos outros Bispos, e accusado ao Papa.

Pela ditã ração, o simples fiel vendo o seu Parocho conforme com o Bispo, e este com os mais Prelados Catholicos certifica-se, que aquillo, que lhe pregaõ, e propoem para crer, he uniformemente abraçado de todos os fieis por Divina, e Apostolica Tradição. Nas mais corporações, humas cousas não estão ligadas com outras. Questiona-se da doutrina directamente, e com franqueza de poder cada hum interpretar a Escriptura como lhe parecer. Bem se deixa logo ver, que em tal lance o Parochiano, e discipulo se funda só, ou principalmente na auctoridade do seu ministro, e mestre particular:

no

no nosso caso na do Parocho, do Bispo, do Papa, dos Apóstolos, de CHRISTO.

Confirma-se elle finalmente de ter affentido a verdade, conhecendo por experiencia, que quanto mais se conforma com a doutrina, que lhe prégaõ, tanto mais descança, socega, se illustra, e santifica. Sendo estas verdades taõ notorias, naõ se pergunta jamais a ração, porque em nenhum tempo algum Catholico quizesse á hora da morte mudar de Religiaõ, quando pelo contrario saõ innumeraveis os que de todas as Seitas naquelle fatal lance as largaõ, e abjuraõ, para protestar a Fé Catholica. Basta por todas a mudança taõ decantada, que fez o auctor do livro *L'esprit*. Este, que vivendo escreveu com tanta fadiga a favor da sua Philosophia, e era tido entre os que se prefaõ de Espiritos fortes, como mestre illuminado, Corifeo magnifico, foi visto, e ouvido á hora da morte amaldiçoar a sua Philosophia, e naõ poder descançar, até que chamando hum Ministro Ecclesi-

asti-

astico, se reconciliou com a nossa Igreja, e morreo em paz.

Naõ posso deixar de lamentar aqui a necessidade, ou pertinacia de tantos hereses, que affectaõ contra toda a rafaõ persuadir-se-lhes naõ ser licito invocar os Santos nesta vida, naõ obstante verem continuamente o bom exito desta invocação nos crentes; sem embargo das razões solidas, que a persuadem: vendo a praxe da Igreja constante desde o seu principio, e as Liturgias antigas, com as obras de todos os Santos Padres cheias de orações, e deprecações dirigidas aos habitadores da Patria Celestial, e exortações ao povo, para o fim de recorrer á elles em todas as necessidades temporaes, e espirituaes: vendo tudo isto omittaõ os incredulos hum socorro taõ prompto, e efficaz, e deixem de procurar por este meio o seu remedio, até affogar no coraçãõ o conato, que impelle para isso: he para lastimar. He para chorar, que deixem, e despresem o recurso á Mãe de Deos,

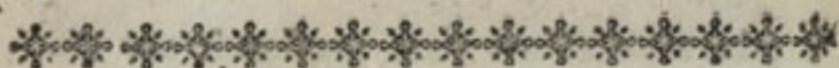
Deos , que he o canal por onde tão benignamente o Omnipotente reparte as suas misericordias , e affluencias. O' engano diabolico , ou falta de raciocinio !

Naõ se diz , que veneremos os Santos com culto idolatrico ; naõ como Deos , mas como servos , e amigos de Deos. Naõ como medianeiros para satisfazer adequadamente a injuria , e offensa Divina : pois neste sentido só he CHRISTO , e nem pode ser outro ; mas como intercessores Celestiaes , pedindo á maneira de Moysés perdaõ , e misericordia , e para que roguem incessantemente pelo povo fiel , como foraõ vistos por Judas Machabeo supplicar muito Jeremias , e Onias Sacerdote magno ja fallecido. Se os Santos Anjos recolhem as orações de Tobias , e outros fieis , como podem ignorallas ? Digaõ a rafaõ , porque ha de declinar-se a sua invocação , e persuadir hypocritamente ao povo ignorante , que se abstenha de huma pratica tão pia , util ,
e tal

e talvez necessaria para conseguir por intercessão dos Santos, os soccorros efficazes para a salvação.

F I M.





I N D E X

D A

P R I M E I R A P A R T E

- N*oticia previa preliminar. pag. 1
- §. 1. *Que cousa seja Razaõ universal.* 3
- §. 2. *Que cousa seja Razaõ particular.* 5
- §. 3. *Que cousa seja Verdade incommutavel objectiva, ou verdade eterna.* 6
- §. 4. *Verdade communicada.* ibid.
- §. 5. *Verdade de conhecimento.* 7
- §. 6. *As verdades incommutaveis quando são entendidas, e vistas se tocaõ immediatamente, ou se vem em si mesmas.* 9
- §. 7. *Em toda a parte apparecem ao entendimento de todos os homens algumas destas verdades, as quaes elles vem ainda que não queiraõ.* 12

- §. 8. *Corollarios 1. 2. 3. 4. 5. 6.* 13
Provas destes Corollarios. 16
- §. 9. *Consequencias destes Corollarios.*
 22
- §. 10 *Tres modos de apprehender algum
 objecto.* 28
- §. 11. *Que se entende por idea objecti-
 va.* 35
- §. 12. *Que cousa seja idea formal.* 36
- §. 13. *Idea simples , e composta.* *ibid.*
- §. 14. *Idea innata, e intelligivel.* 37
- §. 15. *Formaçã das ideas compos-
 tas.* 41
- §. 16. *A que causa se haõ de attribuir
 as apprehensoens do senso intimo ,
 e das cousas sensiferas com as
 imagens que dellas rezultaõ ,
 ou deixaõ na mente cognoscent-
 te.* 46
- §. 17. *Se as ideas innatas tem cau-
 sa.* 53
- §. 18. *Uniaõ , e amplexo de Deos com
 a creatura racional.* 54
- §. 19. *A Alma não pôde formar as pri-
 mei-*

- meiras ideas de muitas cousas que conhece.* 59
- §. 20. *Implicancia que apparece na idea de Deos , ou especie distincta delle.* 63
- §. 21. *Illustração da mesma materia.* 66
- §. 22. *Das imagens que chamamos de Deos.* 75
- §. 23. *Das apprehensoens , e conhecimentos das ideas innatas , e intelligiveis se podem formar imagens mentaes , que representem algumas verdades deduzidas dessas ideas.* 81
- §. 24. *Da verdade das ideas simples , e compostas.* 84
- §. 25. *Ainda na falta de idea especifica da cousa para virmos no seu exacto conhecimento conduzem muito os predicados geraes da mesma.* 87
- §. 26. *Todos os Philosophos ainda Locke , e outros semelhantes , na forma-*
ma-

- mação das ideas compostas verdadeiras , attendem ás luzes de outras ideas simples , que lhe não entraraõ pelos sentidos , ainda que neguem isso mesmo , e o contradigaõ com a boca , falsamente persuadidos , que não tem mais ideas , que as sensiferas , e experimentaes. 95*
- §. 27. *Ainda que pela virtude do entendimento se ajuntem ás sensações os conhecimentos do senso intimo , ausentes as luzes das ideas intelligiveis não poderia a Alma formar imagens , ou ideas de todas , e quaesquer cousas que conhece. 107*
- §. 28. *Se com verdade se pôde affirmar do objecto todo aquelle predicado , que se vir incluso na sua idea. 112*
- §. 29. *Que cousa seja natureza commum , universal. 114*
- §. 30. *Epilogo desta Dissertação. 120*

I N D E X

DA

SEGUNDA PARTE.

<i>A</i> dvertencia.	pag. 126
<i>Artigo I. Primeira idea</i> , Felicidade.	131
<i>Artigo II. Segunda idea</i> , Infinitude.	136
<i>Artigo III. Terceira idea</i> , Ser.	150
<i>Ilustração á Noção do ser.</i>	160
<i>Artigo IIII. Argumento</i> , que respeit- ta á opinião d'quelles Philosophos, que confessaõ, e affirmãõ, que o ho- mem considerado no instante em que obra bem, ou mal moralmente, não está privado de todo o conhecimento de Deos.	164
<i>Artigo V. He summamente imprudente toda</i> aquelle homem, que nega, ou não quer confessar a verdade de hum só Deos.	169
<i>Ar-</i>	

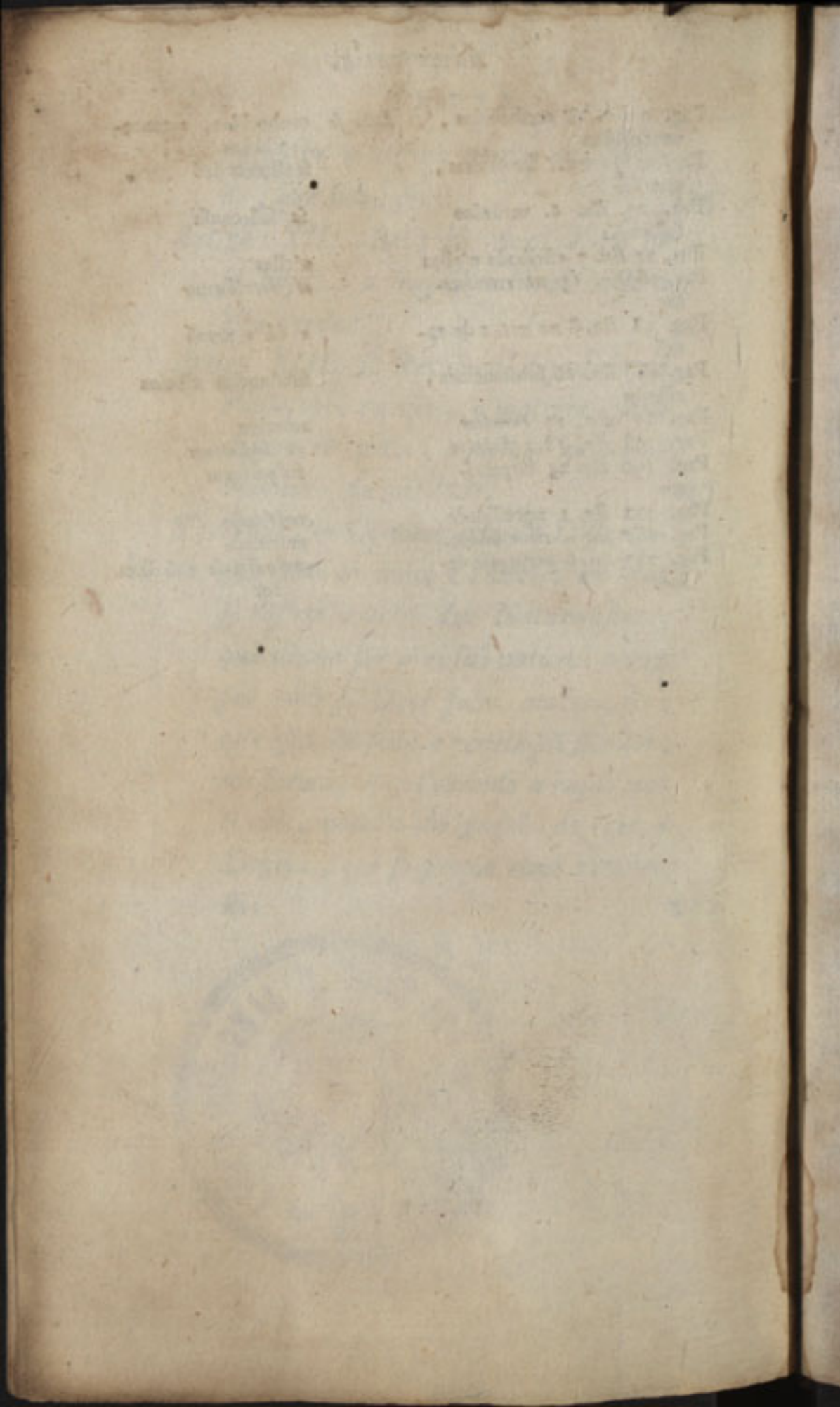
- Artigo VI. A idea que temos do Ser ,
ou Ente Supremo dá claramente a
conhecer , que he só hüm o verdadei-
ro Deos.* 179
- Artigo VII. A Historia da Creação do
mundo , e propagação do genero hu-
mano com a serie de acontecimentos
que narra , confirma a idea , que te-
mos de Deos , e a verdade da cor-
rupção originaria reparavel.* 186
- Artigo VIII. Nem Mafoma he este
Messias , nem a sua Religião a ver-
dadeira. Só a boa razão basta para
mostrar patentemente esta verdade.* 198
- Artigo VIII. He Paradoxo , e mani-
festa falsidade , que os cultores do
Mauzoleo , e falsos Deoses possam ser
acceptaveis ao verdadeiro Deos.* 203
- Artigo X. He evidente , que o Messias
esperado pelos antigos Judeos , seja
JESUS CHRISTO.* 208
- Artigo XI. Os Judeos figuravaõ mal a
idea do seu Messias ; por isso negaõ ,
e rejeitaõ a CHRISTO : mas esta ne-
gaõ*

- gação he a ultima prova da verdade , que impugnaõ. 214
- Artigo XII. Religião verdadeira he só huma , a razão natural mostra esta verdade. 226*
- Artigo XIII. A Revelação descobrio ao Philosopho campo , e materia para discorrer mais , e melhor no descobrimento da verdade. 247*
- Traçtado ; ou Complemento da Dissertação sobre as ideas . . &c. , em que se destroe o erro dos Naturalistas , que dizem ser a razão natural a voz por onde só Deos falla aos homens ; que esta he toda a revelação divina , em forma , que faltando a razão natural , não ha obrigação de crer o Dogma , que se propõe como revelado: 253*



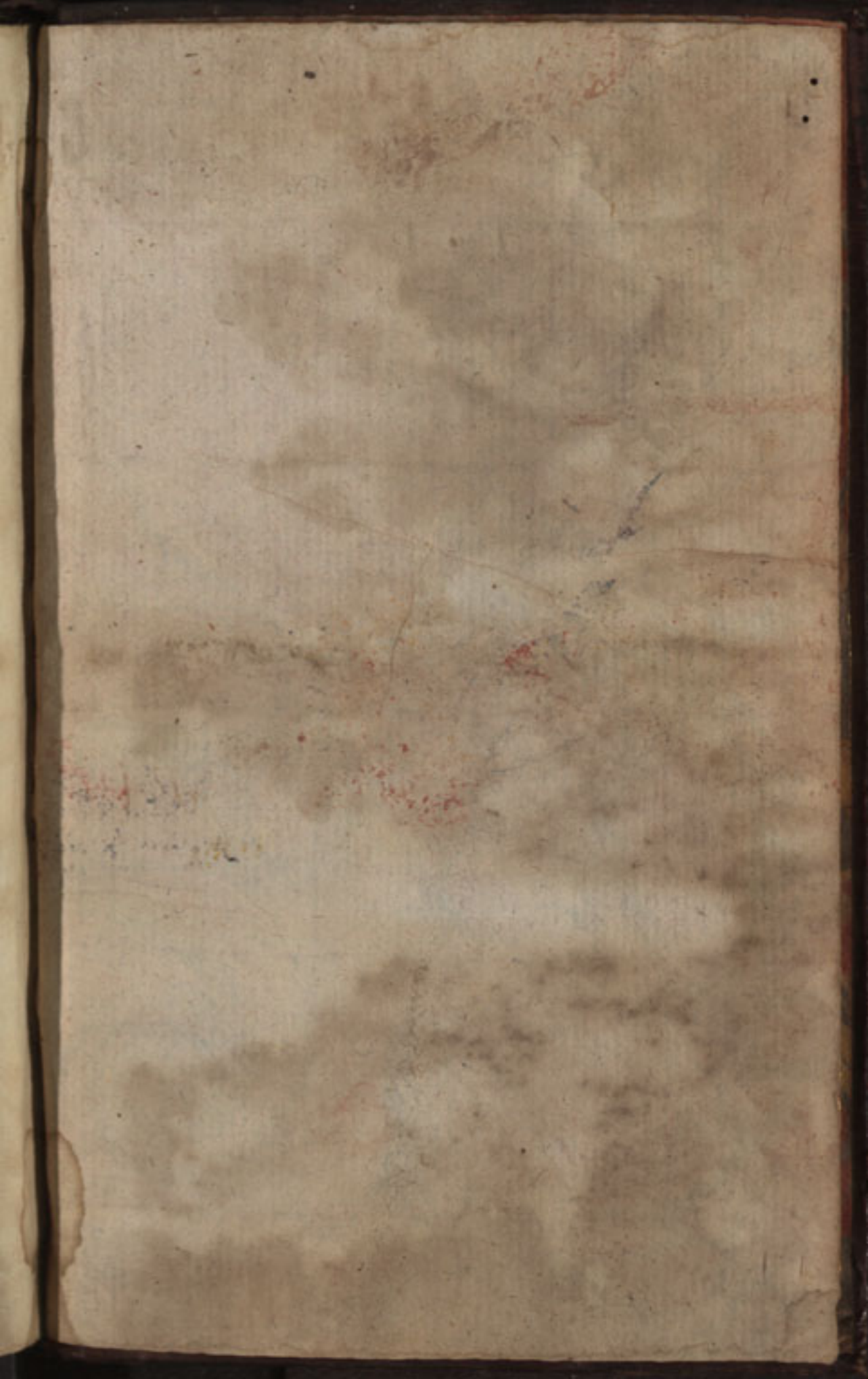
Advertencia.

Pag. 9 <i>lin.</i> 18 conhecidas, concebidas	<i>Leia-se</i> conhecidas, e conce- bidas
Pag. 20 <i>na not.</i> sen-siferas, que são	senfiferas são
Pag. 23. <i>lin.</i> 1. verdades são coufa	se são coufa
Pag. 25 <i>lin.</i> 7 estribada n'ellas	n'elles
Pag. 26 <i>lin.</i> 13 <i>ut retribu-</i> <i>tur</i>	<i>et retribuetur</i>
Pag. 38 <i>lin.</i> 8 <i>na not.</i> e de ra- zaõ	e dá a razaõ
Pag. 48 <i>lin.</i> 16 substanciaes, alheias	substancias alheias
Pag. 80 <i>lin.</i> 12 <i>eundem</i>	<i>eandem</i>
Pag. 138 <i>lin.</i> 18 <i>infinitum</i>	<i>in infinitum</i>
Pag. 190 <i>lin.</i> 23 suspeito- zos	suspeitozas
Pag. 272 <i>lin.</i> 1 necessidade	nescidade
Pag. 287 <i>lin.</i> 4 necessidade.	nescidade
Pag. 287 <i>lin.</i> 6 persuadir-se- lhes	persuadir-se não lhes ser

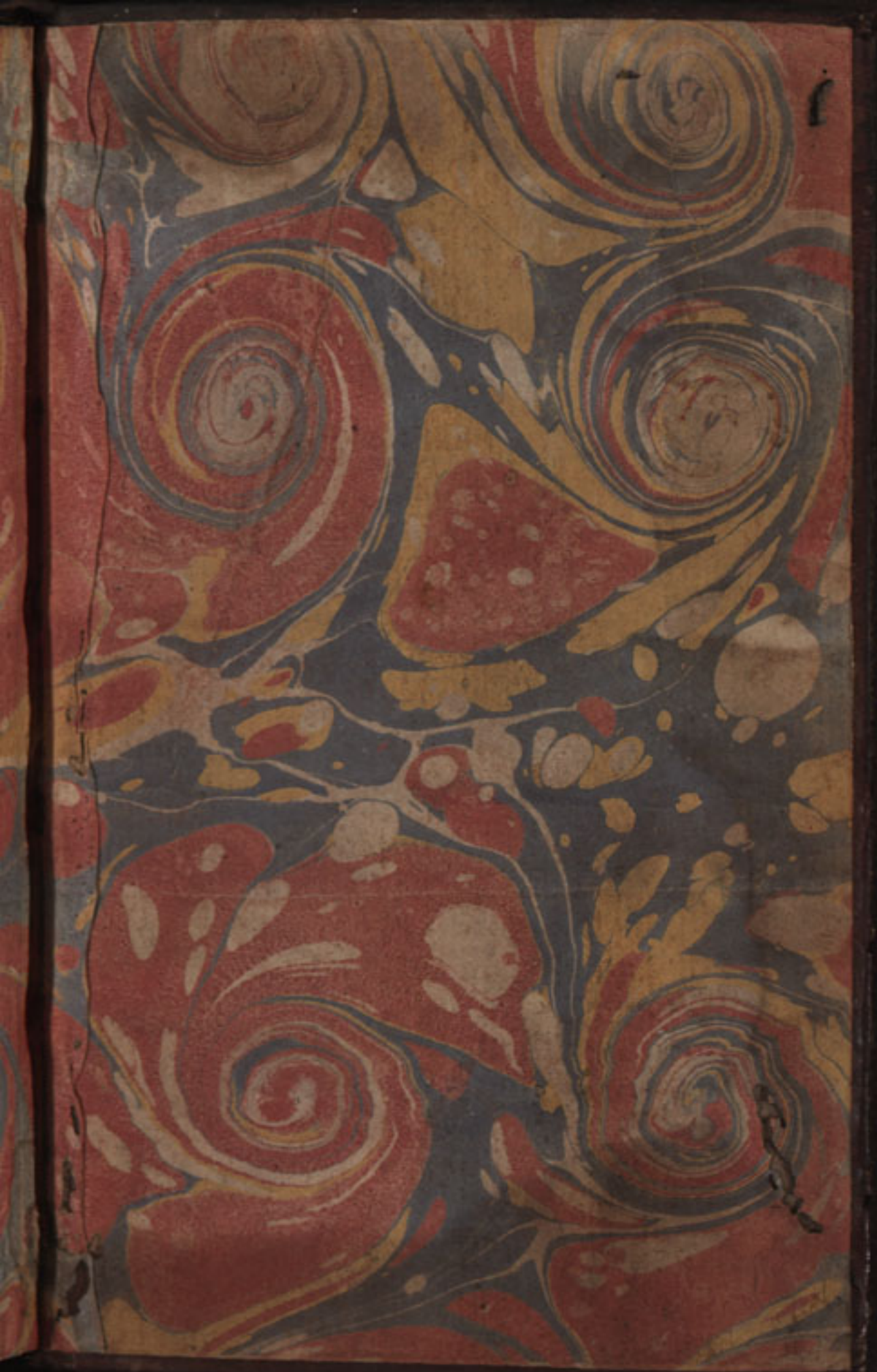


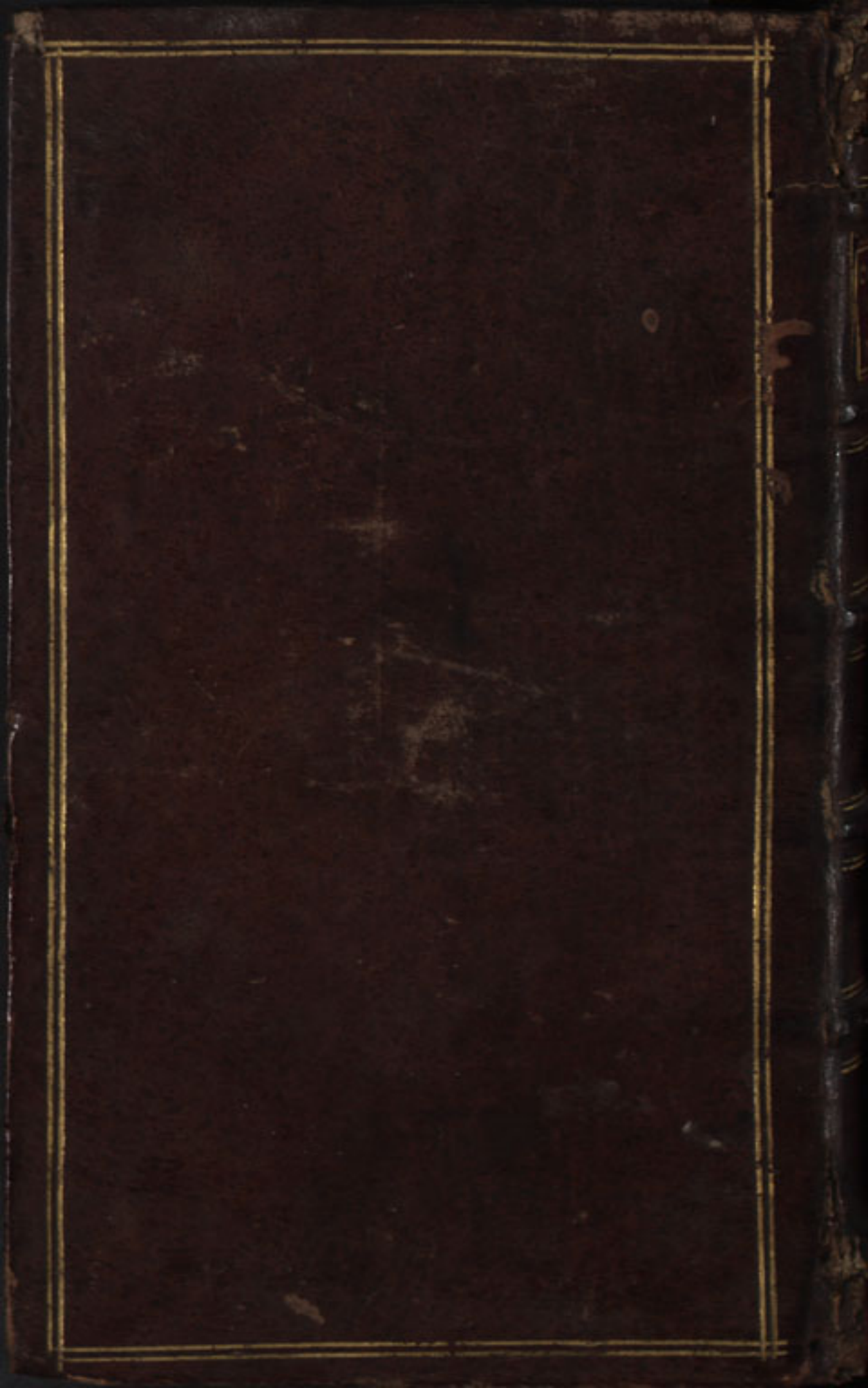












COMBIN.
DAS
IDEAS